



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

BRUNA MAYARA KOMARCHESQUI

RETRATOS DE UMA CIDADE:
A FOTOGRAFIA NO JORNAL *PARANÁ-NORTE* (1934-1953) E
NA REVISTA *A PIONEIRA* (1948-1954)

Londrina
2013

BRUNA MAYARA KOMARCHESQUI

RETRATOS DE UMA CIDADE:
A FOTOGRAFIA NO JORNAL *PARANÁ-NORTE* (1934-1953) E
NA REVISTA *A PIONEIRA* (1948-1954)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Boni

Londrina
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Marlova Santurio David - CRB 9/1107

K81r Komarchesqui, Bruna Mayara.

Retratos de uma cidade : a fotografia no jornal *Paraná-Norte* (1934-1953) e na revista *A Pioneira* (1948-1954) / Bruna Mayara Komarchesqui. – Londrina, 2013.
132 f. : il.

Orientador: Paulo César Boni.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Fotojornalismo – Londrina (PR) – Teses. 2. Fotografia documentária – Londrina (PR) – Teses. 3. Comunicação visual – Teses. 4. Fotografia na historiografia – Teses. I. Boni, Paulo César. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

CDU 070:77.03

BRUNA MAYARA KOMARCHESQUI

RETRATOS DE UMA CIDADE:
A FOTOGRAFIA NO JORNAL *PARANÁ-NORTE* (1934-1953) E
NA REVISTA *A PIONEIRA* (1948-1954)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo César Boni (Orientador)
UEL – Londrina - PR

Profa. Dra. Angelita Marques Visalli
UEL – Londrina - PR

Profa. Dra. Simonetta Persichetti
Faculdade Cásper Líbero – São Paulo - SP

Londrina, 22 de fevereiro de 2013.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pela saúde.

Aos meus pais, por serem a base sólida e o apoio em todas as horas.

Aos meus irmãos, Felipe, que, com seus conhecimentos estatísticos, ajudou na elaboração dos gráficos deste trabalho, e Mateus, por alegrar nossos dias, sempre.

Ao meu orientador, Paulo Boni, pelo incentivo e confiança incondicionais desde as aulas do primeiro ano do curso de Comunicação Social – Jornalismo, em 2006.

Ao meu namorado, Aurélio Cardoso, pelo amor, pela paciência nos momentos de crise com a dissertação, e por sempre acreditar e se orgulhar das minhas conquistas.

Aos amigos do Jornal de Londrina, especialmente Rosane Verdegay de Barros e Fábio Alves Silveira, pelas incontáveis conversas e conselhos acadêmicos durante a realização deste trabalho.

À Capes, por ter concedido uma bolsa de pesquisa que tornou a primeira metade desse curso possível.

Aos amigos da sala de Pesquisa e Fomento, por tornarem as manhãs do primeiro ano do Mestrado mais felizes.

Aos funcionários do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss e do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL, pelo auxílio na pesquisa documental deste trabalho.

Aos professores do departamento de Comunicação da UEL, especialmente, Florentina das Neves Souza, pelas contribuições na banca de qualificação.

À professora Angelita Visalli, pelas aulas como estudante especial, pelas contribuições na qualificação, e por aceitar participar desta banca de avaliação.

À professora Simonetta Persichetti, pelas contribuições na disciplina de estética e por ter me dado a honra de participar desta defesa.

Ao professor Alberto Gawryszewski, pelas dicas de leitura.

Aos colegas do mestrado, que todos tenham muito sucesso nesta nova fase que se inicia.

E, de maneira especial, ao meu avô, José Komarchesqui, pioneiro de Londrina, que, sem perceber, ajudou a germinar o fascínio pela história desta cidade durante as incontáveis horas de conversa, desde a infância. Obrigada por se orgulhar tanto de mim, vô, e por todas as orações pela minha felicidade.

“Onde o homem passou, onde deixou
qualquer marca da sua vida e da sua
inteligência, aí está a história.”
(Fustel de Coulanges)

KOMARCHESQUI, Bruna Mayara. **Retratos de uma cidade:** a fotografia no jornal *Paraná-Norte* (1943-1953) e na revista *A Pioneira* (1948-1954). 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RESUMO

A cidade de Londrina (norte do Paraná) se emancipou politicamente em 10 de dezembro de 1934, cinco anos após a chegada dos desbravadores da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) – empresa de capital majoritariamente inglês que iniciou a colonização em 1929. Em outubro de 1934, dois meses antes de ser elevada à condição de município, Londrina viu nascer seu primeiro veículo de comunicação, o jornal *Paraná-Norte*. Presente desde o início, a imprensa registrou em suas páginas as transformações pelas quais a cidade passou ao longo dos anos, sendo um documento de importante valor histórico. Este trabalho, portanto, tem como objetivo analisar a trajetória dos primeiros anos da imprensa londrinense a partir do lugar ocupado pela imagem nas páginas do primeiro jornal da cidade, o *Paraná-Norte* (1934-1953) e da revista *A Pioneira* (1948-1954). Para entender a importância da fotografia publicada nesses veículos como vestígio para a escrita da história de Londrina, lançou-se mão de algumas metodologias de pesquisa. A primeira delas foi o levantamento bibliográfico, seguido da análise documental (MOREIRA, 2009) de todas as edições do jornal e da revista disponíveis à consulta pública, que possibilitou escrever sobre a trajetória dos dois meios de comunicação pioneiros. Já o estudo comparativo da fotografia no *Paraná-Norte* e na revista *A Pioneira* foi feito por meio da análise iconográfica, proposta por Kossoy (2001). Diante da impossibilidade de se estudar o universo de fotografias publicadas pelos dois periódicos, optou-se por selecionar, por meio de sorteio randômico, um exemplar por ano de circulação do jornal e da revista. Assim, o estudo centrou foco em 18 edições do *Paraná-Norte* (já que para os anos de 1951 e 1952 não há exemplares disponíveis) e 7 da revista *A Pioneira*. Apoiando-se em referenciais teóricos que versam sobre interfaces entre história e imagem, fotografia de imprensa e memória, retratos e álbuns de família, conclui-se que, embora o recurso imagético tenha sido explorado de maneira diferente pelos dois veículos, até mesmo por dificuldades de ordem técnica e financeira, em ambos, o objetivo era o mesmo: propagandear feitos, pessoas, o progresso e o desenvolvimento local.

Palavras-chave: Fotografia de imprensa. Fotografia e Memória. História de Londrina (PR). *Paraná-Norte*. *A Pioneira*.

KOMARCHESQUI, Bruna Mayara. **Portraits of a city:** the photograph in the paper *Paraná-Norte* (1943-1953) and the magazine *A Pioneira* (1948-1954). 2013. 132 p. Dissertation (Master in Communication) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

ABSTRACT

The city of Londrina (north of Paraná State) emancipated politically on December 10, 1934, five years after the arrival of the pioneers of the Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) - mostly English owned company that began colonization in 1929. In October 1934, two months before being elevated to the status of municipality, was born the first communication vehicle in the city, the newspaper *Paraná-Norte*. Present from the beginning, the press reported on its pages the transformations that city suffered through the years, being a document of important historical value. This study therefore aims to analyze the beginning of the trajectory of Londrina's press from the place occupied by the image in the pages of the city's first newspaper, *Paraná-Norte* (1934-1953) and the magazine *A Pioneira* (1948-1954). To understand the importance of photography published in such vehicles as trace for writing the history of Londrina, it employed some research methodologies. The first was the literature, followed by the documentary analysis (MOREIRA, 2009) for all editions of the newspaper and magazine available to the public consultation, which allowed to write about the history of the two media pioneers. Already a comparative study of photography in *Paraná-Norte* and *A Pioneira* was done by iconographic analysis, proposed by Kossoy (2001). Faced with the impossibility of studying the universe of photographs published by two journals, we chose to select, via random draw, one copy per year of circulation newspaper and magazine. Thus, the study focused on 18 editions of *Paraná-Norte* (for the years 1951 and 1952 there are no copies available) and 7 of the magazine *A Pioneira*. Drawing on theoretical frameworks that deal with interfaces between story and image, press photography and memory, portraits and family albums, we conclude that, although the use of imagery has been explored differently by the two vehicles, even because of difficulties technical and financial, in both, the goal was the same: propagandize personal contributions, people, progress and local development.

Keywords: Press photo. Photography and Memory. History of Londrina (PR). *Paraná-Norte*. *A Pioneira*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa e contracapa da primeira edição do <i>Paraná-Norte</i> , 9 de outubro de 1934.....	39
Figura 2 – Fachada da Tipografia Oliveira, na Rua Mato Grosso, na década de 1940.....	40
Figura 3 – Capa e contracapa do <i>Paraná-Norte</i>	83
Figura 4 – Capa de 28 de abril de 1935 e detalhe da fotografia dos trabalhadores na estrada de ferro.....	85
Figura 5 – Panfleto eleitoral de Bento Munhoz da Rocha Neto.....	85
Figura 6 – Retrato de Bento Munhoz da Rocha Neto.....	86
Figura 7 – Página do <i>Paraná-Norte</i> sobre a Casa de Saúde e Maternidade Rocha Loures.....	87
Figura 8 – Publicidade da Casa de Saúde.....	88
Figura 9 – Retrato de Josino Alves da Rocha Loures.....	90
Figura 10 – Retrato de João Alves da Rocha Loures.....	90
Figura 11 – Retrato de Celso Garcia Cid.....	91
Figura 12 – Retrato de Hugo Cabral.....	91
Figura 13 – Retrato de Bento Munhoz da Rocha Neto já governador do estado.....	91
Figura 14 – Retrato de Humberto Puiggari Coutinho.....	93
Figura 15 – Retrato de David Serra.....	93
Figura 16 – Retrato de Ruy Antonio Martins.....	94
Figura 17 – Winston Churchill sendo recebido em Londres.....	95
Figura 18 – Soldados italianos conduzindo mulas com suprimentos.....	96
Figura 19 – Tomada noturna da sede da ONU.....	97
Figura 20 – Partida de futebol do Club Atlético Ipiranga, no Estádio Pacaembu.....	97
Figura 21 – Propaganda do Hotel Luxemburgo.....	98
Figura 22 – Capa da primeira edição da revista <i>A Pioneira</i> , que circulou em maio de 1948.....	100
Figura 23 – Freya Schulteiss ao lado do repórter de <i>A Pioneira</i> , José Geraldo.....	102

Figura 24 – Primeira padaria de Londrina, instalada onde hoje é a Avenida Paraná	103
Figura 25 – A casa da família de Freya ao lado do prédio do “Empório”, antes da fachada ser transformada	104
Figura 26 – O mesmo local, anos depois, com a rua já pavimentada e árvores na frente da casa	104
Figura 27 – A Igreja Matriz de Londrina por volta do ano de 1938	107
Figura 28 – Espelho da revista <i>A Pioneira</i> , com fotografias da visita do presidente Eurico Gaspar Dutra.....	108
Figura 29 – A sala de estar com lareira da luxuosa residência dos Roehrig	110
Figura 30 – Fila nos guichês de um banco de Londrina na década de 1940.....	111
Figura 31 – Londrinense saindo com dinheiro de uma agência bancária	111
Figura 32 – Apresentação de nadadores japoneses na inauguração da piscina do Country, em 1950	112
Figura 33 – Jipes em uma rua do centro de Londrina.....	114
Figura 34 – Jipe sendo usado como força motriz para secagem do café	115
Figura 35 – Praça Willie Davids em dois momentos distintos.....	116
Figura 36 – Construção do Edifício Autolon e do Cine Teatro Ouro Verde, em 1949.....	117
Figura 37 – Autolon e Ouro Verde já prontos, em 1952.....	117
Figura 38 – Capa e contracapa coloridas da décima quinta edição da revista	118
Figura 39 – Procissão das Filhas de Maria, durante visita da imagem de Nossa Senhora de Fátima	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Valores de anúncios no Paraná-Norte, no início dos anos 1940.	48
Tabela 2 – Temáticas abordadas pelas fotografias do <i>Paraná-Norte</i>	82

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** – Relação do número de fotografias por página ao longo das edições da revista *A Pioneira*.....122
- Gráfico 2** – Média de fotografias por página da revista122
- Gráfico 3** – Porcentagem de fotografias de Londrina em relação ao total de fotografias publicadas pela revista.....123

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

API	Associação Paulista de Imprensa
BNS	British News Service
CDPH	Centro de Documentação e Pesquisa Histórica
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
PN	<i>Paraná-Norte</i>
PR	Partido Republicano
PSD	Partido Social Democrático
UDN	União Democrática Nacional
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 METODOLOGIA	18
1.1 ANÁLISE DOCUMENTAL.....	19
1.2 A FOTOGRAFIA DE IMPRENSA COMO FONTE DE RECUPERAÇÃO HISTÓRICA	23
1.3 DOS ÁLBUNS PARA OS PERIÓDICOS: AS FOTOGRAFIAS DE FAMÍLIA	30
1.4 ANÁLISE ICONOGRÁFICA	34
2 PARANÁ-NORTE E A PIONEIRA	38
2.1 SURGE O PRIMEIRO JORNAL DE LONDRINA	38
2.1.1 As Mudanças na Direção.....	47
2.1.1.1 O Varguismo em cheque	57
2.1.2 Puiggari Volta ao Paraná-Norte.....	62
2.2 REVISTA A PIONEIRA: O RETRATO DO NORTE DO PARANÁ	70
3 A FOTOGRAFIA NO PARANÁ-NORTE E NA REVISTA A PIONEIRA	81
3.1 ANÁLISE IMAGÉTICA DO JORNAL PARANÁ-NORTE	81
3.2 ANÁLISE IMAGÉTICA DA REVISTA A PIONEIRA.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	128
DOCUMENTAÇÃO	131

INTRODUÇÃO

Há mais de uma década, dezenas de projetos de pesquisa desenvolvidos nos programas de graduação e pós (*Stricto* e *Lato sensu*) do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) têm ressaltado a importância da fotografia como fonte para a escrita da história do norte do Paraná. Vista como simples ilustração aos textos durante muito tempo e relegada a segundo plano em boa parte das pesquisas de caráter histórico, nesses projetos a fotografia é elevada à condição de documento iconográfico e tem ajudado a dissipar dúvidas e corrigir erros reproduzidos em materiais bibliográficos publicados até então.

Levando em conta a importância da democratização das descobertas para além dos muros da universidade, os resultados dessas pesquisas têm sido disseminados, sobretudo na forma de livros, para evitar que a história seja engavetada, como ocorre com boa parte das pesquisas acadêmicas. Um exemplo bem sucedido nessa linha de investigação é o livro *O papel do Paraná Norte na construção da Santa Casa e o esporte nas ondas do rádio: duas experiências históricas da imprensa londrinense*, publicado em 2010. Resultado dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) em Comunicação Social – Jornalismo de Natália de Fátima Rodrigues e Bruna Komarchesqui, a publicação é fruto de anos de pesquisas sobre a história de Londrina e, mais especificamente, de sua imprensa.

Garimpar detalhes sobre a história da região norte do Paraná de sua imprensa e, principalmente do município de Londrina, não é tarefa das mais fáceis, apesar de se tratar de uma cidade jovem. Infelizmente, poucos são os que guardaram fotografias organizadas em álbuns e hoje têm um riquíssimo conjunto de documentos imagéticos da trajetória de desenvolvimento da cidade. A maioria daqueles que embarcaram na região – motivados pela promessa de progredir na “terra vermelha” – não tinha consciência alguma de estarem fazendo história. Em uma das entrevistas para a realização da pesquisa citada, ao questionar um pioneiro do rádio esportivo londrinense se teria fotografias da época, ouvimos em resposta a triste – e nada rara – frase “Ah, minha mulher jogou tudo fora em uma faxina, porque disse que era lixo!”

Ao longo de uma pesquisa de caráter histórico, muitas dúvidas aparecem. É comum encontrar choques de datas em relatos de entrevistados e até

mesmo em livros publicados anteriormente. Nesses casos, a imprensa de época, sobretudo a local, é uma importante aliada na recuperação histórica de uma cidade. Quando era necessário dirimir alguma dúvida, recorriamos aos periódicos e revistas publicados em Londrina disponíveis nos arquivos do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) da UEL e na Biblioteca Pública Municipal. Foi nas páginas antigas dessas publicações que encontramos textos e, mais ainda, fotografias preciosas para escrever a história do rádio esportivo londrinense o mais próximo possível da realidade.

Foi por meio de uma fotografia de imprensa, aliás, que pudemos corrigir a data da primeira transmissão esportiva na cidade. A maioria das fontes de pesquisa disponíveis adotava o dia 7 de setembro de 1949, mas em nossa pesquisa documental concluímos que a partida de futebol entre Operário e Palmeiras, irradiada pioneiramente por Ambrósio Neto nas ondas da ZYD-4 Rádio Londrina, ocorreu em 7 de setembro de 1947. Isso tudo graças a uma fotografia publicada na revista comemorativa ao primeiro ano do *Paraná-Jornal*, em 1947, que mostrava uma faixa do desfile de 7 de setembro, saudando “a embaixada da Sociedade Esportiva Palmeiras” que chegara a Londrina para a disputa que terminaria com o dilatado placar de 10 a 0 para os visitantes.

Dada a importância dos periódicos de época para a história da cidade e a escassez de material bibliográfico sobre o tema, consideramos oportuno um estudo específico sobre a imprensa em Londrina. Apesar de muitos pesquisadores já terem utilizado jornais e revistas de época como objetos de análise, na maioria das vezes o fizeram de forma fragmentada, estudando apenas uma temática ou utilizando esses meios de comunicação para confirmar informações, como fizemos com as transmissões radiofônicas esportivas. Raramente, alguém se debruçou de maneira mais cuidadosa sobre o próprio fazer jornalístico em Londrina. E foi assim que surgiu este trabalho.

Nos vários livros que tratam sobre a história da cidade, a trajetória da imprensa sempre mereceu pouco destaque. Em duas ou três páginas, estava tudo o que o autor tinha conseguido levantar sobre o tema. E, claro, muitos erros acabaram sendo reproduzidos ao longo de décadas de história. A publicação mais específica sobre a imprensa londrinense é o *livro História da imprensa de Londrina – do baú do jornalista*, do ano de 1991, escrito por Marinósio Trigueiros Filho e Marinósio Trigueiros Neto. Em 178 páginas, os autores reuniram importantes

informações sobre jornais e revistas que surgiram na cidade desde o nascimento do pioneiro *Paraná-Norte*, em outubro de 1934.

Os méritos do trabalho são evidentes. Depois de reunidas e publicadas, as informações até parecem óbvias, mas o levantamento de nomes e datas é cansativo e, muitas vezes, realizado de forma braçal. Nesse sentido, a contribuição dos Marinósios para a história de Londrina é de grande valor. Embora a obra sirva de roteiro para quem deseja pesquisar a imprensa londrinense, uma análise mais cuidadosa evidencia várias inconsistências e imprecisões nas informações trazidas pelos autores, cujas fontes quase nunca são citadas.

A proposta do presente trabalho é, portanto, analisar a trajetória dos primeiros anos da imprensa londrinense, a partir do local ocupado pela imagem nas páginas do primeiro jornal da cidade, o *Paraná-Norte* (1934-1953), e da revista *A Pioneira* (1948-1954), com o objetivo de contribuir para a compreensão desse passado. A escolha dos dois veículos não foi aleatória. Em um primeiro momento, o objetivo deste trabalho era trabalhar com todos os meios de comunicação impressos que haviam circulado em Londrina de 1934 (quando surgiu o *Paraná-Norte*) a 1963 (quando a televisão chegou ao norte do Paraná). Porém, ao iniciarmos a pesquisa nos demos conta de que a precariedade dos recursos e a limitação de tempo para a conclusão de uma dissertação de mestrado nos impediriam de esgotar satisfatoriamente todos os periódicos publicados no recorte temporal inicial.

Assim, optamos analisar a trajetória do *Paraná-Norte* e da *A Pioneira* de maneira mais exaustiva, apenas pincelando informações sobre os demais veículos impressos de vida efêmera que apareceram em Londrina de 1934 a 1954. Já a *Folha de Londrina*, que surgiu no final dos anos 1940 e segue em circulação até os dias atuais, ficou para um projeto posterior, possivelmente de doutorado, dada a complexidade, riqueza e vastidão do objeto.

Criado meses antes da emancipação política de Londrina, o jornal o *Paraná-Norte* é uma rica fonte de informação sobre o cotidiano dos primeiros anos da cidade. Na década de 1990, devido às constantes consultas do periódico por pesquisadores, o Museu Histórico de Londrina e o CDPH se uniram em um projeto de microfilmagem do jornal, com o objetivo de preservar os originais de possíveis deteriorações em consequência de manipulação humana, sem, no entanto, impedir o acesso às informações neles contidas. O trabalho foi concluído em 1996. Além de exemplares em poder de pioneiros, a equipe teve acesso a números disponíveis na

Coleção da Biblioteca Nacional e na Biblioteca Pública do Paraná. Com as várias doações e compra de exemplares, foi possível reunir 983 edições do *Paraná-Norte*, de um total presumível de 1.154 números. A coleção disponível à consulta pública vai de 9 de outubro de 1934 a 24 de setembro de 1953, com alguns exemplares faltantes nesse intervalo, sobretudo nos últimos anos do jornal. Sendo assim, não é possível afirmar categoricamente quando o periódico deixou de circular, já que na última edição “presumível” não há qualquer menção a um possível fim do *Paraná-Norte*.

Na primeira parte do trabalho, trazemos uma análise contextual dos conteúdos publicados nas páginas do jornal *Paraná-Norte* e de *A Pioneira*, com o objetivo de apresentar a trajetória dessas publicações de maneira organizada, de modo que seja útil a pesquisas e trabalhos futuros. Após a recuperação da trajetória desses veículos de comunicação pioneiros, selecionamos algumas fotografias por eles publicadas para uma análise. Dada a vastidão de textos e imagens das duas coleções, optamos por proceder um sorteio randômico para escolher uma edição do jornal e da revista por ano de circulação. Assim, foram selecionados para análise sete números de *A Pioneira* e dezoito do *Paraná-Norte* (apesar do jornal ter circulado de 1934 a 1953, portanto, 20 anos, não há exemplares disponíveis à consulta pública dos anos de 1951 e 1952).

Vale lembrar, também, que, durante os 20 anos de circulação, o *Paraná-Norte* trouxe pouquíssimas fotografias. Uma explicação plausível para isso são as limitações técnicas existentes à época. Nos anos 1930 e 1940, a publicação de uma imagem em páginas impressas demandava a fabricação de um clichê¹ que, muitas vezes, precisava ser feito em São Paulo e demorava dias para chegar a Londrina. Já a revista *A Pioneira*, que era bimestral – embora com circulação bastante irregular ao longo dos anos – e, portanto, mais planejada, costumava explorar de maneira bastante significativa o recurso imagético.

Além de ser própria do gênero revista ilustrada, no caso específico de *A Pioneira*, a profusão de imagens é explicada também pelo fato da revista ser produto de uma empresa de propaganda, criada por Barbosa Pupo, em 1948, com o objetivo de alavancar os negócios do empresariado local. Para uma cidade que

¹ Conhecido como autotipia ou meio-tom, o clichê é uma técnica utilizada para compor tipograficamente uma fotografia lado a lado com blocos de texto, por meio de uma matriz, geralmente em metal, formada de pontos em alto relevo, correspondentes às áreas escuras da imagem.

começava a dar seus primeiros passos rumo ao desenvolvimento, nada poderia produzir melhor efeito publicitário do que a imagem, dado seu poder de encantamento e sua ligação umbilical com a realidade, com o instante congelado pela lente do fotógrafo.

Com a análise do uso da fotografia no *Paraná-Norte* e em *A Pioneira*, pretendemos evidenciar a importância da imagem de imprensa para a recuperação histórica de uma determinada localidade, mais especificamente, de Londrina. Não entendemos que as fotografias aqui estudadas se encaixem na categoria fotojornalismo, pelo menos, não em seu sentido estrito, já que, claramente, não foram pensadas especificamente para o formato jornal. Adotamos, portanto, o conceito de “fotojornalismo *Lato sensu*” de Jorge Pedro Sousa, descrito no livro *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Para o autor, essa modalidade de fotojornalismo congrega toda imagem informativa, interpretativa, documental ou ilustrativa publicada na imprensa, sem a necessidade de serem imagens de acontecimentos ou frutos de coberturas de interesse jornalístico. Por esse motivo, durante a análise, utilizamos autores que tratam do uso documental da fotografia, como Boris Kossoy (2001 e 2007), Erwin Panofsky (1995) e Peter Burke (2004), além de estudos sobre interfaces entre a fotografia e a história, como os de Ana Maria Mauad (1996) e Annateresa Fabris (2004).

A proposta contributiva do trabalho é, portanto, analisar a fotografia nas duas publicações, a fim de compreender sua importância para a história de Londrina. Embora as diferenças, sobretudo quantitativas, sejam grandes, pode-se dizer que os objetivos do jornal e da revista eram praticamente os mesmos: propagandear feitos, pessoas, o progresso e o desenvolvimento local. Para alcançar esse intento, ambos se utilizavam amplamente de retratos, muitas vezes, retirados de álbuns de família. Nas páginas do *Paraná-Norte* e, principalmente, de *A Pioneira* é possível encontrar imagens do cotidiano de Londrina, de riquíssimo valor histórico. Recuperá-las e estudá-las é uma forma de preservar os rastros de vida e de história deixados, não só pelos homens que as produziram, mas também pelos retratados, por aqueles que estavam na cidade em determinada época.

1 METODOLOGIA

Apesar de não serem recentes, as pesquisas envolvendo mídia e história vêm ganhando força e, de acordo com Barbosa (2007, p.15), “ocupam hoje lugar central na preocupação de dezenas de pesquisadores de múltiplas áreas de conhecimento”. Para a autora, o olhar de cada um dos campos direcionado ao passado – dos pontos de vista teórico e metodológico – acaba por fazer dessa relação mídia-história “um universo de possíveis”.

Enquanto a comunicação vê prioritariamente a história como possibilidade de adentrar o passado e recuperar, neste mesmo passado, fontes inteligíveis que podem trazer o passado para o presente, a história considera emblematicamente os meios de comunicação como ferramentas disponíveis para a compreensão de um contexto mais amplo invariavelmente localizado no passado. (BARBOSA, 2007, p.15).

O uso de jornais e revistas como fonte documental em pesquisas históricas é, portanto, bastante explorado por estudiosos interessados em escrever, sobretudo, a história de tempos mais próximos, como destaca Borges (2001, p.62). “Até agora, as fontes escritas têm sido mais aproveitadas; muitos trabalhos de história feitos com a imprensa têm utilizado esse tipo de fonte respeitando sua especificidade, por exemplo, o jornal.”

Dada a importância dos produtos comunicacionais de determinada época como documentos históricos, surge a preocupação de preservá-los e estudá-los. Recuperar a trajetória da imprensa de determinado local tem, portanto, duplo papel, levando-se em consideração que também os meios de comunicação são fontes históricas importantíssimas. Não deixar que periódicos do passado se percam é uma forma de preservar a história da época em que eles foram publicados.

É a partir de restos e vestígios que chegam do passado ao presente também que podemos recontar as histórias que envolvem prioritariamente as ações comunicacionais do passado. Muitas vezes nessas ações, o objetivo último é prefigurar os sistemas de comunicação existentes em dado momento e lugar. Nesse instante, a história que afinal é comunicação, se torna história da comunicação. (BARBOSA, 2007, p.18).

O empenho na tarefa de recuperar a trajetória de meios de comunicação de determinada época e lugar precisa levar em consideração que a escrita da história é sempre uma interpretação. Por mais que se valha de elementos

teóricos e metodológicos, a seleção de fatos, argumentos, situações e até de palavras específicas é também uma forma de “inventar” a história, na visão de Barbosa (2007).

Uma vez que o passado é inverificável, já que deixou de existir e só pode ser tocado pelo discurso da história, Barbosa (2007, p.21) destaca que a reconstrução histórica também é obra da imaginação e da subjetividade, já que pressupõe uma combinação de documentos, de modo a dar coerência a determinada narrativa que se pretende compor.

Recuperar o passado significa caminhar do agora numa direção pretérita a partir de traços, restos, vestígios que o passado deixa no presente. Significa considerar que os rastros são signos de representação. Seguir um rastro significa percorrer um caminho já trilhado pelos homens do passado. Os rastros pressupõem que os homens do passado passaram por ali: são traços que ficaram de suas atividades, de suas obras (ferramentas, casas, templos, sepulturas, escritos, imagens) e que deixaram marca. Assim, ter passado por ali e ter posto uma marca se equivalem. (BARBOSA, 2007, p.25).

O que vai orientar a investigação, a pesquisa, segundo Ricoeur (*apud* BARBOSA, 2007), é o rastro. Preservado em seus vestígios, o significado do passado é, dessa forma, trazido ao presente e interpretado no presente. “Nos rastros que os meios de comunicação deixaram sobressai a materialidade dos meios [...]. Textualidades de uma época, informando mais do que sobre a época.” (BARBOSA, 2007, p.26).

1.1 ANÁLISE DOCUMENTAL

Tendo em vista os jornais e revistas de época como rastros que os londrinenses deixaram acerca do cotidiano da cidade, desde seu surgimento, a análise dos primeiros passos de sua imprensa pode ser considerada uma tarefa de suma importância para a preservação da memória de Londrina e da região. Antes mesmo da emancipação política do município, em 10 de dezembro de 1934, Londrina – que anos mais tarde se tornaria conhecida em boa parte do mundo, graças ao acelerado desenvolvimento econômico proporcionado pelo café – já contava com um periódico. Surgido em outubro de 1934, nos primeiros meses, o *Paraná-Norte* foi um importante veículo de comunicação para “vender” a

potencialidade da cidade, cujas férteis “terras roxas e sem saúva” atraíam interessados de diversos estados em regiões.

Com mais de duas décadas de circulação, o primeiro jornal de Londrina é de extrema importância para pesquisadores que desejam se aprofundar na história da cidade em diversos aspectos, como política, educação, saúde, arquitetura, desenvolvimento, saneamento, infraestrutura e muitos outros. Ponto de partida certo para qualquer pesquisa que pretenda recuperar a história dos meios de comunicação na cidade, o *Paraná-Norte* foi um dos focos principais deste trabalho. O outro foi a revista *A Pioneira*, primeira publicação periódica da cidade verdadeiramente ilustrada e com maior planejamento temporal.

O primeiro passo da pesquisa foi, portanto, o levantamento bibliográfico de informações já publicadas sobre a imprensa local. Raras são as publicações que tratam especificamente do assunto. Além do livro *História da imprensa de Londrina – do baú do jornalista*, de 1991, escrito por Marinósio Trigueiros Filho e Marinósio Trigueiros Neto, o que se tem são alguns – poucos – livros sobre a história da cidade que acabam dedicando meia dúzia de páginas à trajetória da imprensa local. Embora não se possa tirar os méritos dos trabalhos anteriores – importantes por fazer uma espécie de catalogação dos jornais e revistas publicados em Londrina –, há que se considerar que grande parte deles reproduz os mesmos equívocos de datas e situações, deixando evidente que as publicações se retroalimentam e, quase nunca, bebem de outras fontes que não as já estabelecidas.

Na tentativa de escrever uma “versão da história” o mais próxima possível da realidade, após o levantamento bibliográfico, recorreremos a outras metodologias de pesquisa, sendo a primeira delas a análise documental, descrita por Moreira (2009, p.272) como aquela que “[...] verifica o teor, o conteúdo do material selecionado para análise”.

Conforme a autora, o recurso da análise documental é bastante utilizado em projetos de recuperação da história de meios de comunicação e tem como fontes mais comuns as fontes secundárias, como “[...] os acervos de impressos (jornais, revistas, catálogos, almanaques)”. (MOREIRA, 2009, p.270). Moreira completa que, mais do que simples identificação e organização de informações, a análise documental é um importante e eficaz meio para a contextualização de fatos, situações e momentos.

A análise crítica do material encontrado constitui importante fio condutor para a memória de eventos, pessoas e contextos. Muitas vezes a consulta aos acervos pode estimular aspectos ou ângulos de abordagem não previstos na fase de elaboração do projeto de pesquisa [...]. Além da pesquisa do objeto específico faz-se necessária a apuração paralela e simultânea de informações que complementem os dados coletados. A contextualização é imperativa para o pesquisador que pretenda concretizar um projeto de análise documental. No manuseio dos documentos o pesquisador precisa assinalar as fontes: esta é a garantia de confiabilidade das suas referências. (MOREIRA, 2009, p.274-275).

Seguindo essa recomendação, sempre que possível, procurou-se contextualizar temporal e espacialmente as posturas adotadas pelos veículos de comunicação estudados neste trabalho. Uma mudança na linha editorial ou mesmo na apresentação gráfica não pode ser entendida como obra do acaso e, na grande parte das vezes, tem relação direta com o momento político e econômico do país e da cidade. Para essa contextualização, recorreu-se a livros de história de Londrina e do Brasil e, mais ainda, a publicações periódicas contemporâneas.

Além da consulta a matérias de jornais atuais que recuperaram parte da trajetória histórica da imprensa londrinense – quase sempre por meio de entrevistas com pioneiros – e da análise documental de jornais efêmeros que circularam no período de 1934 a 1953, a pesquisa centrou foco no exame das 983 edições do *Paraná-Norte* disponíveis à consulta pública no Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss e no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica de Londrina (CDPH), órgãos da Universidade Estadual de Londrina. Presume-se que a coleção total do jornal seja formada por 1.154 números, publicados entre de 9 de outubro de 1934 a 24 de setembro de 1953, mas vários são os exemplares faltantes nesse intervalo que não puderam ser recuperados (por meio de compra ou doação) pela equipe de pesquisadores do Museu Histórico de Londrina e do CDPH, que trabalhou na microfilmagem do jornal, nos anos 1990.

O levantamento de informações nos quase mil exemplares do *Paraná-Norte* foi feito nestes dois locais de pesquisa. No Museu Histórico, além dos microfilmes, é possível acessar a maioria dos exemplares do jornal em formato fotografia pelo computador, o que facilita bastante a leitura das páginas, já que é possível ampliar a imagem na tela.² Outro foco importante deste trabalho foi a revista

² Nessa opção, o pesquisador tem acesso a todas as informações, porém, caso precise recuperar materialmente algum número do jornal para anexar ao trabalho, precisa pagar a taxa de dois reais por página. Nos meses em que nos dedicamos à pesquisa do *Paraná-Norte* para este trabalho havia um estudante do curso de história da Universidade Estadual de Londrina consultado o

A Pioneira, cujas cópias impressas e digitalizadas das 16 edições conhecidas estão disponíveis à consulta pública no Museu Histórico de Londrina³.

Com os dados obtidos por meio da análise documental foi possível refutar algumas afirmações sobre os primeiros anos da imprensa londrinense, até então tidas como “verdades” por livros publicados sobre o tema. Um desses equívocos reproduzidos por publicações anteriores e, provavelmente lançado pelos Marinósios em seu livro de 1991, era que Humberto Puiggari Coutinho já era jornalista antes de chegar a Londrina. Em matéria publicada no próprio *Paraná-Norte*, no entanto, Puiggari já havia declarado que o ofício de jornalista tivera início assim que chegou ao norte do Paraná.

Além do capítulo contextual sobre os primeiros anos da imprensa na cidade, o levantamento resultou em um enorme universo de imagens, que precisou passar por uma seleção para a segunda etapa do trabalho, a análise da visualidade do produto jornal – *Paraná-Norte* – e do produto revista – *A Pioneira*. Diante da impossibilidade de se estudar todas as fotografias publicadas pelos dois veículos impressos, optou-se por uma seleção aleatória de exemplares, na tentativa de conferir mais cientificidade e menos subjetividade à pesquisa.

Por meio de sorteio randômico, foram escolhidos 18 exemplares do *Paraná-Norte*, um por ano de circulação (excetuando-se os anos de 1951 e 1952, sem exemplares disponíveis à consulta pública) e, seguindo o mesmo procedimento, sete da revista *A Pioneira*. A metodologia do sorteio foi simples: em um recipiente foram colocados papezinhos com todos os números do jornal – disponíveis à

material no museu (o que reforça a tese de que a procura de publicações periódicas não é rara entre os pesquisadores da história local), que só dispõe de um computador para esse fim. Por esse motivo, precisamos recorrer ao acervo microfilmado do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL, que é completo, mas apresenta mais dificuldades à pesquisa do que os números digitalizados do Museu.

Ao iniciar a consulta, funcionários informaram que a leitora de microfilme do CDPH havia apresentado problemas durante uma pesquisa anterior e, por esse motivo, não seria possível digitalizar os exemplares, que só podem ser visualizados no pequeno e escuro visor do equipamento. Por esse motivo, as dificuldades de leitura do jornal na tela da leitora de microfichas foi grande. Nos dias de maior claridade, era praticamente impossível enxergar as letras miúdas do jornal, já que a capacidade do recurso zoom do equipamento é limitada, o que acabou arrastando a pesquisa por semanas. Dada a impossibilidade de se adquirir as milhares de páginas dos 983 números disponíveis do periódico, somente os 18 exemplares sorteados para análise neste trabalho foram adquiridos junto ao Museu Histórico de Londrina em formato fotografia, gravados em CD. O restante das informações foi reproduzida manualmente.

³ Com acesso livre a esse material, fizemos uma simples reprodução xerográfica da maioria dos exemplares, exceto dos que se apresentavam com letras e fotografias desbotadas demais para serem lidas pela máquina copiadora. Estes, a exemplo do *Paraná-Norte*, foram lidos na tela do computador e tiveram as informações importantes anotadas.

consulta pública, do que, portanto, se excluem exemplares faltantes – de determinado ano. Procedido o sorteio, os papéis restantes eram jogados fora, dando lugar aos exemplares do ano seguinte.

1.2 A FOTOGRAFIA DE IMPRENSA COMO FONTE PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA

A introdução da fotografia na imprensa como prática sistematizada contribuiu para a modernização dos meios de comunicação impressos, no início do século XX, no Brasil. O recurso imagético era pouquíssimo utilizado nos jornais brasileiros até meados do século XIX, quando alguns veículos de comunicação impressos começaram a lançar mão de imagens para ilustrar notícias. Mas, só mais tarde, o poder comunicativo da imagem seria descoberto pelos periódicos nacionais.

A publicação de fotografias na imprensa brasileira seria consolidada no ano de 1900, com o surgimento da *Revista da Semana*, no Rio de Janeiro. Fundada por Álvaro de Tefé, já na primeira edição a revista, que tinha quase toda a capa ocupada por uma fotografia, deixava clara sua vocação em uma frase acima do logotipo: “Photographias, vistas instantâneas, desenhos e caricaturas”. Outra novidade trazida pela publicação era a menção da autoria das fotografias que, naquele momento, ainda era atribuída ao estúdio e não ao fotógrafo.

Quase 30 anos mais tarde, em dezembro de 1928, surgiu a revista *Cruzeiro*, “berço no Brasil do fotojornalismo moderno” (SILVA, 2009, p.37), que sintetizava as experiências anteriores e avançava para a consolidação da linguagem fotográfica na imprensa nacional. Com o dobro da tiragem habitual das revistas ilustradas da década de 1920, desde o primeiro número a publicação apostou na modernização gráfica e na valorização da fotografia. Ousada para a época, a revista – que mais tarde passaria a se chamar *O Cruzeiro* –, por vezes, trazia fotografias ocupando duas páginas, algo incomum à época, em consequência da baixa qualidade das imagens, que nem sempre podiam ser significativamente ampliadas. Ao reconhecer a autoria individual da imagem, a revista promovia a valorização do fotógrafo, “que vai se tornando um personagem”. (SILVA, 2009, p.40).

Saindo do campo das revistas ilustradas e partindo para a imprensa diária, Silva (2009) argumenta que o primeiro jornal brasileiro a explorar plenamente a linguagem fotográfica e tratar as fotografias como produto jornalístico foi o *Ultima Hora*, fundando no Rio de Janeiro, em 12 de junho de 1951. Na avaliação da autora,

o periódico soube, como nenhum outro, explorar sequências fotográficas e valorizar o fotógrafo, sendo pioneiro na publicação de crédito e de fotografias coloridas.

Apesar da importância da temática, poucos ainda são os estudos que contemplam o uso da fotografia na mídia impressa. Para Silva (2009), o assunto é de fundamental importância já que – no contexto da notícia factual –, diferente do texto escrito, as fotografias, umas vez tomadas, não podem ser refeitas ou “reapuradas” para se adequarem à linha do jornal ou a ocasionais mudanças. “É no átimo de segundo que ela [fotografia] se constrói e é justamente por isso que se torna a linguagem mais importante numa sociedade que experimenta a aceleração temporal da modernidade.” (SILVA, 2009, p.11).

A história do fotojornalismo é, então, resultado de um processo histórico extenso e multifacetado. Tendo em vista o objetivo das técnicas fotográficas como o “aprisionamento do real”, a fotografia de imprensa pode ser, então, considerada como “restos de um passado que ficou no presente”. (SILVA, 2009, p.14).

Silva (2009) defende que a fotografia nasceu irremediavelmente ligada à imprensa, porque, se por um lado a primeira encontra na segunda um espaço privilegiado, por outro, a imprensa se apropria da inovação para atingir de vez a ideia de modernidade. A relação do homem com o tempo e o espaço também muda a partir da inserção da imagem fotográfica na imprensa. Para Freund (1976), até então o homem comum só podia testemunhar o que acontecia em sua rua ou bairro. Com a fotografia, rostos de homens públicos e fatos que ocorrem no país ou além-fronteiras se tornam familiares. “[...] se abre uma janela ao mundo. [...] A palavra escrita é abstrata, mas a imagem é um reflexo concreto do mundo onde cada um vive.” (FREUND, 1976, p.96).

A relação entre imprensa, fotografia e memória é tão umbilical que Le Goff (2003) vai atentar para o fato de que, além da imprensa, a fotografia foi outro “invento” responsável por revolucionar a memória, uma vez que “[...] multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”. (LE GOFF, 2003, p.460).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Kossoy (2001, p.162) completa que “fotografia é memória e com ela se confunde”. Para o autor, a iconografia fotográfica pode fornecer informações preciosas para a compreensão de

múltiplos aspectos do passado. “O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e portanto a perpetuação de um momento [...]. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais.” (KOSSOY, 2001, p.161).

Um dos méritos da imagem é a possibilidade que ela traz consigo de permitir ao espectador, de acordo com Burke (2004, p.17), “[...] ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida”.

Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais [...] imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunha ocular. (BURKE, 2004, p.17).

Nesse sentido, a imagem fotográfica é ainda mais reveladora uma vez que alguns de seus elementos trazem dados “[...] jamais mencionados pela linguagem escrita da história”. (KOSSOY, 2001, p.160). Como segunda realidade, ela se diferencia de outras fontes históricas por trazer refletida em si a primeira realidade, a própria imagem do referente. Por isso a preservação da fotografia como documento histórico é tão importante. “Desaparecida esta segunda realidade – seja por ato voluntário ou involuntário –, aqueles personagens morrem pela segunda vez. O visível fotográfico ali registrado desmaterializa-se. Extingue-se o documento e a memória.” (KOSSOY, 2001, p.162).

A relação entre imagem e memória também aparece nos estudos de Heras (2009, p.20), para quem o homem é um “fazedor” de imagens e o historiador um “fazedor” de memórias. Sendo assim, o objetivo do historiador seria construir discursos visuais por meio da reunião de diversos instantes fotográficos. Para a autora, é importante recompor a história por meio da imagem “[...] com a intenção de descobrir não só o que se vê, mas também o que se mostra oculto atrás de uma olhada apressada”.⁴

Além de registrar o próprio passado, graças a seu verismo iconográfico, as fotografias trazem informações não só do retratado, mas também de quem retrata, uma vez que este recria na imagem sua própria visão de mundo.

⁴ Tradução livre do original: “[...] con la intención de descubrir no sólo lo que se ve, sino lo que se muestra oculto tras una mirada apresurada.”

Deste modo a aparência de objetividade da fotografia mascara, em algumas ocasiões, omissões intencionais, incorporações, manipulações e persuasões, elementos que o investigador deve ter em conta, posto que essa aparência é uma ferramenta, mais que sugestiva para influenciar o comportamento do outro. (HERAS, 2009, p.21-22).⁵

Em seus estudos sobre as interfaces entre fotografia e história, Ana Maria Mauad (1996) afirma que, mesmo não podendo ser tomada como cópia fiel do mundo, a fotografia carrega em si indícios de uma realidade passada e, portanto, “toda imagem é histórica”. (MAUAD, 1996, p.87). Mensagem que se processa através do tempo, na visão da autora, a imagem fotográfica presentifica o passado.

O marco de sua produção e o momento da sua execução estão indefectivelmente decalcados nas superfícies da foto, do quadro, da escultura, da fachada do edifício. A história embrenha as imagens, nas opções realizadas por quem escolhe, uma expressão e um conteúdo, compondo através de signos, de natureza não verbal, objetos de civilização, significados de cultura. (MAUAD, 1996, p.87).

Levando em conta que textos, de qualquer natureza, não são autônomos e dependem de outros para sua interpretação, Mauad (1996) defende a noção de intertextualidade na análise de imagens. Para a autora, esse diálogo com fontes escritas e orais é necessário porque “[...] a fotografia compõe, juntamente com outros textos de caráter verbal e não-verbal, a textualidade de uma determinada época”. (MAUAD, 1996, p.82).

Assim sendo, a compreensão de uma imagem fotográfica por determinado leitor se dá em dois níveis: o interno à superfície do texto visual e o externo a ele, “[...] originado a partir de aproximações e inferências com outros textos da mesma época, inclusive de natureza verbal. Neste nível, podem-se descobrir temas conhecidos e inferir informações implícitas.” (MAUAD, 1996, p.81). Seguindo esta linha de raciocínio, neste trabalho, além de um diálogo entre as imagens analisadas e os textos que as acompanhavam na página do jornal e da revista analisados, sempre que possível, procurou-se fazer uma aproximação com informações externas, que pudessem ajudar na compreensão do passado em questão.

5 Tradução livre do original: "De este modo la apariencia de objetividad de la fotografía enmascara, en algunas ocasiones, omisiones intencionadas, incorporaciones, manipulaciones y persuasiones, elementos que debe tener en cuenta el investigador, puesto que esta apariencia es una herramienta, más que sugerente, para influir sobre el comportamiento del otro."

Tratando mais especificamente do fotojornalismo e da imprensa na construção do conhecimento histórico, Alves (2011) destaca que a intenção de levar ao público uma “imagem testemunhal” já estava presente nas manifestações embrionárias do fotojornalismo ainda no século XIX. “[...] existia a intenção de [...] tornar a espécie humana mais visível a ela própria. Com este propósito, os fotógrafos começaram a se aventurar buscando o gosto pelo exótico e a curiosidade pelo diferente.” (ALVES, 2011, p.175).

Embora não sejam transmissores imparciais dos acontecimentos, pois são permeados de subjetividades, os periódicos não podem ser desprezados como objeto nos estudos históricos. Citando Capelato (1988), Alves (2011) argumenta que as fontes jornalísticas impressas são ricas em dados sobre questões políticas e econômicas, além de revelarem usos e costumes de uma sociedade. “[...] a vida cotidiana nela [na imprensa] registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os ‘ilustres’ mas também os sujeitos anônimos.” (CAPELATO *apud* ALVES, 2011, p.175).

Ao estudar as fotografias de imprensa como objeto de recuperação histórica, é preciso considerar que o caminho percorrido pelo fotojornalismo, ao longo da história, não foi linear, mas de encontros e desencontros, como alerta Sousa (2000). Por isso mesmo, precisar a noção de fotojornalismo não é tarefa fácil, “[...] devido à multiplicidade de fotógrafos que se reclamam do setor, mas que nem sempre apresentam unidade de expressão e convergências temáticas, técnicas e de pontos de vista”. (SOUSA, 2000, p.11).

Diante da complexidade do assunto, Sousa (2000) propõe abordar o conceito de fotojornalismo em sentido lato e em sentido restrito, pensando em uma combinação de palavras e imagens, em que as primeiras complementem e contextualizem as segundas. Em sentido lato (*Lato sensu*), Sousa (2000, p.12) entende o fotojornalismo como a atividade de produção de imagens para a imprensa, independente de sua natureza. Nesse conceito, as fotografias podem ser “[...] informativas, interpretativas, documentais ou ‘ilustrativas’ [...]”. Neste sentido, a atividade caracteriza-se mais pela finalidade, pela intenção, e não tanto pelo produto”.

Já no sentido restrito (*Stricto sensu*), o fotojornalismo é tomado por Sousa (2000) como uma atividade que utiliza a fotografia de acontecimentos e a cobertura de assuntos de interesse jornalístico para uma finalidade determinada.

Nesse conceito, as fotografias visam “[...] informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (‘opinar’)”. (SOUSA, 2000, p.12).

A análise imagética realizada neste trabalho centrará foco no conceito lato de fotojornalismo, uma vez que as fotografias publicadas pelos primeiros veículos de comunicação de Londrina não tinham objetivos tão claros e definidos de informar e formar o público. Pelo contrário, muitas vezes a imagem parece ter sido utilizada apenas como ilustração, de maneira até pouco casada com as informações textuais.

Embora nas primeiras décadas do século XX os grandes jornais brasileiros estivessem se modernizando, inclusive por meio da exploração das potencialidades do recurso imagético, a imprensa do ainda incipiente norte do Paraná não acompanhava plenamente essa tendência. Em alguns momentos, é perceptível a tentativa do *Paraná-Norte* em, seguindo o exemplo dos periódicos de grandes centros, demonstrar “modernidade” por meio da fotografia. Era frequente, sobretudo durante os anos 1940, encontrar fotografias da agência internacional British News Service em suas páginas.

Sempre descontextualizadas dos textos, as imagens mostravam cenas da Segunda Guerra Mundial, aviões, automóveis e até mesmo eventos cotidianos, como uma enfermeira europeia atendendo pacientes em um hospital. Pouco informativas, essas fotografias parecem ter sido utilizadas pelo *Paraná-Norte* – que não gozava de recursos para se dedicar ao noticiário internacional – como amostra de estar “conectado” às tendências modernas dos jornais brasileiros, que vinham dedicando destacado espaço a esse tipo de notícia. Além disso, é forte a possibilidade de que o jornal recebesse gratuitamente os clichês fotográficos já prontos para publicação, sobretudo durante o governo Vargas e a censura de seu Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Ainda que as técnicas de reprodução de fotografias de forma direta na imprensa tenham sido desenvolvidas em meados de 1880, portanto, muito antes do surgimento do *Paraná-Norte*, o alto custo de execução tornava a publicação de imagens proibitiva para pequenos jornais do interior, mesmo mais de meio século depois. Para compor tipograficamente uma fotografia juntamente com blocos de textos, era preciso transformá-la em clichê, um “[...] composto de pontos em alto relevo, correspondentes às áreas escuras da imagem”. (SILVA, 2009, p.24).

Conhecido como autotipia ou meio-tom, além de caro, o processo precisava ser realizado em grandes centros, como São Paulo.

O percurso para publicar uma imagem nas páginas de um pequeno jornal do norte do Paraná era, portanto, longo e dispendioso. Por esse motivo, era frequente o jornal repetir seguidamente, e de maneira apenas ilustrativa aos textos, o mesmo retrato de personalidades, como o presidente da República, o interventor e o prefeito. Com recursos técnicos e financeiros escassos, os jornais e revistas londrinenses da época não podiam contar com um fotógrafo dedicado exclusivamente à cobertura de assuntos de interesse da imprensa. Uma das consequências dessa limitação era o uso frequente de fotografias retiradas de álbuns de família. A vendinha de um pioneiro, o pasto de outro, os filhos e a casa de um importante comerciante da cidade e os alunos de uma escola estampavam edições especiais do *Paraná-Norte* e eram imagens ainda mais frequentes na revista *A Pioneira*, dedicada a ser “O Retrato do norte do Paraná”.

Ao defender o grande potencial histórico das imagens transmitidas pela mídia, “um dos sustentáculos da memória”, Kossoy (2007, p.103) alerta que nem sempre as fotografias são inocentes, podendo constituir poderosos instrumentos de manipulação política e ideológica. Daí advém a necessidade de um exame crítico do contexto em que as imagens, tomadas como documentos, foram publicadas. “Os documentos nos guiam, na medida em que são desmontados em seus elementos constituintes, analisados e interpretados à luz do momento histórico e avaliados segundo as condições em que foram produzidos.” (KOSSOY, 2007, p.106-107).

Se por um lado as fontes iconográficas carregam informações preciosas sobre os fatos e a mentalidade de determinada época, com detalhes talvez jamais revelados pelas fontes históricas tradicionais, por outro, assim como a palavra, as imagens carregam silêncios.

Se as palavras silenciam sobre o que não interessa informar, as imagens são igualmente ‘cegas’ em relação a certos fatos ou podem mostrá-los apenas sob o ângulo em que nada se percebe além de composições esteticamente programadas. (KOSSOY, 2007, p.105).

Assim, ainda que as informações divulgadas pela mídia, na forma de notícias, reportagens, editoriais, charges, fotografias e anúncios institucionais

constituam, para Kossoy (2007, p.105), “rico filão para a pesquisa histórica”, o pesquisador que tome esses elementos como objeto de estudo precisa estar atento para o momento em que foram produzidos. Kossoy (2007) recorda episódios da história brasileira em que a mídia foi censurada, como a Era Vargas, cuja influência é visível em alguns momentos da trajetória do jornal analisado neste trabalho. Para o autor, nesses momentos, a imprensa brasileira “[...] é farta também em silêncios e versões comprometidas com o discurso oficial” (KOSSOY, 2007, p.109), o que deve ser levado em consideração ao se analisar fotografias de imprensa.

1.3 DOS ÁLBUNS PARA OS PERIÓDICOS: AS FOTOGRAFIAS DE FAMÍLIA

Tomada como um equivalente da memória coletiva por Miriam Moreira Leite (2001), as fotografias de família se difundiram como prática generalizada entre as mais diversas classes sociais, por permitir às pessoas, ao se transformarem em objeto-imagem, manter vivos e presentes momentos sucessivos da vida. Ainda que os álbuns de família sejam uma maneira de registro e preservação da memória por parte das classes mais abastadas, a fotografia de família sempre exerceu um grande fascínio e conquistou adeptos até mesmo entre os de menor poder aquisitivo, por carregar em si:

[...] a proteção contra o tempo, que torna a fotografia um substituto mágico do que o tempo destruiu; a comunicação com os outros e a expressão de sentimentos. A autoidentificação, o prestígio social conquistado pela proeza técnica, pela realização pessoal ou pela despesa ostentatória; a distração ou jogo e/ou evocação da memória evanescente. (LEITE, 2001, p.87).

Preocupada com a contribuição da imagem como documentação histórica, ao analisar fotografias de família, Leite (2001) busca superar seu uso unilinear – como forma de ilustrar discussões, demonstrar pensamentos ou reprisar o que é dito verbalmente –, para equiparar a fotografia à memória. “É uma utilização radial, que dê origem a um grande número de associações que levem e desdobrem um acontecimento ou instituição, colocando a fotografia num contexto de experiência que respeita as leis da memória.” (LEITE, 2001, p.104).

É certo que os retratos familiares representam apenas um aspecto dessas relações sociais, o integrador, deixando de lado o processo conflituoso que, naturalmente, faz parte dessa integração. Apesar disso, esse “acervo involuntário da

memória” (LEITE, 2001, p.53) acaba por fornecer um rico e importante material para o conhecimento da vida cotidiana.

Assim como na obra de Leite (2001), neste trabalho é fundamental a distinção da utilização pública e privada da fotografia de família, que deixa de integrar os álbuns para estampar as páginas de jornais e revistas. A relação entre os dois usos e as mudanças de sentido trazidas por esse deslocamento são indispensáveis para a compreensão do objeto estudado. Além de características explicitadas na imagem – como indumentária dos retratados, objetos e aspectos do desenvolvimento urbano –, a documentação fotográfica é capaz de tornar visível o invisível. “Após a identificação do conteúdo da fotografia, é preciso deduzir o que *não* se vê, em torno daquilo que se está vendo.” (LEITE, 2001, p.44, grifos da autora).

Arquivo dos “mais inquietantes da vida privada”, para Armando Silva (2008) o álbum de família tem uma vocação narrativa, ou seja, conta histórias. Nesse sentido, o autor concorda com Leite (2001), ao afirmar que os silêncios também fazem parte desse relato, fruto de seleções arbitrárias, uma vez que a memória está intimamente ligada ao esquecimento.

A família é o sujeito coletivo que narra e tem à disposição o manejo e a construção de um espaço de ficção. [...] A narrativa é relato e dá aos narradores o poder de manipular as histórias nas quais a família está envolvida e que merecem ser arquivadas como imagem. (SILVA, 2008, p.24).

Além do primeiro filtro na construção dos álbuns de família – o de quem conta a história –, o sentido das fotografias também está sujeito ao olhar e à interpretação do observador. Isso ocorre porque a fotografia, segundo Silva (2008), não significa em si, mas tem um ponto de vista aberto a novos observadores. “A foto atua, pois, com seu observador segundo as circunstâncias afetivas e históricas que os ligam e que permitem que uma foto diga algo a alguém.” (SILVA, 2008, p.31).

Como um livro que possui começo, meio e fim, o álbum de família é organizado em uma sequência lógica, em que fotografia é colocada para ser vista uma após a outra, resultando em um propósito global de mostrar ou esquecer. Dessa maneira, a reorganização dessas imagens em lugares distintos, acaba por criar novos pontos de vista. Ou seja, ao publicar fotografias de álbuns de família (esfera privada) em suas páginas (esfera pública), a imprensa cria novos

significados para as imagens, refazendo narrativas de acordo com seus objetivos. Ao gerar a própria lógica imaginária:

O álbum de família anuncia-se do outro lado da foto, isolada, não como tempo instantâneo, inevitável, que consome o sentido da imagem única, mas como tempo historiado e ritualizado, como olhar para o futuro e para observadores específicos – os familiares sobreviventes. (SILVA, 2008, p.38).

Da mesma forma que ocorre com a família, ao construir um álbum de retratos de determinada cidade, a imprensa cria uma narrativa para os habitantes futuros do local. Assim, ao utilizar-se de fotografias de família em suas páginas, a revista *A Pioneira* cria um novo álbum com memórias e esquecimentos arbitrários sobre os primeiros anos de Londrina. Em contexto diferente do original, as imagens ganham novos significados e passam a integrar a memória coletiva.

Considerando a fotografia histórica como aquela que foi produzida em um tempo anterior ao momento do estudo e que chega pronta às mãos do pesquisador, Leite (2001) alerta para alguns problemas ainda indissolúveis na leitura da documentação iconográfica. O primeiro deles é a necessidade de se traduzir imagens em palavras “[...] tanto para sua análise, quanto para sua comunicação, o que acrescenta à polissemia da imagem as ambigüidades provocadas pela alteração do código” (LEITE, 2001, p.16), o que, frequentemente, acaba por ser empobrecedor.

Por ser formada de elementos como enquadramento, focalização, escala, planos, ângulos, dispersão, fixação, granulação, contraste e perspectiva, para a autora, a fotografia impõe uma visão de mundo ao pesquisador. Imóvel e estática, cada uma dessas imagens representam um tempo presente isolado. Diante desse “agora”, aquele que analisa a fotografia vai tentar reconstituir os motivos que levaram aqueles personagens a estar ali, em dado momento, de um jeito determinado “[...] para poder prever o desenlace, os momentos seguintes que podem vir a ser encontrados em outros instantes isolados, em outras fotografias”. (LEITE, 2001, p.36-37).

Nesse sentido, a leitura de uma documentação fotográfica deve levar menos em conta elementos de composição do que o próprio conteúdo. Porém, a tarefa de desvendar os silêncios, os não-ditos por trás do que é explicitado na

imagem não é das mais fáceis e esbarra em obstáculos de várias ordens. Um deles, e talvez o maior, é a própria limitação espaço-temporal, já que:

Inúmeras [fotografias] se restringem a aparências. Não informam sobre pensamentos e sentimentos mais complexos dos retratados, no momento da tomada. O que sabemos é o que vemos, fixado num quadro de duas dimensões. As fotografias podem comunicar uma atmosfera e exprimir sentimentos. Mas mal permitem a transmissão da construção social de significados culturais. Até no caso elementar o retrato, a imagem é muda – não revela o nome ou quem é retratado, não indica por si mesma a data e o local do conteúdo. Embora forneça indícios através dos quais podemos deduzi-los, só saberemos com certeza desses dados através de uma identificação verbal. (LEITE, 2001, p.46).

As dificuldades em diferenciar história de ficção são significativas quando se analisa o retrato fotográfico que, embora seja comumente relacionado à noção de identidade do sujeito retratado, “[...] nem sempre coincide com um corpo concreto e, muito menos, com um rosto”. (FABRIS, 2004, p.176). Para fins de análise, acrescenta Fabris (2004), duas categorias podem ser adotadas: a do retrato como história e como romance.

Enquanto história, o retrato supõe a tradução fiel, severa e minuciosa do contorno e do relevo do modelo. Isso não exclui a possibilidade da idealização, ou seja, a escolha da atitude mais característica do indivíduo e a ênfase dos detalhes mais importantes em detrimento dos aspectos insignificantes do conjunto. Enquanto romance, o retrato é sobretudo produto da imaginação, mas nem por isto menos fiel à personalidade do modelo, cuja cabeça pode estar integrada numa cálida atmosfera difusa ou emergir ‘das profundezas de um crepúsculo’. (FABRIS, 2004, p.21).

Ou seja, assim como a impressão digital é usada para nos identificar, também a fotografia é um índice do representado, na visão de Silva (2008). “A foto não sou eu, nem sequer meu dedo-índice, mas, como este último, como uma flecha que indica uma direção, indica a mim, aponta-me, me dá corpo simbólico.” (SILVA, 2008, p.80). No entanto, apesar de remeter ao retratado, o autor ressalta que o retrato é, também, um índice de quem produziu a representação.

Nesse sentido, Fabris (2004) completa que a fotografia constrói uma identidade social, muitas vezes padronizada, que desafia o conceito de individualidade. Ao analisar o retrato da sociedade patriarcal, a autora a associa a um ato encenatório de identidade, destituído de toda a diferença e, portanto, de toda a individualidade. Dessa forma, como será visto mais adiante, na análise das

fotografias do *Paraná-Norte* e da revista *A Pioneira*, a identidade do indivíduo retratado está, quase sempre, dialeticamente ligada à identidade de um grupo:

[...] o sujeito que se deixa fotografar é ao mesmo tempo pessoa e personagem, indivíduo e membro de um grupo, singular e conforme às normas de uma comunidade. Neste sentido, e sobretudo a partir da divulgação do cartão de visita, o retrato torna-se uma fotografia de identidade graças à qual o indivíduo identifica a própria personalidade subjetiva e o grupo ao qual pertence. (FABRIS, 2004, p.40).

1.4 ANÁLISE ICONOGRÁFICA

Ao estudar o conteúdo das obras de arte, Erwin Panofsky trata de três níveis de compreensão do objeto, que embora pareçam indicar esferas estanques de significados, misturam-se em um processo orgânico e indivisível. No nível de compreensão mais baixo de Panofsky (1995), denominado descrição pré-iconográfica, está o conteúdo temático natural ou primário, que depende apenas da experiência prática do observador. Nessa esfera de conhecimento, importam as formas puras, os objetos naturais, e suas relações com fatos e qualidades expressivas, que se apresentam na atmosfera pacífica do interior de uma casa e no caráter alegre ou triste de uma pose, por exemplo.

Já o conteúdo secundário ou convencional de uma obra de arte pertence ao segundo nível de compreensão proposto por Panofsky (1995), a análise iconográfica, em seu sentido mais estrito. Aqui a experiência sensível não basta ao observador, uma vez que, para entender como temas ou conceitos específicos foram expressos em objetos e ações ao longo da história, é preciso sair da obra de arte que se analisa e buscar outras referências artísticas.

A análise iconográfica, que trata das imagens, histórias e alegorias, em vez de motivos, implica, é claro, muito mais do que a simples familiaridade com objectos e acções que fomos adquirindo através da experiência prática. Pressupõe uma familiaridade com temas ou conceitos específicos, tal como foram transmitidos através de fontes literárias e adquiridos através da leitura ou da tradição oral. (PANOFSKY, 1995, p.24, grifos do autor).

Um nível mais elevado de compreensão da obra de arte, que levaria ao seu significado intrínseco ou conteúdo, é a interpretação iconográfica, em sentido mais profundo. Para tanto, parte-se da análise das atitudes básicas de uma nação, época, classe, crença religiosa ou filosófica, assumidas de maneira inconsciente

pelos indivíduos e condensadas nas obras de arte. Na visão de Panofsky (1995), esse nível do método se apresenta de forma mais sintética do que analítica e trata, não de imagens, histórias e alegorias, mas do que chamamos valores simbólicos.

Para fugir das imprecisões e subjetividades da intuição sintética, faculdade mental comparável a de fazer diagnósticos, segundo Panofsky (1995), o historiador de arte interessado em chegar ao conteúdo intrínseco de uma obra terá de compará-la ao maior número possível de documentos de civilizações historicamente relacionadas. “[...] documentos que sejam testemunho das tendências políticas, poéticas, religiosas, filosóficas e sociais da personalidade, época ou país que esteja a estudar.” (PANOFSKY, 1995, p.28).

Independente do nível de compreensão a que se deseje chegar, é fundamental que sempre se tenha em mente o contexto sócio histórico em que a obra estudada se insere:

Em qualquer dos níveis em que nos movamos, as nossas identificações e interpretações dependerão da nossa bagagem subjectiva e, por essa mesma razão, terão de ser corrigidas e controladas por uma grande consciência dos processos históricos que, no seu conjunto, se podem designar por *carona*. (PANOFSKY, 1995, p.28, grifos do autor).

O método iconológico de Panofsky é criticado por alguns autores, como Burke (2004), que o define como intuitivo em demasia e pouco preocupado com a dimensão social. Outro perigo que o método iconológico carrega, na visão do autor, seria o de assumir a noção de que as imagens carregam em si o “espírito” de determinada época. Para Burke, isso nem sempre se aplica, uma vez que não se pode considerar a cultura de uma época de maneira homogênea.

Em detrimento das críticas, Kossoy (2001) defende a aplicação do método proposto por Panofsky, com algumas adaptações, à análise de fotografias enquanto documentos históricos. Para o autor, “toda fotografia é um resíduo do passado” (KOSSOY, 2001, p.45) e, portanto, pode e deve ser tomada como documento visual de determinado fragmento da realidade. Alçadas à qualidade de documentos iconográficos, graças a sua natureza testemunhal – de registro do aparente e das aparências –, as fotografias carregam em si possibilidades de autoconhecimento, recordação e documentação.

Ao congelar uma cena da realidade, a fotografia representa uma interrupção, não só do tempo, mas da vida. “O fragmento selecionado do real, a

partir do instante em que foi registrado, permanecerá para sempre *interrompido* e *isolado* na bidimensão da superfície sensível.” (KOSSOY, 2001, p.44). Tomando a vida passada fixada na imagem fotográfica como *primeira realidade*, Kossoy (2001) vai defender que, a partir de então, tem início uma *segunda realidade*, autônoma por excelência, a do documento.

Embora entenda a fotografia como um documento histórico tão importante quanto o documento escrito, durante muito tempo considerado superior e único pela historiografia, Kossoy (2001, p.50) ressalta que toda imagem foi produzida com certa finalidade e, portanto, não é inocente. Mais do que refletir a realidade primeira, uma fotografia reflete e documenta a visão de mundo de quem a tomou. “A fotografia é, pois, um duplo testemunho: por aquilo que ela nos mostra da cena passada, irreversível, ali congelada fragmentariamente, e por aquilo que nos informa acerca de seu autor.”

Nesse sentido, qualquer análise de documentos iconográficos precisa levar em consideração sua subjetividade, já que a fotografia surge do desejo de um indivíduo congelar um aspecto do real de determinada época e lugar em imagem. Portanto, apesar de ser “o que resta do acontecido” (KOSSOY, 2001, p.37), trazendo informações sobre a vida, a morte e o cotidiano, a imagem fotográfica é, também, um produto final que caracteriza a “intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos”.

Assim, Kossoy (2001) pondera que por mais que a fotografia seja um meio de conhecimento que possibilita visualizar microcenários do passado, ela não reúne em si todo o conhecimento sobre esse passado. Daí parte a necessidade de toda análise iconográfica estar vinculada de alguma forma a informações provenientes de documentos escritos – como os periódicos de época, por exemplo.

Partindo do método iconológico de Panofsky, Kossoy (2001) propõe uma análise iconográfica, que estaria mais no nível da descrição do que da interpretação do que diz uma fotografia.

A análise iconográfica tem o intuito de detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos; o aspecto literal e descritivo prevalece, o assunto registrado é perfeitamente situado no espaço e no tempo, além de corretamente identificado. (KOSSOY, 2001, p.95).

Ao utilizar uma imagem como fonte de conhecimento do passado, o pesquisador precisa ter em mente que o assunto registrado em uma fotografia apresenta apenas um pequeno fragmento de uma realidade complexa e maior. Na imagem, observa-se “um e só um enfoque da realidade passada: *um aspecto determinado*” (KOSSOY, 2001, p.107, grifos do autor). É preciso, portanto, aceitar que uma imagem histórica não basta em si mesma, já que toda fotografia será sempre uma interpretação.

Nas próximas páginas (Capítulo 2), portanto, serão apresentadas as trajetórias do jornal *Paraná-Norte* e da revista *A Pioneira*, desde seu início, até o desaparecimento. Recuperados por meio de levantamento bibliográfico e da análise documental (MOREIRA, 2009), os vestígios deixados por estes veículos de comunicação são de grande importância para a escrita da história de Londrina e do norte do Paraná. Na sequência (Capítulo 3), as técnicas de análise iconográfica (KOSSOY, 2001) serão empregadas no estudo da fotografia em edições dos dois periódicos (18 exemplares do *Paraná-Norte* e sete de *A Pioneira*), selecionadas por meio de sorteio randômico. As escolhas imagéticas do jornal e da revista serão analisadas com base em estudiosos das seguintes temáticas: interface entre imagem fotográfica e história – Ana Maria Mauad (1996) –, fotografias de álbuns de família – Miriam Moreira Leite (2001) e Armando Silva (2008) –, e retratos fotográficos – Annateresa Fabris (2004).

2 PARANÁ-NORTE E A PIONEIRA

2.1 SURGE O PRIMEIRO JORNAL DE LONDRINA

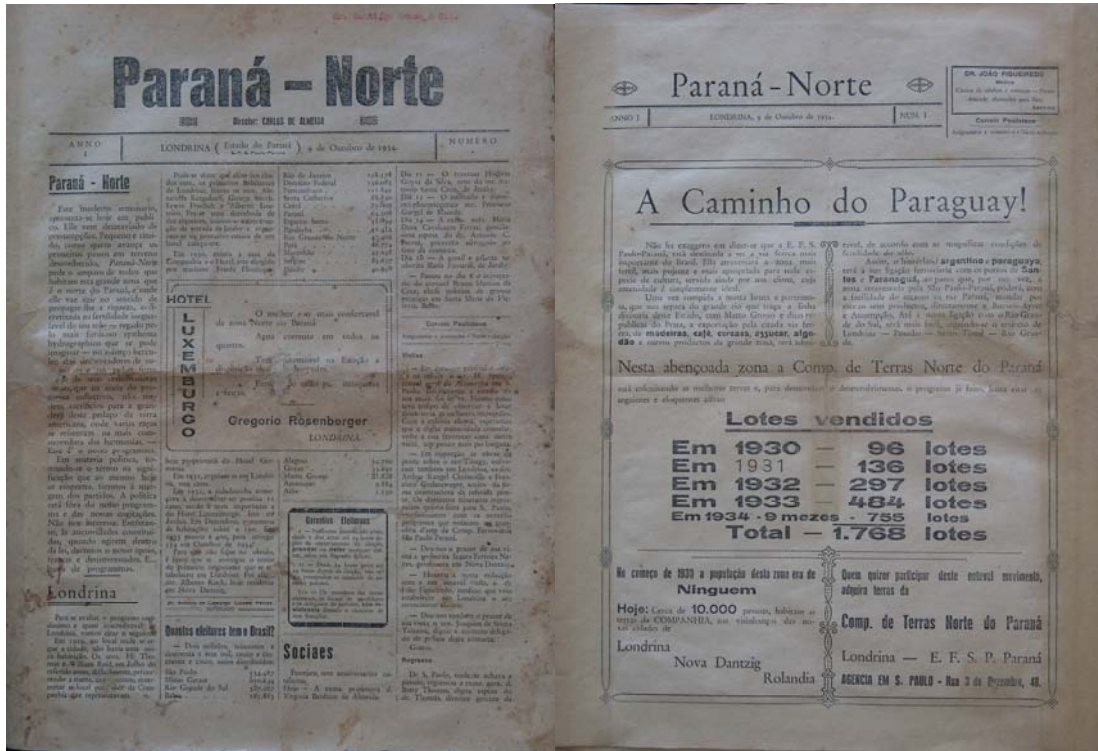
Era 1933 quando Humberto Puiggari Coutinho, paulista de Iguape, desembarcou no promissor norte do Paraná, depois de uma longa temporada sobrevivendo da exploração da erva mate no Mato Grosso – atual Mato Grosso do Sul. Escolheu como destino inicial o município de Jatahy⁶, onde exerceu o cargo de secretário-tesoureiro da prefeitura e, mesmo sem diploma, tinha autorização para advogar. Homem de “palavra muito boa”, como descreveria o filho George anos depois (SCHWARTZ, 1997, p.8A), Puiggari se encantou com o potencial da ainda nascente Londrina – na época Patrimônio Três Bocas, comarca de Jataizinho – e “vendeu fácil a ideia de um jornal a Arthur Thomas, o gerente-geral da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP)”, colonizadora da região.

Foi assim que, em 9 de outubro de 1934, dois meses antes da assinatura da ata de instalação do município, Londrina viu circular seu primeiro jornal, o *Paraná-Norte*. No editorial do primeiro número (Figura 1), o “modesto semanário” de seis páginas pedia o apoio dos habitantes da região para “propagar-lhe a riqueza, concretizada na fertilidade inegualável do seu solo”, e exaltava “a grandeza deste pedaço da terra americana, onde varias raças se misturam na mais comovedora das harmonias”. Descartando qualquer interesse ou vinculação político-partidária, o periódico garante apoio “franco e desinteressado” às autoridades que agirem “dentro da lei”.

Abaixo do editorial, um pequeno texto com a retranscrição “Londrina” apontava, resumidamente, os nomes dos desbravadores da região, além da evolução do número de habitações construídas, que chegavam a 554 em outubro de 1934. Na sequência, o jornal trazia a divisão dos 2.657.155 eleitores do Brasil, pelos 22 estados existentes à época. Enquanto estados como São Paulo e Minas Gerais estavam no topo da lista, com mais de 530 mil eleitores cada, o Paraná ainda contava com modestos 64.208.

⁶ De acordo com o livro *O Paraná e seus municípios*, de autoria de João Carlos Vicente Ferreira, publicado em 1996, em 30 de dezembro de 1943, por meio da Lei nº 199, a denominação de Jatahy foi alterada para Jataizinho, uma vez que já existia uma cidade homônima em Goiás.

Figura 1 – Capa e contracapa da primeira edição do Paraná-Norte, 9 de outubro de 1934



Fonte: Museu Histórico de Londrina/ Reprodução

No centro da primeira página do *Paraná-Norte*, destacava-se, também, um anúncio do Hotel Luxemburgo – “O melhor e mais confortável da zona Norte do Paraná”, com água corrente em todos os quartos, salão de festas e banquetes e automóvel na estação à disposição de todos os hóspedes. Já a coluna “Sociaes”, ainda na capa, tratava de aniversários natalícios de professores, farmacêuticos, médicos e advogados que atuavam na região, além de visitas dessas personalidades à redação do jornal. A coluna continua na página 2, de maneira mais informativa, tratando de temas como a construção da ponte sobre o rio Tibagi. Havia ainda notas sobre o esporte na cidade, com horários de jogos, além de nomes de pessoas que tiveram telegramas retidos na Estação, em uma demonstração ainda incipiente do jornalismo de serviço. Uma das notas abordava a questão da luz elétrica na cidade. “Há dias acha-se em estudos na municipalidade, em mãos do prefeito, a minuta do contrato a ser lavrado com a Comp. De Terras Norte do Paraná, para fornecimento de luz e força a Jathay, Londrina, S. Jeronymo e Nova Dantzig.” Sem luz elétrica, a impressão do jornal em formato *berliner*⁷ era feita na

⁷ Formato de jornal de origem alemã, com páginas que normalmente medem 470 x 315 milímetros.

Minerva, movida à pedal, da pioneira Tipografia Oliveira, pertencente a Izolório de Oliveira, que havia aprendido o ofício de tipógrafo em sua terra natal, São Sebastião da Grama (SP). Chegou a Londrina um mês antes do surgimento do *Paraná-Norte*, aos 23 anos, acompanhado dos pais e de seis irmãos, trazendo na bagagem todos os equipamentos de uma gráfica e a máquina Minerva. Com a colaboração do irmão João Corrêa de Oliveira, de apenas 12 anos, que além de aprendiz de gráfico também fazia a entrega do jornal, ele levava até dois dias para compor e imprimir o *Paraná-Norte*. “Ele recorda que não desanimou por ter que trabalhar sob a luz de lampião, racionando a gasolina, importando o papel e dependendo de clichês feitos em São Paulo.” (ALVES, 1994, p.4A).

Conforme informações de Schwartz (2004, p.4B), Belmiro Corrêa de Oliveira, o pai da família, exercera a atividade jornalística em São Sebastião da Grama, onde era editor e proprietário de *O Bandeirante*, jornal que ficou em situação delicada ao se opor ao presidente Getúlio Vargas, durante a Revolução de 1932. Enfrentando tropas governistas, Belmiro conseguiu evitar o empastelamento⁸ da gráfica e mudou-se para o norte do Paraná, de onde ouvira os ingleses contar a necessidade de uma tipografia para imprimir o novo jornal que estava nascendo. Em Londrina, a família se instalou em um pequeno prédio na rua Mato Grosso (Figura 2), em frente ao Kiberama.

Figura 2 – Fachada da Tipografia Oliveira, na Rua Mato Grosso, na década de 1940



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: *Jornal de Londrina* (SCHWARTZ, 2004, p.4B)

⁸ Trata-se da invasão de uma gráfica ou redação de jornal, para danificar os equipamentos e materiais produzidos, como forma de calar um veículo de comunicação com idéias oposicionistas.

O período em que a impressão do Paraná-Norte foi feita pela Tipografia Oliveira é incerto. Enquanto os irmãos Oliveira recordam que o contrato com a CTNP durou cerca de dois anos (SCHWARTZ, 2004, p.4B), para George de Freitas Coutinho, filho de Puiggari, ele teria se prolongado até 1938, ano em que a CTNP comprou uma máquina própria por oito contos de réis. “Arthur Thomas achou pouco, dizendo a Puiggari que poderia ter gasto até 17.” Em 1934, um exemplar do Paraná-Norte custava 200 réis e, segundo João Corrêa Oliveira, que fazia a entrega nas ruas barrentas de Londrina, era bastante esperado pelos moradores e comerciantes.

Outro gráfico que auxiliou Izolório Oliveira na impressão do primeiro jornal da cidade foi Walmor Cáffaro, que escreveu duas crônicas para o *Jornal de Londrina* (SCHWARTZ, 1998, p.8A), contando como eram os tempos em que “o gráfico era um dos importantes adjuvantes na feitura desse importante veículo de comunicação”. Segundo ele, se os operadores das modernas máquinas de hoje vissem como era feito o *Paraná-Norte* em 1934, diriam que eles eram “malucos ou idiotas”. “Nossa impressora era uma velha Minerva de ¼ de folha, tocada a pedal, que exigia do impressor esforço contínuo dos membros superiores e locomotores, num movimento coordenado e preciso que a qualquer descuido poderia lhe custar a perda de uma mão.” (CÁFFARO *In* SCHWARTZ, 1998, p.8A).

Cáffaro conta que o hebdomadário de quatro páginas – que raramente vinha com um suplemento de mais duas – era feito em papel, CP 66x96, cortado em dois e dobrado a mão, um a um. A impressão página a página começava pelas internas e, depois da dobra também feita manualmente, imprimia-se a quarta página. “A primeira página – só de matérias – ficava para ser impressa na véspera da edição nas ruas, aguardando uma possível notícia de última hora (ou de último dia...)”

Conforme relato do gráfico, Izolório de Oliveira era um exímio tipógrafo, montando as páginas letra a letra com perfeição. “Juntos, produzíamos mais do que qualquer linotipo na época.” (CÁFFARO *In* SCHWARTZ, 1998, p.8A). Walmor Cáffaro recorda de situações pitorescas em que os originais de colaboradores, geralmente escritos de próprio punho, confundiam os tipógrafos, que faziam a montagem da página antes da revisão de Puiggari.

[...] só na hora da revisão das provas é que ele fazia as emendas, as corrigendas, quando aí ferrava a gente. [...] Tinha um médico de uma outra cidade que mandava sua colaboração amiúde e tinha uma letra desgraçada, parecia rastro de uma barata saída do tinteiro, além de uma retórica complicada que fazia, vez por outra, tropeçar em termos difíceis, palavras que faziam a gente chorar de raiva para decifrá-las e nessa hora quem pagava o pato era a coitada da senhora sua mãe... E aquelas palavras que não conseguíamos decifrar eram substituídas por alguma bobagem qualquer, para guardar o espaço e, assim, transferíamos, na prova, o problema para o jornalista Humberto Puiggari Coutinho, que era o revisor, redator, gerente, proprietário, enfim o guru do jornal. (CÁFFARO *In* SCHWARTZ, 1998, p.8A).

Uma história engraçada envolvendo originais ocorreu quando Puiggari foi viajar e os tipógrafos sumiram com a crônica de um farmacêutico da cidade, por considerarem uma “xaropada”. Em outra situação, Cáffaro fez um clichê de uma enorme saúva, em tábua de peroba-rosa, para ilustrar um anúncio da Companhia de Terras. “Mas, ao compor o texto do anúncio, onde dizia *No norte do Paraná não existe a formiga cabeçada*, foi por nós acrescentado [sic] uma gaitice ironizando os retirantes de certa região do país.” “Espumando de raiva” pelo gracejo, Puiggari mudou o texto do anúncio e ficou alguns dias sem conversar com os gráficos.

Certo dia, teria aparecido na redação (SCHWARTZ, 1998, p.8A) um tal Alfredinho, com carta de recomendação, dizendo-se aprendiz de jornalista. Aceito por Puiggari, conta-se que, na primeira vez que ficou sozinho na redação, mudou todo o mobiliário de lugar, o que o fez levar uma bronca do proprietário do jornal. “Pois saiba o senhor que aquela desorganização era a minha organização.” Numa dessas passagens, Walmor Cáffaro conta que Puiggari, sentado à mesa, pediu que Alfredinho checasse a grafia de “hortênsia” no dicionário. “Sem hesitar, o aprendiz adianta-se: ‘Escreve com c, tenho certeza’. Não escondendo a indignação, o vetusto Puiggari arremata, ríspido: ‘Entre a sua certeza e o meu dicionário, eu fico com este. E por favor, repito, veja lá o que lhe pedi.’”

Pouco se sabe sobre a vida do fundador do Paraná-Norte. Autor de três livros (*Nas fronteiras de Mato Grosso*, *Londrina 25 anos de sua História*, e um sobre a Revolução de 32, cujo nome não é citado nas fontes pesquisadas), Humberto Puiggari Coutinho nada deixou escrito sobre si mesmo e, apesar da relevância de seu trabalho, mereceu quase nenhum destaque na bibliografia disponível sobre a história de Londrina. Além disso, os poucos relatos sobre ele publicados em livro nem sempre são confiáveis do ponto de vista histórico. De

acordo com Marinósio Filho e Marinósio Neto (1991, p.23), por exemplo, quando chegou ao norte do Paraná, Puiggari já era “jornalista experiente”, tendo exercido a função no Rio de Janeiro, Mato Grosso e São Paulo. A informação se mostra frágil, ao ser confrontada com entrevistas concedidas pelo próprio Puiggari e por seu filho George, aos jornais *Folha de Londrina* e *Jornal de Londrina*, que circulam atualmente na cidade.

Mais ainda, em uma carta enviada por Puiggari a Hugo Cabral, no dia 11 de novembro de 1945 e publicada na página 3 do *Paraná-Norte* quatro dias depois, o jornalista dizia ao então candidato a deputado que: “Residindo em Londrina há mais de onze anos consecutivos e com igual número de anos de jornalismo, sempre dedicados a causa pública, aprendi a estimar esta terra maravilhosa que é o setentrião paranaense.”. Ao contrário do que afirmam os Marinósios, o texto evidencia que Humberto Puiggari Coutinho iniciou as atividades de jornalista assim que chegou a Londrina, não antes disso.

Na reportagem *A aventura do jornalista pioneiro*, publicada em 1997 pelo *Jornal de Londrina*, o repórter Widson Schwartz, a partir de relato de George de Freitas Coutinho, conta que o fundador do *Paraná-Norte* era pagador na Estrada de Ferro Mogiana, em Minas Gerais, antes de ir para o Mato Grosso [do Sul], com a expansão da Noroeste. Em Ponta Porã, para onde levou a família, coletou e explorou erva-mate, estabelecendo-se como “bolicho”, expressão gaúcha para definir aqueles armazéns do interior que vendem de tudo. Apesar deste entreposto para a venda do mate, Puiggari também plantava a erva na localidade de Caarapó.

Na década de 20, a família “vivia no meio dos paraguaios”. Mas foi uma tragédia, em 1932, que fez Puiggari partir rumo a outras paragens. Após levar um tiro na cabeça, em uma das disputas pela atividade na região, Teophilo, filho de Puiggari de apenas 23 anos, morreu uma semana depois, por conta de uma meningite. Saindo de Ponta Porã para o norte do Paraná, ele fez uma parada em Marília (SP), onde escreveu *Nas fronteiras de Mato Grosso – Terra abandonada*, livro publicado pela Editora da Casa Matença, de São Paulo, em 1933. Em Londrina, Puiggari se hospedou na Pensão Paulista, “que todo domingo servia carne de paca no almoço” (SCHWARTZ, 1997, p.8A), e, logo ao entrar, ganhou os primeiros dois mil réis na cidade, redigindo um requerimento para um caboclo.

Segundo Schwartz (1997, p.8A), o jornalista pioneiro de Londrina nasceu em 1878 e morreu em 1971, tendo se casado duas vezes. A primeira esposa

foi Juvelina Burlamaque, com quem teve quatro filhos (Juvelina, Ernestina, Teophilo e George). A segunda união foi com Nair de Pinho, com quem teve Valéria, Catarina, Francisco e Cesário. Atualmente, Humberto Puiggari Coutinho dá nome a uma escola estadual, no Conjunto Ernani Moura Lima, zona leste de Londrina.

As dificuldades de se fazer um jornal na Londrina dos idos de 1934 eram muitas, indo da falta de infraestrutura básica, como energia elétrica, até a ausência de leitores que pudessem manter o periódico por meio de assinaturas e compra avulsa. Vale lembrar que, em 1934, o ainda Patrimônio Três Bocas contava com apenas 554 casas. Sem contar o alto número de caboclos iletrados que haviam desembarcado na região para tentar a vida nas lavouras das férteis terras da região.

Por esses motivos, fica clara a dependência do *Paraná-Norte* às verbas publicitárias. Somente na primeira edição, há 13 propagandas, de advogados, comerciantes, hotéis, salão de cabeleireiro, alfaiatarias, farmácia e marcenaria, além de um anúncio de venda de uma vitrola “Columbia” com 50 discos “em perfeito estado” e de um calhau da tipografia que imprimia o periódico. Os anúncios revelam uma dinâmica, pelo menos quatro alfaiates e comércio diversificado, com nomes indicando as muitas origens: *Casa Internacional, Casa Portuguesa, Padaria Alemã, Salão Brasil, Casa Londrina, Photo-Estúdio de José Juliani.* (SCHWARTZ, 1997, p.8A, grifos do autor).

Mas pode-se dizer que o anúncio mais importante era o da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) que, durante anos, ocupou toda a contracapa do jornal. Na primeira edição, a publicidade da CTNP exaltava “as magnificas condições de fertilidade do sólo”, que tornariam admirável a exportação de produtos como madeira, café, cereais, açúcar e algodão. De 1930 até outubro de 1934, a Companhia já havia comercializado 1.786 lotes (96 em 1930, 136 em 1931, 297 em 1932, 484 em 1933 e 755 nos primeiros nove meses de 1934). De acordo com o anúncio, em outubro de 1934, cerca de 10.000 pessoas habitavam as terras da CTNP, nas vizinhanças de Londrina, Nova Dantzig (Cambé) e Rolândia.

A publicidade da Companhia de Terras também deixa evidente que o *Paraná-Norte* circulava além das fronteiras da região, chegando a locais onde havia interessados nas terras férteis do norte do Paraná. “Quem quiser participar deste notável movimento, adquira terras da Comp. De Terras Norte do Paraná. Londrina – E.F.S.P.Paraná. Agencia em S. Paulo – Rua 3 de Dezembro, 48.”

Apesar de autores como Marinósio Filho e Marinósio Neto (1991, p.23) afirmarem que “eram nítidas as vinculações financeiras do jornal com a Companhia de Terras Norte do Paraná”, o próprio Puiggari negou isso, em entrevista à *Folha de Londrina*, no dia 10 de dezembro de 1969, época em que já tinha 91 anos de idade. Segundo o pioneiro da imprensa londrinense, a publicidade no jornal era espontânea e não havia atrelamento de linha editorial por conta dela. “A mim ninguém ajudava nada... Quem foi propagada foi Londrina, pelo Norte do Paraná todo e até no exterior, pois o jornal era mandado para a Bélgica, França, Inglaterra e Estados Unidos.” (SCHWARTZ, 1998, s.p).

Na mesma entrevista, Humberto Puiggari Coutinho revelou que o primeiro jornal de sua vida não fora o *Paraná-Norte* e sim *O Prego*, editado em 1893, com alguns colegas da Escola Militar da Praia Vermelha (que parece ter sido uma experiência amadora e, por isso, não considerada verdadeiramente jornalística no que diz respeito ao currículo de Puiggari). Conta ele que o jornalzinho logo foi respondido por outro, denominado *O Martelo*. No *Paraná-Norte*, o jornalista atuava como repórter, redator e editor. Apesar disso, seu nome não aparece no cabeçalho do primeiro número do jornal, onde figura apenas o nome do diretor, Carlos de Almeida, delegado de Polícia e alto funcionário da Siam, maior indústria de madeira de Londrina à época.

A amizade entre Puiggari e Almeida havia começado no Mato Grosso, quando o segundo representava uma empresa de Santos que vencera a concorrência para construir o quartel de regimento de cavalaria. Contrariando a informação de que Carlos de Almeida seria responsável pelo custeio do *Paraná-Norte* (MARINÓSIO FILHO; MARINÓSIO NETO, 1991), George Coutinho (SCHWARTZ, 1997, p. 8A), afirma que “sua indicação para diretor do jornal recém-fundado se deveu exclusivamente à amizade”. Inclusive, Almeida teria arrumado emprego na Siam para o genro de Puiggari, Adriano Marino, quando perdeu o cargo de secretário do prefeito Willie Davids, arranjado pelo sogro.

Nas próprias páginas do *Paraná-Norte*, em artigo de capa sobre o décimo quarto aniversário do jornal, publicado em 9 de outubro de 1947, Puiggari relembrou as dificuldades do trabalho em Londrina nos primeiros anos. Segundo ele, poucas semanas após a fundação do periódico, Carlos Almeida precisou assumir outros compromissos, deixando-o sozinho, sem colaboradores. “A meu cargo, por

muitos anos, esteve a direcção, redacção, gerência, expedição, revisão e chefia das oficinas, etc.” (PARANÁ-NORTE, 1947, p.1).

No texto, o jornalista contou como amanhecia aos sábados na tarefa da expedição, selagem e empacotamento do jornal, tarefa realizada com o auxílio da esposa e “sob a luz de um candeeiro”. Em sua segunda edição, publicada no dia 18 de outubro de 1934, o jornal alertava que circularia semanalmente às quintas-feiras. Apesar disso, o primeiro número circulou numa terça-feira e o terceiro número, na sexta-feira, 26 de outubro. O quarto número do jornal traz no cabeçalho a data de 4 de novembro de 1934, um domingo, dia da semana que o jornal manteve dali para frente, circulando nos dias 11 de novembro, 18 de novembro e assim por diante. O próprio jornal, anos mais tarde, recuperaria parte da sua história, confirmando a circulação aos domingos. Escreveu Humberto Puiggari Coutinho:

Mas nos domingos às sete horas, lá estávamos no ponto de ônibus e no correio entregando a folha para que os assinantes da região pudessem ler o jornal na data da saída. Enquanto isso, o Joãozinho, esse guapo gráfico de hoje, que é o João de Oliveira, distribuía a folha de casa em casa na vila. Foi essa regularidade de entrega que originou a popularidade do periódico. (PARANÁ-NORTE, 1947, p.1).

Obviamente, os “atrasos” na chegada do *Paraná-Norte* ao público leitor aconteciam e não se pode dizer que causavam grandes prejuízos. Diferentemente dos tempos atuais, quando o jornal é feito em um dia para ser lido no café da manhã do dia seguinte, naquela época as notícias pouco traziam de factual, até mesmo por conta de limitações na produção. Como o próprio Puiggari recordou no artigo *Paraná-Norte: mais uma etapa vencida*, ele próprio redigia, revisava os conteúdos e exercia funções comerciais, de direcção e logística do jornal.

Evidentemente, por esse motivo, o fazer jornalístico era muito diferente do que conhecemos hoje. Impossível imaginar que apenas uma pessoa pudesse dar conta de ir às ruas, apurar fatos, entrevistar pessoas, escrever, revisar, cuidar da venda de anúncios e ainda fazer a entrega. Exatamente por isso, os textos apresentados pelo jornal eram de fundo mais opinativo que noticioso e, muitas vezes, tinham a intenção de alertar para problemas da região ou propagandear novas obras públicas e empreendimentos privados. Nesse sentido, fontes de informação raramente eram citadas e aspas de entrevistados, tão essenciais no jornalismo atual, eram coisa inexistente naquela época.

Em artigo comemorativo ao sexto aniversário do jornal, intitulado *O nosso aniversário*, publicado na capa da edição de 9 de outubro de 1940, Humberto Puiggari Coutinho escreveu que, se com o trabalho realizado à frente do jornal, conquistou um patrimônio material insignificante, o patrimônio moral alcançado foi “enorme”. No texto, o jornalista definiu a linguagem do periódico como sem compromissos e subterfúgios, “embora zele pelos ditames da ética e da estima à personalidade humana”. (O NOSSO, 1940, p.1). Sobre a vocação do jornal, continuou Puiggari:

‘Paraná-Norte’, pôde-se dizer, nasceu com Londrina. [...] Seu director era inspirado por um unico sentimento:- defender os interesses da região, e divulgar, tornar conhecida ao Brasil, aos brasileiros, a possança da terra, a amenidade do clima, a harmonia do sólo. [...] O timão desta fôlha nunca se afastou desse entendimento. [...] E, com certo orgulho, - orgulho de jornalista honesto, pode-se dizer que ‘Paraná-Norte’ é já uma necessidade em Londrina. À sua porta vem bater todo aquelle que se sente ameaçado ou ultrajado, todo aquelle que arreceia ou sofre uma injustiça; todo aquelle que tem uma vindicação justa, e que necessita de uma mão forte e audaz, que clame pelos seus diretos.

2.1.1 As Mudanças na Direção

Humberto Puiggari Coutinho seguiu à frente do jornal até 18 de janeiro de 1942, quando passou a direção a José Hosken de Novaes. O advogado – que mais tarde seria prefeito de Londrina – já fazia parte da redação do *Paraná-Norte* como colaborador desde 28 de abril de 1940, juntamente com o colega de profissão Deocleciano do Canto Menezes. Ao se desligar da direção e redação do periódico, “após sete anos e três meses de luta” (EM DESPEDIDA, 1942, p.1), Puiggari justificou estar deixando o cargo para cuidar de outra atividade jornalística, “mas fóra do âmbito das redações, onde tenho vivido a melhor parte da minha vida”. Em tom apaixonado, o jornalista fez questão de recordar a maneira ética com que tocou o jornal ao longo dos anos, sem explorar escândalos, utilizando-se de linguagem ética e comedida: “[...] jamais as questões pessoais tiveram guarida nas colunas da folha, nem mesmo em secção paga. [...]”. (EM DESPEDIDA, 1942, p.1). E, ainda que não acreditasse ter feito da pena um sacerdócio, Puiggari garantiu dela ter usado como um “ganha-pão laborioso e honesto”.

Apesar de ter sido o responsável pelo jornal durante os primeiros sete anos, ao longo desse tempo Puiggari contou com colaborações de pessoas

letradas da cidade, como advogados e médicos. Não fica claro nas páginas do periódico como era realizado o pagamento dessa tarefa – se é que ele existia –, sobretudo quando se tratavam de contribuições espontâneas, que eram estimuladas pelo jornal. Já na segunda edição, de 18 de outubro de 1934, *Paraná-Norte* estipulou diretrizes nesse sentido:

A redacção aceita artigos de colaboração sobre interesse geral do Paraná, especialmente da zona norte, sem distinção de municípios. Não se devolvem originaes. Artigos sobre política partidária do município ou do Estado, somente os aceitamos como matéria paga. Publicações em termos apaixonados ou descortezes, não terão guarida em nosso periódico, mesmo na secção paga. (PARANÁ-NORTE, 1934, p.2).

A edição também trazia preços de assinaturas, que podiam ser anuais (15\$000) ou semestrais (9\$000). Já os números avulsos custavam \$300 e os anúncios eram “a combinar”. Os preços foram sofrendo ajustes ao longo dos anos e, quase sempre, eram informados em páginas internas. Em 15 de setembro de 1940, na página 3, por exemplo, o jornal trazia a seguinte tabela:

Tabela 1 – Valores de anúncios no *Paraná-Norte*, no início dos anos 1940.

Preço de Anúncios	
Primeira página	Páginas internas
1 página 400\$000	10% de desconto
½ 220\$000	
¼ 120\$000	
Centímetro de coluna 4\$000	
Segunda publicação 15% de abatimento	
3 ou mais vezes, até 8 publicações, 25% de abatimento	
52 publicações seguidas ou alternadas, 40% de abatimento	

Fonte: *Paraná-Norte*, 15 set. (1940, p.3)

Os valores eram para “pagamento adiantado”. Já as assinaturas subiram para 20\$000 por ano e 12\$000 por semestre. A conversão de valores monetários para os dias atuais é difícil e, muitas vezes, não corresponde à realidade econômica de cada época. Dessa forma, para entender quanto custava uma assinatura anual do *Paraná-Norte*, recorreremos à Internet, onde encontramos a página de número 65, seção 1, do *Diário Oficial da União*, de 15 de agosto de 1940,

que especificava valores de material de escritório. Naquela época, uma bisnaga de 500 gramas de tinta para mimeógrafo custava dezenove mil réis, mil a menos do que uma assinatura anual do periódico. Com 20\$000 também era possível comprar uma resma de 800 meias folhas de papel liso e em cores para minuta.

Outra base para cálculo pode ser o salário do trabalhador, fixado em 1940 pelo Decreto-Lei nº 2.162. Calculado de acordo com a região do trabalhador, o objetivo do salário, em princípio, era atender suas necessidades básicas. “O primeiro valor, por decreto, era de 220 mil réis, adotado em São Paulo. Já no Maranhão, era de 120 mil réis e na então capital do País, o Rio de Janeiro, ele correspondia a 240 mil réis, o máximo de então.”⁹ Uma assinatura anual do *Paraná-Norte*, portanto, custava quase um décimo do salário mensal de um trabalhador paulista. Já um anúncio de meia página custava o mesmo que a sobrevivência deste trabalhador durante um mês, o que evidencia que anunciar no jornal era um investimento alto que, para compensar, precisaria conferir grandes retornos ao empresariado.

As colaborações de terceiros com o *Paraná-Norte* começaram já no início da história do jornal. Em 4 de novembro de 1934, as páginas internas deixaram de apresentar apenas anúncios e passaram a contar com notícias. Na página 2, por exemplo, a seção “Notícias de Jatahy – da sucursal em 3-11-34” trazia notas sobre o município vizinho, provavelmente escritas por algum colaborador. No dia 1º de janeiro de 1940, a publicação de quatro retratos na segunda página do jornal, evidenciava que Puiggari tinha auxílio externo, inclusive de mulheres. Uma das imagens mostrava Mary Camargo, colaboradora do periódico em Londrina. Em outra, é possível identificar Arlindo Pereira de Araújo, correspondente do *Paraná-Norte* em São Roque.

Com Puiggari ainda no comando, em 4 de fevereiro de 1940, o jornal passou a contar com um novo gerente, Candido Antunes, “nosso antigo e dedicado companheiro”. (NOVO, 1940, p.1). Meses depois, em setembro, Antonio Ramos Valença passaria a fazer parte da seção comercial, com a tarefa de receber débitos da população com o jornal. A passagem de Antunes pela gerência do periódico durou pouco mais de um ano. Em 26 de outubro de 1941, ele seguiu para São Paulo, deixando o jornal para o qual “teve ensejo de prestar bons e dedicados serviços a esta folha”, durante quatro anos. (GERÊNCIA, 1941, p.1).

⁹ Informações disponíveis no site do Governo Federal: <http://www.brasil.gov.br/para/servicos/direitos-do-trabalhador/salario-minimo>

O segundo período da história do *Paraná-Norte*, como o próprio jornal ressaltou na ocasião, teve início em janeiro de 1942, com a saída de seu fundador Humberto Puiggari Coutinho. No dia 10 de janeiro, a propriedade do jornal e das oficinas foi oficialmente entregue a José Hosken de Novaes e Dario Ferreira Junior. Apesar da mudança, não é possível perceber alterações aparentes na linha editorial ou na apresentação gráfica do jornal, em um primeiro momento. A segunda fase, nesse sentido, seria mais de ordem legal do que jornalística.

Com a justificativa de “seus muitos afazeres”, Hosken de Novaes deixou a direção do periódico em 18 de abril de 1943, prometendo continuar prestando colaboração ao jornal. No cabeçalho do dia, Moacir Teixeira aparecia como redator e Dario Ferreira Junior, como gerente. A partir dessa data, *Paraná-Norte* passou a sofrer algumas modificações. Na edição do dia 22 de agosto, por exemplo, o jornal contou com oito páginas – o número costumava variar entre quatro e seis. Mas a grande mudança ocorreu no anúncio de contracapa da Companhia de Terras Norte do Paraná que, até então, ocupava a página toda e não trazia imagens. A partir de agosto, a publicidade final passou para a metade inferior da página, enquanto o topo passou a ser ocupado pela coluna “Sociaes”.

Em 2 de maio de 1943, o cabeçalho do jornal sofreu nova modificação: Dario Ferreira Junior tornou-se o diretor-proprietário e Moacir Teixeira permaneceu na função de redator. O nome de H. Puiggari Coutinho também começou a integrar o topo do jornal, como “fundador”.

Na edição comemorativa aos nove anos do *Paraná-Norte*, em 10 de outubro de 1943, o jornal anunciou que, em breve, tornar-se-ia bi-semanário. Juntamente com a virada do ano, o periódico sofreu algumas modificações em seu projeto gráfico. A partir da edição de 2 de janeiro de 1944, o logotipo, que até então ocupava horizontalmente toda a extensão da capa, ficou mais estreito, passando a ocupar apenas quatro das cinco colunas do jornal. No canto superior direito da página, ao lado do logotipo, uma inscrição dizia: “Paraná-Norte – Folha destinada à defesa dos interesses do setentrião paranaense”.

Se até então o logotipo do *Paraná-Norte* ocupava exclusivamente o topo da primeira página, a partir de 23 de janeiro de 1944, o projeto gráfico deu mais liberdade a esse elemento, que, em alguns momentos, foi deslocado para o centro da página. Outra mudança foi a inserção do logotipo na contracapa do jornal, característica que se manteve desta data para frente.

Embora não se possa dizer que *Paraná-Norte* contasse naqueles anos com um projeto gráfico claro e definido, é forte a possibilidade de que o jornal, ao mudar sua apresentação visual, estava seguindo a tendência dos grandes periódicos brasileiros. No dia 30 de abril de 1944, outra “inovação” adotada nesse sentido foi a publicação de uma manchete principal acima do logotipo, de maneira a dar mais destaque a um assunto tratado na edição. Na ocasião, *Paraná-Norte* destacou dois assuntos. O primeiro deles, era a mobilização para a construção da Santa Casa de Misericórdia de Londrina, um projeto amplamente apoiado pelo jornal e pela imprensa londrinense de maneira geral (BONI; KOMARCHESQUI; RODRIGUES, 2010): “No panorama das nossas necessidades mais urgentes figura a abertura da Santa Casa”.

Logo em seguida, ainda acima do logotipo, o jornal trazia uma manchete de fundo mais jornalístico: “O LAMENTÁVEL DESASTRE ocorrido na estrada de Ibiporã a Londrina”. Na linha-fina, como é chamada a informação complementar logo abaixo da manchete, o leitor era informado de que um ônibus havia sido “apanhado” por uma locomotiva, em “um cruzamento de estrada extremamente perigoso”, deixando treze mortos e vinte e sete feridos. Abaixo, o texto trazia o nome e a idade de todos os mortos na tragédia.

Para um leitor dos jornais dos anos 2012, causaria estranhamento a ausência de fotografias do desastre. Se hoje, em poucos instantes na internet, seria possível encontrar dezenas de imagens de todos os ângulos da tragédia, naquele tempo, o leitor que não estava ali na estrada no momento do choque entre o trem e o caminhão precisava se contentar com a informação escrita. Fotografia mesmo na capa da edição daquele dia 30 de abril somente um retrato do médico Gabriel Martins.

Para compreender a ausência de imagens nas páginas do jornal em determinados período, há que se levar em consideração a série de limitações técnicas enfrentadas por jornalistas londrinenses na década de 1940. É grande a possibilidade de que o periódico não trouxesse fotografias em casos como esse por dificuldades com transporte até o local do acidente, falta de equipamento fotográfico adequado e de pessoal para realizar esse tipo de trabalho. Outro fator que pode ter tido influência na opção pela não publicação de determinadas imagens – se é que elas existiam e estavam disponíveis aos jornalistas – diz respeito ao comportamento do público leitor. Para alguém que vive no século XXI fica difícil afirmar o que os

londrinenses da época esperavam de um jornal e o que era “aceitável” ou não encontrar em páginas impressas.

Seria a ausência de fotografias de casos violentos no *Paraná-Norte* uma decisão fundamentada em parâmetros éticos da época? Em sua dissertação de mestrado em História, intitulada *Caçadores de notícias: história e crônicas policiais de Londrina 1948-1970*, defendida em 1997, na Universidade Federal do Paraná, Tony Hara narrou quatro homicídios ocorridos na cidade, no período citado, a partir de crônicas policiais publicadas na imprensa. Segundo o autor, as narrativas publicadas nos jornais londrinenses foram escolhidas como ponto de partida, uma vez que:

[...] parte-se do princípio de que o jornalismo é um dos pólos privilegiados na constituição do imaginário e dos rituais de verdade produzidos em uma cidade ou região. A imprensa de modo geral registra a vida cotidiana em seus múltiplos aspectos, manipulando e intervindo na vida social. (HARA, 1997, p.2).

Para Hara (1997, p.2), por meio da imprensa pode-se “[...] ‘ler a cidade’ da perspectiva dos vários jornalistas – (re)produtores de imagens de rápida circulação e de grande penetração”. Apesar de nos parecer um meio privilegiado de informação, a fotografia não foi objetivo de análise em seu trabalho. Em pelo menos um dos casos estudado pelo autor, o famoso “Crime do Simca”, ocorrido em 1963, a *Folha de Londrina* realizou ampla cobertura fotográfica, com imagens do acidente de automóvel e até mesmo do julgamento da ré¹⁰.

Segundo Tony Hara (2012)¹¹, até mesmo na década de 1950, a *Folha de Londrina* – um dos jornais mais importantes de Londrina no período e nos dias atuais – ainda não publicava muitas fotografias de cotidiano, “dessas que cobrem o dia a dia”. Para ele, a principal razão era o alto preço da transformação das fotografias em clichês, processo necessário para a impressão de imagens antes das máquinas *offset*.

No caso específico do “Crime do Simca” houve maior exploração do recurso imagético por se tratar do ano de 1963, quando a publicação de fotografias

¹⁰ No artigo *Imagens de um caso de polícia: a cobertura fotográfica do “Crime do Simca” pela Folha de Londrina (1963-1964)*, apresentado no DT 1 - GP História do Jornalismo, do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom 2011, a autora Bruna Mayara Komarchesqui faz uma análise da cobertura imagética do caso feita pela *Folha de Londrina*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2675-1.pdf>

¹¹ Conversa realizada por e-mail entre a autora e Tony Hara, em 2 de setembro de 2012.

na imprensa era mais barata e acessível e quando Londrina já contava com uma emissora de televisão. Para Hara (2012), inclusive, um dos cadernos de fotografias do caso publicadas pela *Folha de Londrina* na época possivelmente foi financiado pela família da vítima e até mesmo os textos teriam sido escritos pelos advogados. Nas décadas de 1940 e 1950, prossegue, portanto, o autor, a não publicação de fotografias de violência nos jornais pouco tem a ver com padrões éticos e muito com limitação econômica.

Até hoje a transformação das fotos em clichês é um processo caro. Nós estamos aqui na geração das impressoras anterior ao *offset*. E pra rodar fotos tinha que fazer o clichê que era cobrado por centímetros quadrados. Por isso aquelas fotos repetidas de bois, o cafezal de fulano de tal, retratos de autoridades, a casa de sicrano, o jogo de futebol... Utilizava-se sempre o mesmo clichê. Uma foto que iria ser usada apenas uma vez, para ilustrar uma notícia de ocasião, não compensaria o alto investimento. [...] E, não sei direito quando é que as notícias do cotidiano serão acompanhadas com fotos. Quando isso se torna rotineiro? Não sei, se fosse chutar uma data, acredito que seja no momento em que os gráficos da *Folha de Londrina* dominam as técnicas de impressão da *offset*. Mas mesmo assim, o caso tinha que compensar já que os fotolitos também eram caros... (HARA, 2012, entrevista realizada por e-mail).

A direção do *Paraná-Norte* mudaria novamente em 13 de agosto de 1944, quando Eufrosino Santiago – um dos fundadores da pioneira *ZYD-4 Rádio Londrina*, ao lado do irmão Itagiba Santiago, um ano antes – assumiu a função e empreendeu importantes modificações na linha editorial. Na ocasião, o jornal contou com uma edição especial de oito páginas, cuja capa era inteiramente dedicada à troca de direção. Abaixo do logotipo, uma frase de Getúlio Vargas se destacava, mostrando que, pelo menos naquele momento, a linha política do jornal se mantinha: “Numa época em que se reconhece, sem discrepâncias, o primado do interesse social sobre o individual, a organização cooperativista tem especial relevo.”.

O próprio Eufrosino assinava o editorial, intitulado “Bom dia”, no qual, de maneira poética, elogiava os esforços dos pioneiros da imprensa local Carlos de Almeida, Humberto Puiggari Coutinho e Moacir Teixeira. Ainda na capa, um artigo de Manoel Pedro de Macedo discorria sobre a figura do “novo mentor deste semanário”, cuja redação e oficinas, chefiadas por Dario Ferreira Junior, eram na rua Minas Gerais, 907.

Entre as mudanças implementadas já de início, estavam a retirada do tradicional anúncio da Companhia de Terras Norte do Paraná da contracapa,

além de alterações na colunagem do jornal e no logotipo. Também foram criadas novas seções, como “Sua Página, Senhora”, que contava com um “Cantinho das Crianças”. Ainda nesta edição, o jornal prometia suspender as remessas de assinantes em atraso, o que evidencia que Eufrosino Santiago também pretendia implantar uma nova maneira de administrar.

Daí para frente, as edições do periódico passaram a variar entre quatro, seis ou oito páginas e, em outubro de 1944, o *Paraná-Norte* passou a bi-semanário, conforme vinha sendo anunciado há algum tempo. Ao completar 10 anos de existência, o jornal entrou em sua terceira fase, “com nova direção, novo feitio, circulando bi semanário”, porém com os mesmos ideais, como alertava a capa da edição de 8 de outubro de 1944. Definido no cabeçalho como “Um jornal nosso, para nós mesmo”, *Paraná-Norte* prometia defender os interesses do público leitor: “Seus problemas, leitor amigo, são os nossos problemas.”.

No último dia daquele 1944, ao saudar os leitores pelas festividades de fim de ano, o periódico falou do esforço para que o jornal circulasse sem interrupções, mesmo em tempos de estiagem e fornecimento de água e energia elétrica restritos. O jornal também agradeceu o apoio dos leitores, que tornou possível “em apenas 3 meses, introduzimos diversas modificações em nossa redação e oficinas”. (LEITOR, 1944, p.1).

A chegada de 1945 traria mudanças importantes na política brasileira que se refletiriam de maneira clara e significativa nos rumos do *Paraná-Norte*. Nos primeiros meses, o jornal manteve a mesma linha de elogio à figura do interventor estadual Manoel Ribas e do presidente Getúlio Vargas, adotada até então. Na edição de 28 de janeiro, dia do “Aniversário do governo do exmo. Sr. Manoel Ribas”, o interventor mereceu inclusive a publicação de um retrato na capa. O mesmo assunto e fotografia voltaram a se repetir na edição de 4 de fevereiro. Nesta edição, inclusive, chama a atenção uma espécie de charge de um crocodilo chorando, publicada na contracapa, acompanhada da frase “Estamos sinceramente arrependidos” e assinada pelas iniciais B.N.S.

No dia 8 de março de 1945, a mesma fotografia do aniversariante Manoel Ribas voltou a estampar a capa do jornal. Intitulado “Homenagem de Paraná-Norte – Interventor Manoel Ribas” o texto elogiava as inúmeras escolas fundadas em Londrina pelo interventor.

A orientação do jornal começaria a mudar no mês seguinte. Em primeiro de abril, um “MANIFESTO Ao povo do Norte do Paraná”, assinado por diversos membros da sociedade londrinense, como advogados, criticava Getúlio Vargas, que, segundo o texto, “caiu no descrédito” geral da população. O manifesto criticava a ditadura, pedindo representação proporcional do Paraná nas Câmaras Federais, participação ativa na política do estado e eleições diretas para prefeito.

Em 29 de abril de 1945, o nome de Eufrosino Santiago deixou de figurar na capa do jornal, permanecendo apenas o de Dario Ferreira Junior. Na capa da edição, uma pequena nota, assinada por Moacir Teixeira, avisava que, na próxima semana, o periódico se apresentaria sob nova orientação: “Folha sempre dedicada à defesa dos interesses do setentrião paranaense, este órgão trabalhará em serviço dos anseios [sic]¹² das verdadeiras expressões democráticas do país.”.

No dia 6 de maio, o jornal mudou seu *layout*, passando a contar com frases de cunho político acima do cabeçalho, que já prenunciavam uma mudança na linha político-ideológica: “Não conhecemos favores do Governo”, “A imprensa deve ser ilimitadamente livre” e “Não é só pela vastidão da gleba, nem pela sua riqueza economica que o Paraná precisa reivindicar o que perdeu”.

O tom ficou ainda mais agressivo no dia 10 de maio, quando *Paraná-Norte* estampou acima do logotipo da contracapa o texto:

Denunciando a manobra às correntes oposicionistas locais, pretendemos alertar as consciencias honestas de nossa gente, para que não venham a cair num falso engodo de um namoro ridiculo e de ultima hora. Não vamos indagar de onde saiu a gasolina, porque não possuímos nenhuma tendencia de escaravelho.

No dia 13 de maio, o jornal revelou ter sido adquirido por um “grupo de pessoas empenhadas na campanha de restauração democratica da Nação” e garantindo que o “reduto do Paraná-Norte” permaneceria “inexpugnável”. Apenas na semana seguinte, o grupo de pessoas revelou a identidade. No cabeçalho do dia 20 de maio, apareciam como diretores-responsáveis do periódico José Hosken de Novaes, Josino Rocha Loures, Licinio Maragliano, Milton Ribeiro Menezes e, como diretor-gerente, Moacir Teixeira.

¹² Algumas vezes, a grafia de determinadas palavras pelo *Paraná-Norte* se apresenta de maneira diferente da que conhecemos hoje. Nesses casos, optamos por manter as palavras como no original pesquisado.

Daí para frente, a postura assumida pelo *Paraná-Norte* foi de total oposição ao “continuismo” representado pela figura de Getúlio Vargas e de seu interventor federal, cuja orientação era classificada como “anti-democrática”. Sempre com palavras de ordem e luta – “Londrinenses! Sêde livres, londrinenses!” ou “Basta de legislação trabalhista no papel”¹³ – o jornal conclamava a população a ser inimiga de todas as formas de despotismo e, portanto, do integralismo. “O professorado paranaense é miseravelmente pago. O Brasil repugna a camisa verde e a camisa de força da ditadura getuliana. O Norte tem sido uma especie de campo de concentração, onde os homens sómente têm tido a obrigação de trabalhar e pagar impostos”, apregoava o jornal em frases destacadas acima do cabeçalho da edição de 20 maio de 1945.

A partir desta data, o jornal se tornou totalmente opinativo e político, com manifestos e artigos de análise da situação do país, em especial no que dizia respeito à política. De local mesmo, só os anúncios e editais das páginas internas, além do indicador profissional, com endereços de médicos, dentistas, engenheiros, representações e outros estabelecimentos a serviço do londrinense. Nas poucas vezes em que tratava de algum fato local, o fazia em tom mais crítico e de idealismo do que jornalístico, como na contracapa do dia 10 de junho de 1945.

O artigo “Crítica severa à administração do ex-prefeito Aquiles Pimpão”, partiu de uma carta do leitor José de Oliveira Rocha, publicada pela *Gazeta de Londrina*, em que a gestão municipal anterior era severamente censurada. Os jornalistas do *Paraná-Norte* classificaram as reflexões do leitor como louváveis, argumentando que a administração passada atuou “[...] em um período em que, pode-se dizer, não havia imprensa livre em Londrina. Hoje a voz do povo está aí gritando, clamando, responsabilizando e condenando homens e regimes”.

Com conteúdo fortemente político, mais do que apenas mostrar seu posicionamento, *Paraná-Norte* passou a fazer campanha para os candidatos da União Democrática Nacional (UDN), nas eleições marcadas para o final de 1945. Por essa razão, a grande maioria dos conteúdos publicados pelo jornal trazia um tom apaixonado – “Cornélio Procópio é pela redemocratização do País” – e a crítica aos demais periódicos que não adotavam a mesma postura era severa. Aliás, nesse período, era recorrente encontrar comentários a respeito de artigos publicados em

¹³ *Paraná-Norte* de 27 de maio de 1945.

outros jornais. “[...] a imprensa mercenária procura embair a credulidade pública apregoando maravilhas que a nossa população desconhece. Se ‘O Dia’ quiser um juízo sincero, venha ‘In loco’ ouvir a opinião de nossa gente.” (CRÍTICA, 1945, contracapa).

2.1.1.1 O Varguismo em cheque

Para compreender determinadas posturas editoriais do *Paraná-Norte* ao longo de sua trajetória, é preciso recorrer ao contexto sócio-histórico em que o jornal estava inserido. Pode-se afirmar que as mudanças na linha de pensamento não foram por acaso, mas se deveram às trocas de direção da redação e, sobretudo, às transformações políticas pelas quais o Brasil passou no período de 1934-1953.

Criado em plena Era Vargas, em um primeiro momento, a linha adotada por *Paraná-Norte* foi de elogio à figura do presidente. Não era raro nos primeiros anos encontrar matérias saudando os grandes feitos do “chefe da nação”, cujas posturas eram sempre exaltadas.

Apesar disso, seria equivocado afirmar que seus proprietários fossem varguistas ou realmente concordassem com as posturas do presidente. Vale lembrar que, ao tomar o poder em 1930, Getúlio Vargas criou um “pacote” de medidas, que tinham a clara intenção de centralizar o poder em suas mãos.

Com essas medidas, Vargas mudava substancialmente o funcionamento do sistema político, reestruturava os canais de acesso ao poder e, por medida de segurança, buscava corrigir a seu modo a descentralização administrativa e política da República Velha.” (D’ARAÚJO, 1997, p.20).

Tudo isso viria a se consolidar mais tarde em um modelo institucional, ou seja, o modelo político da chamada Era Vargas.

Para alcançar esse intento, Vargas se baseou em uma abordagem que visava à “difusão emocional de valores nacionais”. (LEVINE, 2001, p.93). Um dos órgãos mais importantes e fortes criados nesse sentido foi o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que tinha como atribuição, entre outras coisas, censurar toda a mídia pública. De acordo com Levine (2001), no final do ano de 1938, 60% do conteúdo publicado em jornais e revistas eram artigos que o DIP

distribuía, tendo como objetivo principal retratar o chefe da nação como o afável “pai dos pobres”, por meio da valorização de “palavras sagradas”, como “povo”.

O DIP não só censurava a imprensa, como “sugeria” que editores publicassem a matéria produzida pelo departamento. Os que se recusavam a fazê-lo corriam o risco de ver as tiragens inteiras de seus jornais apreendidas ou queimadas. (LEVINE, 2001, p.94).

Por longos anos, portanto, muito do que era publicado pelo *Paraná-Norte* não fazia jus ao que pensavam seus jornalistas e proprietários. No dia 6 de maio de 1945, quando Vargas já estava enfraquecido, o próprio jornal, no texto de capa “Nós, os gazeteiros”, escancarou a influência que o Departamento de Imprensa e Propaganda teve sobre o que era publicado, mostrando como, durante longos anos, a ditadura manipulou a imprensa.

Dip, a grande máquina de propaganda oficial – made in germany – abafava a voz de todos os brasileiros livres, gritando aos quatro ventos as maravilhas e as delícias do getulismo! [...] Nós, os gazeteiros, cujas penas ficaram paralizadas pelo Dip. diremos agora tudo o que não pudemos dizer quando prevaleciam essas criminosas restrições à expressão do pensamento democrático. (NÓS, 1945, p.1).

Se voltarmos aos primeiros meses de 1945, lembraremos que, em seguidas ocasiões, o *Paraná-Norte* publicou de fotografias e elogios à figura do interventor federal Manoel Ribas. Tendo em vista que, nessa época, o enfraquecimento do regime era claro, pode-se concluir que as matérias eram uma manobra do DIP, na tentativa de sustentar o poder do presidente e de seus interventores nomeados, que começavam a cair no descrédito.

Tanto é verdade que, a partir de maio de 1945, quando tomou por completo as rédeas do que era publicado, *Paraná-Norte* adotou um posicionamento fortemente contrário a Manoel Ribas e a todos aqueles ligados de alguma forma ao presidente Getúlio Vargas. Na capa do dia 21 de junho, a primeira crítica explícita a Ribas ainda era tímida. Ao reclamar da questão da justiça na comarca que, mesmo em período eleitoral, contava apenas com um juiz, o periódico diz que Manoel Ribas “pouca atenção dá a esses assuntos”.

As críticas ao interventor se tornariam ferrenhas a partir de 25 de julho, quando o jornal se posicionou claramente contra Manoel Ribas. No artigo de capa, “Porque somos contra o Sr. Manoel Ribas”, o jornal dizia não reconhecer a

“legitimidade do governo, cujo mandato não foi conferido pelo povo”. Em 29 de julho, um folheto de quatro páginas acompanhou a edição impressa. Escrito por José Bonifácio e Silva, o impresso tinha como título “Separata do Paraná-Norte – O que os londrinenses jamais esquecerão”. Também aí a crítica a Manoel Ribas, que “sempre procurou espezinhar e diminuir a gente do Norte do Paraná e nunca deu guarda às suas justas reivindicações”, era clara. Porém, mais do que censurar a postura do interventor, neste folheto, o *Paraná-Norte* iniciou o que se pode chamar de uma campanha pela eleição do candidato Eduardo Gomes à Presidência da República. “Quem trabalha pela grandeza deste abençoado rincão da pátria brasileira ou vota no Brigadeiro Eduardo Gomes [esta parte em letra de corpo maior] ou renuncia ao dever de salva-la”, terminava o folheto.

O posicionamento político do *Paraná-Norte* demonstrava o enfraquecimento de Getúlio Vargas meses antes de sua deposição, em 29 de outubro de 1945. Até então, segundo Skidmore (1975, p.72), a censura eficiente do Estado Novo havia silenciado as vozes dissidentes. O quadro começaria a mudar por volta de 1943, “[...] à medida que a maré da guerra mudava a favor dos aliados. [...] Os brasileiros tinham-se dado conta da anomalia de lutar pela democracia no exterior, enquanto persistia uma ditadura em seu próprio país”.

Em fevereiro de 1945, uma entrevista de José Américo de Almeida – candidato na frustrada campanha presidencial de 1937 – publicada na imprensa demonstrou a falha dos censores do DIP, “um sinal claro de que o ditador estava cedendo terreno diante da oposição”. (SKIDMORE, 1975, p.73). Em 28 de fevereiro, o governo emitiu um Ato Adicional à Constituição de 1937, que previa um decreto fixando a data das eleições em um prazo de 90 dias. Imediatamente, o ex-tenente Brigadeiro Eduardo Gomes, um dos principais comandantes da Força Aérea, foi lançado como candidato à Presidência pelos constitucionalistas liberais que, em breve, entrariam em campanha como UDN.

Em 11 de março de 1945, Vargas acalmou os ânimos da população, garantindo que não se candidataria às eleições. Um mês depois, o Ministro de Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, aceitaria se lançar candidato às eleições fixadas por decreto para 2 de dezembro de 1945. Em 20 de outubro, Vargas deu o que os estudiosos consideram um passo audacioso: substituiu o chefe da Polícia do Distrito Federal, João Alberto, por seu irmão Benjamin Vargas, “[...] figura medíocre, conhecido por suas ligações com o lado mais sombrio dos negócios públicos”.

(SKIDMORE, 1975, p.77). A polêmica decisão causou a deposição do presidente, pelo alto comando do Exército, em 29 de outubro.

Ao assumir o cargo interinamente, o presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, substituiu os interventores, em grande parte por membros do poder judiciário, e suspendeu todos os prefeitos até depois das eleições, mantidas para 2 de dezembro de 1945. Vale lembrar que Vargas fez uso frequente de interventores – título dado aos governadores de nomeação federal, investido de poderes legislativos – antes e depois do golpe de 1937. O objetivo era, como explica Skidmore (1975, p.60), “[...] nos Estados principais, minar os clãs políticos tradicionais e criar, em lugar deles, uma rede de alianças locais de orientação nacional”.

No dia 8 de novembro de 1945, a capa do *Paraná-Norte* estampava, acima do cabeçalho, a manchete:

Caiu o ditador GETÚLIO VARGAS! Caiu o Interventor MANOEL RIBAS!
Caiu o secretario FERNANDO FLORES! Cairão os prefeitos Dr. Jose
Munhoz de Mello, Ivaí Martins e Tenente Luiz dos Santos, e todos os que
usaram seus cargos para fazer politica, violentando a liberdade eleitoral.
Viva o impoluto candidato do povo Brigadeiro EDUARDO GOMES!

A manchete secundária da primeira página – “Como foi recebida a notícia da ‘renúncia’ do Interventor Manuel Ribas” – comemorava as notícias “chegadas de Curitiba” da queda de Ribas, classificado pelo jornal como um “ditador mirim”. Segundo o periódico, a população da capital foi atingida por grande comoção e, soltando “foguetes”, dava vivas à democracia, que começava a reaparecer com a saída dos “últimos remanescentes da ditadura getulista”.

Antes mesmo da queda de Getúlio Vargas, o *Paraná-Norte* já havia assumido explicitamente estar em campanha pela eleição do candidato Eduardo Gomes. A proposta da UDN, em essência, era a volta aos princípios do liberalismo político e econômico. “O programa de Eduardo Gomes dava destaque aos aspectos jurídicos da redemocratização do Brasil.” (SKIDMORE, 1975, p.86).

Herdeiro político de Armando de Sales Oliveira, candidato à Presidência em 1937, Eduardo Gomes contava com o apoio dos homens de negócios das principais cidades e até mesmo de ruralistas, a quem o governista Eurico Gaspar Dutra também recorria. “Ele incluía entre os seus partidários muitos membros eminentes da elite política brasileira, tais como o ex-presidente Artur

Bernardes (Minas Gerais) e Oswaldo Aranha, ex-embaixador em Washington e ex-ministro da Relações Exteriores.” (SKIDMORE, 1975, p.86).

Conforme a eleição se aproximava, o jornal reforçava ainda mais a campanha em favor do Brigadeiro Eduardo Gomes. A uma semana do pleito, no dia 25 de novembro de 1945, uma propaganda no pé da página 4 dizia:

BRASILEIROS! Pela redenção do Brasil, pela prosperidade do Paraná e pela defesa dos interesses desta região, votai nos candidatos da União Democrática Nacional. Para presidente da República Major Brigadeiro Eduardo Gomes. Para deputado federal Hugo Cabral, lavrador e criador.

No dia 29 de novembro, a manchete “Pela redenção do Brasil, pelo império da democracia em nossa pátria, votai em EDUARDO GOMES”, seguida de um retrato de página inteira do candidato, estampou a capa do periódico. Um texto-legenda completava a informação:

Major Brigadeiro Eduardo Gomes é o candidato vitorioso da maioria esmagadora do eleitorado londrinense, porque na Presidencia da Republica ele irá plenamente ao encontro das legítimas de todas as classes sociais do paiz, principalmente dos trabalhadores manuais, do agricultor e do operario da cidade. Eleitor cumpri conscientemente com o vosso dever votando para Presidente da Republica, no Major Brigadeiro Eduardo Gomes. (PELA, 1945, p.1).

No alto da contracapa da mesma edição, um pequeno retrato de Hugo Cabral era acompanhado do texto: “Um agricultor que representará na Camara dos Deputados os agricultores do Norte do Paraná – região essencialmente agrícola.”.

Pode-se dizer que o candidato do Partido Social Democrático (PSD), Eurico Gaspar Dutra, gozava de prestígio entre os proprietários de terras que haviam prosperado sob o comando de Vargas. “Importantes, nesta categoria, eram os fazendeiros de café, e outros grandes proprietários de terras que apreciavam o completo silêncio de Vargas a respeito da questão agrária.” (SKIDMORE, 1975, p.81). Ainda que esse fosse o perfil de grande parte do eleitorado londrinense, a opção do *Paraná-Norte* por apoiar o opositor Eduardo Gomes mostrava alinhamento a uma tendência entre os jornais brasileiros.

De acordo com Skidmore (1975, p.86, grifos do autor), o udenista era apoiado pela maior parte da imprensa do País, “[...] liderada pelos seus

magnatas, Assis Chateaubriand, proprietário da cadeia de jornais *Diários Associados*, Herbert Moses (*O Globo*), e Paulo Bittencourt (*Correio da Manhã*).

A edição do *Paraná-Norte* do esperado 2 de dezembro de 1945 foi econômica com relação ao assunto: “Salvai a nossa Pátria votando hoje no Brigadeiro EDUARDO GOMES”, dizia a capa. Daí para frente, o jornal só voltou ao assunto em 13 de dezembro, quando apenas um quadro publicado na contracapa trazia o resultado das eleições presidenciais em Londrina. O candidato dos “governistas”, Eurico Gaspar Dutra, fez 5.587 votos na cidade, enquanto Eduardo Gomes conseguiu 1.834 votos, e o “comunista” Yedo Fiuzza atingiu apenas 364 votos. Para deputado federal, Hugo Cabral foi o segundo mais votado na cidade, com 1.440 votos, ficando atrás de José Munhoz de Melo, com 5.275 votos.

Apesar da campanha bancada pelo *Paraná-Norte*, o general Dutra teve uma votação mais expressiva na cidade do que a atingida no país. Segundo Skidmore (1975, p.90), enquanto o presidente eleito obteve 55% da votação nacional, Eduardo Gomes ficou em segundo lugar com 35% dos votos. Em Londrina, Eurico Gaspar Dutra levou cerca de 70% dos votos válidos, enquanto o candidato da UDN ficou com somente 23% dos votos.

Embora os esforços do jornal na tentativa de eleger o candidato oposicionista pareçam ter sido frustrados, é difícil medir o nível de influência do *Paraná-Norte* na cidade pelo resultado das eleições presidenciais. Na edição de 16 de dezembro, o artigo de capa “Udenistas a nossa vitória é esta” – assinado por Licínio Maragliano – comemorava o retorno à liberdade de imprensa e garantia que Dutra não cumpriria as promessas feitas durante a campanha. De acordo com Maragliano, a vitória do general não deveria ser um “fator de esmorecimento das hostes oposicionistas”, pelo contrário. “A nós deve bastar, como realmente basta, o grande resultado palpável que obtivemos em nossa campanha, sob a chefia irrepreensível do Major Brigadeiro Eduardo Gomes.”

2.1.2 Puiggari Volta ao *Paraná-Norte*

O primeiro dia de 1946 viria acompanhado da volta, ainda que temporária do fundador Humberto Puiggari Coutinho, à redação do *Paraná-Norte*. A convite da direção, o pioneiro da imprensa londrinense passou a ocupar o cargo do professor Moacir Teixeira, durante seu período de férias. Na função, o jornalista

assumia a “[...] responsabilidade sobre tudo o que o jornal publicar fora da seção comercial e tudo o que não for assinado por um de seus diretores”. (ATENDENDO, 1946, p.1). Menos de um mês depois, no dia 24, sem explicar os motivos que levaram à decisão, os quotistas do periódico Josino Alves da Rocha Loures e Vespertino Ferreira Pimpão, detentores de dois terços do capital, deliberaram pela dispensa de Puiggari, “com pagamento dos salários”. A gerência, a partir de então, foi confiada a Ciro Ibirá de Barros.

No mesmo dia, o cabeçalho do jornal mudou. Loures e Pimpão apareciam como diretores, enquanto Ibirá de Barros figurava como o gerente. Curiosamente, a saída dos demais sócios, que compunham o jornal até 1945, e de Moacir Teixeira não foi explicada aos leitores, como costumava ocorrer sempre que o *Paraná-Norte* passava por alguma mudança desse tipo.

No início de 1946, as edições contavam com oito páginas e já não tinham conteúdo fortemente político, como no período que antecedeu as eleições presidenciais. Algumas vezes, porém, o jornal aproveitava notícias para reforçar seu posicionamento, como na capa do dia 31 de janeiro, quando noticiou a morte do ex-interventor Manoel Ribas:

O Sr. Manoel Ribas não deixou amigos, porque não acreditava e nem alimentava afeições. Teve-os, sim, subservientes e interesseiros, que se prestavam docilmente ao seu incorrigível espírito despótico. [...] O Paraná vivia preocupado sob a ameaça do seu continuísmo, e com o seu desaparecimento, certamente entrará num período de mais sossego, ordem, segurança pública e privada.

Em 5 de maio de 1946, também sem explicações prévias, o nome de Vespertino Ferreira Pimpão deixou de fazer parte do cabeçalho do jornal. Daí para frente, a gerência ficou a cargo de Ciro Ibirá de Barros e a direção era atribuição apenas do médico Josino Alves da Rocha Loures. Passada a efervescência política, o *Paraná-Norte* voltou a noticiar acontecimentos do cotidiano londrinense, nos meses que se seguiram. Muitas delas causariam estranhamento ao leitor dos jornais contemporâneos, dado o tom denunciante e a falta de elementos concretos que confirmassem a informação passada ao leitor.

Na contracapa de 1º de janeiro de 1946, por exemplo, a matéria “A falta de troco e os sabonetes” criticava a venda forçada de sabonetes nas vendas da cidade, sob a desculpa de falta de troco, mais ou menos como acontece com as “balinhas” nos dias atuais. Segundo o jornal, nas feiras livres, os comerciantes

japoneses escondiam as moedas e forçavam o troco na forma de cartões com um carimbo japonês atrás. Uma sugestão de solução ao consumidor era que pagasse os estabelecimentos com sabonetes. No caso dos japoneses, o *Paraná-Norte* era ainda mais enfático: “quanto aos feirantes japoneses o caso é meramente policial”.

Na contracapa de 26 de setembro de 1946, os comerciantes japoneses voltaram a ser criticados pelo jornal, em texto intitulado “Cambio negro no Bar Pinguim”. A linha-fina já resumia o direcionamento da matéria: “Japoneses insolentes e mal educados tratam mal os seus fregueses”. Sem ouvir consumidores ou dar voz aos comerciantes criticados, o periódico conclamava o delegado a agir, alegando que os japoneses cobravam duas vezes pela mesma mercadoria e, quando questionados pelo consumidor, diziam “ter quem quer” os produtos, mesmo a preços elevados.

Por volta do mês de outubro de 1946, o jornal não tinha um projeto gráfico definido. Enquanto o logotipo da capa ocupava o meio da página, abaixo da matéria principal, a colunagem variava de uma edição para a outra, não seguindo um padrão específico. No início de 1947, o padrão passou a ser cinco colunas, o que variava em algumas edições, com o uso das chamadas colunas falsas.

O tom mais opinativo que noticioso parecia mesmo ser uma característica do *Paraná-Norte* em finais dos anos 1940. Em 31 de outubro de 1946, o jornal noticiava que uma “perigosa quadrilha de gatunos” vinha “agindo desenfreadamente em Londrina”. Apesar da linha-fina ser mais informativa nesse caso, o tom crítico ainda era presente: “Valiosos objetos tem sido subtraídos de residências particulares – O Delegado Peregrino Dias da Rosa toma providências no sentido de conter a onda de assaltos dos meliantes”. Apesar da tentativa de fazer a informação prevalecer sobre a opinião – por meio do registro de datas e nomes dos assaltados, além de quantias levadas – o tom opinativo ainda se fazia presente de maneira significativa em trechos como este: “No dia 25 do corrente mês, os ‘ratos’, usando processos de verdadeiros profissionais, arrombaram uma casa à Avenida Higienópolis”.

Mais para frente, alguns indícios de técnicas de apuração jornalística viriam à tona, mas de maneira ainda primitiva, comparado ao que se pratica hoje nas redações. No dia 13 de fevereiro de 1947, um crime ocorrido dez dias antes na rua Mato Grosso ganhou destaque na capa do *Paraná-Norte*. Acima do logotipo uma frase chamava a atenção do leitor: “ ‘...cuidado com Oswaldo...’ dizia Leonice

Lombardi em Correspondência ao seu desventurado noivo Sétimo Capi.” Logo abaixo do cabeçalho, a manchete ocupava três colunas à direita: “DETALHES Sobre a tragédia da R. Mato Grosso”. A linha-fina, que mais parecia um resumo do caso, dizia:

O criminoso apresentando-se ‘expontaneamente’ à prisão... acompanhado do seu advogado – Confessou friamente a autoria do crime invocando motivos de honra familiar – Correspondências de Leonice, noiva da vítima, pedindo ter cuidado com Oswaldo, o covarde assassino – Correspondências que trarão luzes sobre o bárbaro crime. (DETALHES, 1947, p.1).

A vítima, um operário das Indústrias Minati, teria sido morta por Oswaldo Lombardi – que “confessou cinicamente o crime” – por ter se recusado a casar com a irmã do assassino. Apesar de não haver fotografias, nem reprodução de trechos das cartas, a retranca “Não era verdade, porém” deixa claro que o jornalista foi às ruas, atrás de apurar as versões do assassinato:

A reportagem se poz em campo sobre as declarações do criminoso e conseguiu saber de pessoas de sua família, vindas de Araraquara, no Estado de São Paulo, que tal motivo não era verdadeiro. Sétimo Capi – a vítima – era noivo recentemente de Leonice Lombardi, irmã do criminoso.

Em março de 1947, o gerente do jornal passou a ser Aníbal da Rocha Loures Sobrinho. Não há como saber se o jornal comunicou isso em nota aos leitores, porque há diversos exemplares faltantes do final de fevereiro, na coleção do Museu Histórico de Londrina e do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL.

Em abril de 1947, a manchete da capa, apresentada acima do cabeçalho, chamava o poder público para a solução de um problema que parecia não ter fim em Londrina: a luz elétrica. As falhas da Empresa Elétrica iam desde a iluminação pública até a energia dentro das residências. “Por que a Prefeitura não procura resolver o problema da luz? E a Empresa por que não atende às reclamações do povo?”, questionava o jornal, na capa de 17 de abril. Além de mostrar aspectos do cotidiano da cidade, o texto também evidenciava a vinculação entre *Paraná-Norte* e *Gazeta de Londrina*: “Publicamos no número passado da ‘Gazeta de Londrina’ veemente apelo dos moradores o bairro da Vila Casoni”.

No dia 10 de julho, um anúncio da Tipografia Gazeta, com o mesmo endereço da redação e das oficinas do *Paraná-Norte* (Avenida Paraná, 457), viria a

corroborar com a hipótese de que os dois jornais eram tocados pelas mesmas pessoas. Curiosamente, nesta edição, o expediente do jornal também aparece trocado: ao invés de *Paraná-Norte*, aparecia “Gazeta de Londrina – Expediente”. Uma falha, provavelmente, decorrente dos periódicos serem compostos e impressos no mesmo local e pelos mesmos responsáveis.

Após treze anos circulando como semanário “ininterruptamente”, a esperada circulação diária do *Paraná-Norte* teria início em 15 de julho de 1947. Na capa, dois retratos: um do diretor-responsável, Josino Alves da Rocha Loures, e outro do fundador do jornal, Humberto Puiggari Coutinho, anunciando sua candidatura a vereador. À esquerda, um artigo de duas colunas, intitulado “Nova fase de ‘Paraná-Norte’”, elogiava “uma das fases mais gloriosas” da existência do periódico que, sob a gerência de Rocha Loures, “tem mantido uma linha de coerência política admirável, batalhando pelos mais puros ideais democráticos”.

No dia seguinte, a edição de quatro páginas estampava junto ao expediente, na página 2: “Paraná-Norte, vespertino, político e noticioso”. No dia 30 de julho de 1947, mais uma mudança evidenciava que o jornal passou a circular pela manhã: “Diário Matutino, Político e Noticioso”, informava o cabeçalho.

Nesta época, além das já comuns fotografias da agência British News Service nas capas, o jornal passou a publicar vários clichês da Casa de Saúde e Maternidade Rocha Loures. As imagens mostravam aspectos internos da clínica, “cujo acabamento e bom gosto muito tem recomendado essa modelar organização de Assistência Social” (O CLICHÊ, 1947, p.4), além de fachadas e funcionários e médicos trabalhando. Embora fossem claramente imagens publicitárias da clínica do proprietário do jornal, nem sempre elas eram identificadas dessa maneira ao leitor, pelo contrário, integravam o mesmo espaço que o conteúdo jornalístico, sem clara distinção ou alerta ao público.

Em 11 de setembro de 1947, um anúncio na página 2 traz algumas pistas sobre a atividade jornalística naquela época em Londrina. “Gráficos – Precisa-se de um ou dois que trabalhe 6 dias por semana e à noite, quando preciso fôr. Paga-se bem. TRATAR nesta redação das 8 às 11 e das 12,30 às 17 horas.” Além do horário de funcionamento da redação, o anúncio mostrava que os gráficos trabalhavam seis dias por semana e que o jornal era rodado, preferencialmente, no período diurno. Em novembro daquele ano, fazendo jus à sua missão de “político e noticioso”, *Paraná-Norte* começou a publicar perfis de candidatos às eleições

municipais por ele apoiados. No dia 19 de novembro de 1947, o prefeito eleito Hugo Cabral foi o principal assunto da capa e da contracapa, merecendo, inclusive, dois dos três retratos da edição (o outro era do Dr. Walter Pereira, que desistiu da candidatura em prol de Hugo Cabral e foi o mais votado como vereador).

Quase completamente tomada por um grande retrato do prefeito eleito, a contracapa do *Paraná-Norte* trazia, três dias depois das eleições, a contagem dos votos: Cabral 1.776 votos, [Capitão] Pimpão 1.493, Darcirio [Egger] 955, [Ernesto] Cavalcanti 929 e [João Alfredo de] Menezes 507. De maneira muito opinativa, o jornal não escondia seu contentamento com o resultado das urnas:

O resultado das eleições ontem apuradas, com a vitória espetacular do sr. Hugo Cabral, pelo Movimento de Resistência Popular de Londrina, consolidou a vitória da democracia contra as forças remanescentes da ditadura, distribuídas por quatro partidos políticos inteligentemente divididos... (AS ELEIÇÕES, 1947, p.1).

Embora a atividade fotojornalística já fosse bastante desenvolvida em grandes jornais do Brasil, no final dos anos 1940, o periódico londrinense ainda não explorava plenamente os recursos imagéticos. Além dos retratos, da publicidade mascarada e das fotografias internacionais – que seguiam sendo usadas diariamente, mas com pouca ou nenhuma conexão aos temas noticiados –, vez ou outra, o *Paraná-Norte* publicava uma cena do dia a dia da cidade. No canto inferior esquerdo da capa do dia 26 de novembro de 1947, uma fotografia em três colunas mostrava a saída de uma missa rezada 18 dias antes, na Igreja Matriz, em sufrágio da alma de D. Carmela Dutra. Segundo o texto abaixo da imagem, tratava-se de uma fotografia de autoridades londrinenses saindo da Matriz, cujos nomes estão ilegíveis no microfilme.

Diário, composto de quatro páginas, o jornal entrou em 1948 sem grandes alterações. A fotografia internacional ainda era utilizada de forma desconexa, como que para “tapar buracos” de diagramação. Em meados de julho, as notícias esportivas ganham importância e, inclusive, a capa do periódico. Mas seria somente em 7 de abril do ano seguinte que o tema mereceria se tornar um suplemento de seis páginas, o “Boletim esportivo”, e tiragem de 1.500 a 2.000 exemplares. Encartado no *Paraná-Norte*, dirigido por Julio Sugano e editado pelo jornalista Jayme Galmacci, que também atuou nas transmissões esportivas de rádio da cidade, o suplemento semanal tinha como objetivo transformar *Paraná-Norte* e

Gazeta de Londrina (matutino) “no mais completo jornal noticioso do norte do Paraná, com o mais completo noticiário esportivo da cidade”.

A valorização das notícias esportivas pelos veículos impressos talvez tenha advindo de uma cobrança do público leitor, em decorrência do amplo espaço que o assunto já merecia nas emissoras de rádio de Londrina. Desde a irradiação pioneira de uma partida de futebol, em 1947, por Ambrósio Neto, nos microfones da *ZYD-4 Rádio Londrina*, o rádio passou a ser espaço privilegiado do esporte local. Modalidades esportivas, sobretudo amadoras, chegavam à casa dos londrinenses por meio das emissoras locais, que dedicavam grande espaço da programação ao assunto.

Nas edições de 1948 do *Paraná-Norte* disponíveis à consulta pública, também é possível encontrar informações preciosas sobre o crescimento e desenvolvimento da imprensa local. A partir deste ano, era comum o jornal noticiar o surgimento de outros periódicos em Londrina, por vezes em tom de comemoração, por outras em tom crítico. Estranhamente, não há informações, nas páginas no jornal pioneiro, sobre a criação da *Folha de Londrina*, pelo catarinense João Milanez, no final dos anos 1940. Embora o assunto possa ter sido tratado em exemplares do jornal faltantes da coleção disponível à consulta pública, há grandes evidências de que o *Paraná-Norte* tenha mesmo omitido, por motivos desconhecidos, a criação de um dos jornais mais importantes da cidade.

No dia 15 de maio de 1948, por exemplo, o periódico destacou em sua capa uma reunião em um restaurante da cidade, realizada dois dias antes, em comemoração ao dia do jornalista. Entre os presentes, o jornal destacou a presença de: H. Puiggari Coutinho, “fundador da imprensa londrinense”, Josino Alves da Rocha Loures, diretor do *Paraná-Norte*, Barbosa Pupo, diretor da empresa de publicidade *A Pioneira*, Dicesar Plaisant Filho, do corpo redatorial do *Paraná-Norte*, Dr. Oswaldo de Almeida Prado, colaborador do *Paraná-Norte*, Lauro A. Lehr, agente de publicidade do *Paraná-Norte*, Fausto Pepe, diretor do diário *Paraná Jornal*, Otávio Maria, diretor do diário *Correio do Norte*, Ciro de Barros, diretor da *Gazeta do Norte*, Vespertino Pimpão, diretor do *Paraná-Norte*, Nicolau Barros, gerente do *Correio do Norte* e Pedro Rocha, redator secretário do *Paraná Jornal*.

Em um anúncio de capa, na edição de 1º de junho de 1948, em detrimento do crescimento da imprensa local, o jornal reafirmava sua superioridade

em Londrina. “Anuncie pelo ‘Paraná-Norte’, o jornal que realmente vende suas mercadorias, porque é o jornal de maior circulação no Norte do Paraná”

As mudanças na direção do *Paraná-Norte* continuaram ocorrendo. Em 1º de setembro de 1949, Waldemar Alfredo Rosenthal, que há tempos prestava auxílio na gerência do periódico, assumiu definitivamente a função de gerente do *Paraná-Norte* e *Gazeta de Londrina*. Em 22 de dezembro de 1949, após ingresso no Partido Republicano, Humberto Puiggari Coutinho voltou ao jornal que fundara 15 anos antes, assumindo a função de redator-chefe.

Em 1950, as duas colunas à esquerda da capa passaram a ser ocupadas por um editorial de fundo moral e político, assinado por Puiggari, em que eram explícitos a propaganda e o apoio a candidatos, como o deputado Bento Munhoz da Rocha Neto. Infelizmente, os últimos anos da coleção do *Paraná-Norte* apresentam um grande salto temporal. De março de 1950 até 24 de setembro de 1953, final presumível da circulação do jornal, pesquisadores são obrigados a conviver com um silêncio enorme de exemplares faltantes. A última edição disponível à consulta é composta por seis páginas e apresenta alterações gráficas em relação ao ano de 1950, como a mudança de tipos que compunha o logotipo.

Sob a direção geral do Dr. Josino Alves da Rocha Loures e gerência de Ruy Antonio Martins, o jornal chegava, naquele tempo, ao seu número 1.154. A redação e administração estavam instaladas na rua Duque de Caxias, 1.431, cujo telefone para contato era 191. Embora, pelo conteúdo, fosse possível notar dificuldades na tarefa de fazer o jornal – o material jornalístico era modesto e as propagandas predominavam as páginas 2, 3, 4 e 5 –, o exemplar do dia 24 de setembro de 1953 não anunciava o fim do *Paraná-Norte*. Pelo contrário, além de um pequeno calhau “Assine Paraná-Norte”, em uma pequena notinha, na página 3, o jornal parecia pedir ajuda aos leitores para continuar circulando: “AUXILIAR o jornal da sua terra, é um dever de patriotismo, porque a imprensa é a transmissora do progresso e, além disso, todo jornal, por pequeno que seja, é uma potência em favor da instrução.”.

Com os protagonistas da história mortos e as lacunas de tempo na coleção do periódico, presumir o dia em que o primeiro jornal da cidade fechou as portas é tarefa quase impossível. As motivações, as nuances, os detalhes sobre o ocaso do *Paraná-Norte* foram levados ao túmulo pelos personagens que escreveram a história da imprensa pioneira de Londrina.

2.2 REVISTA A PIONEIRA: O RETRATO DO NORTE DO PARANÁ

A década de 1940 viu despontar em Londrina uma série de publicações periódicas que, na maioria das vezes, pela falta de condições financeiras não chegavam a durar muito tempo. Além da infraestrutura pouco adequada para se fazer um jornal – sistema precário de energia elétrica, falta de profissionais capacitados –, quem se aventurasse pelo ramo da comunicação escrita naquela época se deparava com uma dificuldade no que diz respeito ao público-alvo. De acordo com o censo demográfico de 1940¹⁴, dos 75.296 habitantes de Londrina, apenas 21.895 sabiam ler e escrever. A grande maioria da população se declarava analfabeta.

Em meados dos anos 1940, começavam a despontar as revistas londrinenses, um empreendimento considerado audacioso para a Londrina daquele tempo. Em 1943, circulava pela primeira vez a *Revista do Ginásio Londrinense*, fruto do trabalho de membros do Grêmio Litero Esportivo Rui Barbosa (GLERB), fundando em 1941, pela turma pioneira do colégio. (TEIXEIRA; BONI, 2008). Com 20 páginas em formato gibi, a revista – com tiragem desconhecida – era impressa na Tipografia Oliveira e tinha todos os custos cobertos por assinaturas dos próprios alunos, por isso, a ausência de anúncios.

Embora não se possa descartar o rico valor documental da *Revista do Ginásio Londrinense*, a publicação tinha fundo mais literário do que jornalístico, e pouco retratava do cotidiano da cidade. Em suas páginas, era possível encontrar poemas de autores renomados e de alunos do colégio, além de textos de Rui Barbosa e de uma seção humorística, com ginásianos fictícios falando sobre a revista ou a escola. Difícil precisar quando a revista deixou de circular, uma vez que os números disponíveis hoje são escassos e estão nas mãos de pioneiros. Em seu estudo sobre a publicação, Teixeira e Boni (2008) analisam três edições (março de 1944, abril de 1944 e maio e junho de 1944), emprestadas por uma ex-ginásiana do Londrinense.

Outra publicação do gênero que circulou em Londrina na década de 1940 foi a *Revista-Jornal*, cujo número 1 veio a público em março de 1946. Sob direção de José Pereira Neves, sub-gerência de Dicesar Plaisant Filho e

¹⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940). Série Regional – Parte XVIII – Paraná. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1951.

superintendência de Otávio Teles Rudge Maia, a revista fixou sua sede na rua Pernambuco, 638, no centro da cidade. No editorial, assinado por Guilherme Ribeiro Soares, a revista, que já existia anteriormente em Irati, sul do Paraná, e inaugurava nova fase em Londrina, explicitava sua vocação: “concorrerá para exprimir de modo duradouro o extraordinário progresso do movimento literário e científico desta região”. Dessa forma, o lema era “nada publicar que não encerre algo de útil para a coletividade”. (SOARES, 1946, p.2).

Escrita por “colaboradores diversos” – “integralistas, comunistas, democráticos, trabalhistas, etc.” (CALMA, 1946, p.24) –, a revista dizia ter como objetivo primeiro servir o norte do Paraná e o país, sendo um órgão apolítico. Além de textos de fundo mais filosófico e poético, tratava de temáticas do dia a dia de Londrina, como a existência de apenas um carteiro para dar conta da entrega de 40 malas diárias, e de problemas com escassez de transporte, combustível e precariedade das rodovias para escoar a produção agrícola.

Já no editorial do segundo número, em abril de 1946, o periódico começava a dar mostras da dificuldade que era fazer uma revista naquela Londrina de 20 mil habitantes.

As dificuldades com que lutamos resultam de duas razões: menor divulgação, porque novo, como esta região, este periódico não atingiu pleno desenvolvimento para frutificar e de ordem material, própria da situação anormal que enfrentamos de após-guerra, impedindo-nos de realizar alguns dos melhoramentos projetados. Julgamos, e disto estamos convictos, a continuação de nossas edições uma verdadeira vitória, porquanto diante dos tropeços, dos obstáculos que tivermos, não deporemos as armas. (SOARES, 1946b, p.2).

No número seguinte, em maio de 1946, Otávio Maia assinava editorial reforçando as pedras no caminho do empreendimento, que apesar dos erros e defeitos, continuava caminhando, com o apoio da população e imprensa local. “Já as nossas oficinas estão melhor se aparelhando, ficando assim resolvidas certas dificuldades de ordem técnica.” (MAIA, 1946, p.2). A próxima edição da revista só viria a circular quatro meses depois, em outubro de 1946. Pedindo desculpas pelo atraso, a *Revista-Jornal* se alegrava com a cobrança dos leitores, o que via como uma evidência de ter despertado interesse na população.

Com as oficinas completamente remodeladas, material e pessoal suficiente, a única deficiência da revista era uma “clicherie”¹⁵, que já estava sendo providenciada, de acordo com o editorial do número 4. “E com ésta, aqui montada, tiraremos a revista em menos de 15 dias.” (MAIS, 1946, p.2). Junto com as mudanças, a revista passava também a editar o bissemanário *Folha do Norte*, que em outubro de 1946 já estava em seu oitavo número. Apesar de toda a modernização, não há indícios, nos acervos das instituições de pesquisa de Londrina, de que a revista tenha circulado por um longo período na cidade.

Dois anos depois, em 1948, nasceu *A Pioneira*, uma revista de “porte”, como definem Trigueiros Filho e Trigueiros Neto (1991). De acordo com os autores (1991, p.120), o jornalista Barbosa Pupo veio de São Paulo para Londrina por volta de 1948, “transbordante de ambições”, trazendo na bagagem conhecimentos da profissão. Empolgado com o potencial da cidade, ele iniciou contatos e, em maio, começou a circular *A Pioneira – O Retrato do Norte do Paraná*, uma revista bimestral editada pela “Emprêsa de Propaganda e Publicidade A Pioneira”.

No expediente do primeiro número, percebe-se o cunho familiar da revista, que era dirigida pelo próprio B. Barbosa Pupo, gerenciada por Otaviano Barbosa Pupo e tinha como secretária Jacira G. B. Pupo, esposa do proprietário. Vendida ao público por 3 cruzeiros, *A Pioneira* – conforme editorial da primeira edição, assinado por Barbosa Pupo – pretendia ser uma revista objetiva e não interpretativa. Em suas páginas de papel couche e bom acabamento, impressas em São Paulo, a fotografia merecia posição de destaque:

Queremos antes de tudo que ela [A Pioneira] seja a fotografia desta civilização [Norte do Paraná]. Será antes de mais nada uma revista de divulgação de tudo quanto há de grande neste abençoado Norte do Paraná. [...] Poderoso meio de educar, instruir e propagar, a fotografia será o elemento primordial na confecção desta revista. Registrando, fixando, retratando, enfim, as cousas na sua verdadeira expressão, a fotografia está sempre a serviço da comunidade. Graças a ela, pode-se documentar, com precisão, tudo o que nos interessa. A objetiva fotográfica que não se deixa iludir, dá-nos sempre a imagem real dos objetos. Isenta de vícios, ela ‘vê objetivamente’ tudo aquilo que está dentro de seu foco. Ela não interpreta; reproduz, fotografa, retrata... A PIONEIRA será assim: ‘o retrato do Norte do Paraná’. (O RETRATO, 1948, p.3).

¹⁵ Oficina para a fabricação de clichês.

Embora ressaltasse que a intenção não era fazer uma revista científica ou erudita, de leitura pesada, Barbosa Pupo já conseguia antever o valor documental que a publicação teria para pesquisadores de diversas áreas, como história, geografia, sociologia, economia, justamente por retratar as transformações e o cotidiano do norte do Paraná. “Queremos antes de tudo que ela seja a fotografia desta civilização. Será antes de mais nada uma revista de divulgação de tudo quanto há de grande neste abençoado Norte do Paraná.” (O RETRATO, 1948, p.3).

O uso da fotografia pelos veículos de comunicação londrinenses, de certa forma, seguia a mesma lógica dos demais periódicos brasileiros e nacionais. Durante muito tempo, a fotografia foi utilizada com fins propagandísticos e ilustrativos, sendo sua importância informativa bem mais recente. É preciso lembrar que, diferentemente do *Paraná-Norte* – criado em uma época em que era difícil se falar em fotojornalismo no Brasil –, *A Pioneira* surgiu em um momento de reestruturação do fotojornalismo brasileiro. Contemporânea de *O Cruzeiro*, a revista era um produto mais produzido que o jornal, inclusive, na questão fotográfica. Da mesma forma, em *O Cruzeiro*, valorizava-se uma função educativa “em que a imagem tem papel preponderante. Se ela é um ‘espelho leal’, a realidade, no entanto, nela se reflete de modo seletivo, apenas em seus ‘aspectos edificantes, atraentes e instrutivos’.” (COSTA, 2012, p.12-13).

A modernização do fotojornalismo brasileiro, aliás, começou em 1944, com a vinda de Jean Manzon para a revista *O Cruzeiro*, “com a missão de renovar o uso da fotografia a partir de sua experiência europeia”. (COSTA, 2012, p.19). De acordo com Costa (2012), ao longo do tempo, Manzon implementou transformações que levaram a melhorias gráficas e possibilitaram a publicação de imagens em página inteira – estas devidamente produzidas para a finalidade. “A nova linguagem que o fotógrafo francês implantou no Brasil não deve ser entendida como simples importação de valores, mas sim como decorrência de uma mudança estrutural na imprensa do país.” (COSTA, 2012, p.21).

De acordo com Trigueiros Filho e Trigueiros Neto (1991, p.121), o preço de produção da revista era “quilométrico”, o que não permitiu que ela sobrevivesse ao décimo segundo número, em 1952. Pupo que havia chegado anos antes acreditando no potencial de Londrina, que comportaria “uma revista de classe”, fez as malas e voltou para São Paulo, dizendo: “Londrina não lê revista”. (TRIGUEIROS FILHO, TRIGUEIROS NETO, 1991, p.121).

Embora traga contribuições valiosas sobre o nascimento das revistas ilustradas na cidade, a obra de Trigueiros Filho e Trigueiros Neto (1991) apresenta algumas inconsistências facilmente perceptíveis. Uma consulta rápida ao acervo disponível no Museu Histórico de Londrina – considerado o mais completo da revista *A Pioneira* – mostra que a publicação sobreviveu ao décimo sexto número, deixando de circular em dezembro de 1954.

Apesar de se vender como uma revista que traria informações sobre a cidade, *A Pioneira* era, na verdade, um catálogo de propagandas para os empresários do norte do Paraná. Ao lado do editorial da primeira edição, uma tabela de preços de anúncios deixava claro que a revista também vendia páginas de reportagem, sem possibilitar ao leitor a diferenciação entre propaganda e jornalismo. Enquanto um exemplar da revista custava 3 cruzeiros, uma página de matéria paga saía por 2,5 mil cruzeiros, o que mostra que a publicação sobrevivia mesmo dos anúncios e não da venda avulsa. Embora os custos de produção de uma revista naquela época fossem altíssimos, supõe-se que os gastos de Barbosa Pupo fossem modestos, uma vez que, conforme avisava abaixo da tabela de preços, “Desenhos, fotografias e clichês são por conta do anunciante”.

As intenções mais publicitárias do que jornalísticas da revista também transparecem em uma matéria publicada na capa da edição de 28 de fevereiro de 1948 do *Paraná-Norte*, intitulada “Instala-se em Londrina moderna empresa de propaganda e publicidade, para servir ao comércio local”. No dia anterior, Barbosa Pupo havia visitado a redação do jornal, para contar da instalação de sua empresa, que daria assistência ao comércio e indústria locais. Técnico em propaganda e ex-professor do Curso de Propaganda e Vendas da Associação Paulista de Propaganda, de acordo com o *Paraná-Norte*, “por muito tempo” B. Barbosa Pupo “prestou o seu concurso a várias organizações do gênero da Capital Bandeirante”.

Provisoriamente instalado na casa de Barbosa Pupo, na rua Espírito Santo, 599, de acordo com informações do *Paraná-Norte*, posteriormente o escritório da revista mudou-se para a rua Maranhão, como é possível notar nos expedientes de *A Pioneira* – antes, porém, por alguns meses, a redação e administração funcionaram no edifício da Caixa Econômica, na Praça Willie Davids. Apesar da revista trazer em sua capa a informação de que teria circulação “bimensal” – ou seja, duas vezes ao mês –, na verdade, a intenção parece ser de que circulasse

bimestralmente, o que não ocorreu. Uma análise rápida na trajetória da publicação aponta para uma circulação bastante irregular. Os números 3 e 4, por exemplo, foram compactados em um só. Também houve ano com apenas um exemplar da revista durante os 12 meses.

A inegável dificuldade de se manter uma publicação do gênero em uma cidade ainda em crescimento como Londrina ficou explícita no editorial da décima primeira edição da revista, que circulou em julho e agosto de 1952. Ao entrar em seu quinto ano de vida, a revista prometeu ampliar seu campo de ação, “focalizando cidades do Sul e mesmo em outros estados vizinhos, desde que exista uma relação entre a nossa zona e essas cidades, como acontece com Paranaguá, no litoral, mas que hoje pertence mais ao Setentrião [...]”. (DEPOIS, 1952, p.3). Mais do que uma tentativa de “entrosar” o norte do Paraná com outras regiões, a investida da revista parece ter caráter econômico, no sentido de conquistar leitores além de Londrina.

A tese parece ser confirmada por um panfleto anexado ao editorial, incentivando as assinaturas para uma série de 18 números, ao preço de 150 cruzeiros, o que daria ao leitor direito a um número de bonificação. Intitulado “campanha dos 2.000 assinantes”, o panfleto fornecia como endereço de correspondência uma caixa postal de Curitiba. Aliás, no próprio expediente, além do endereço da sede, também passou a constar o de um escritório na capital do estado. Embora incentivasse assinaturas de 18 exemplares de uma só vez, em cinco anos de circulação, a revista conseguiu circular pouco mais da metade disso, e, curiosamente, jamais chegaria a ter a décima oitava edição.

Assinado por Barbosa Pupo, o editorial do décimo primeiro número recordava o início da trajetória da revista, justificando as falhas na periodicidade por “dificuldades na aquisição do papel couchê”. Para Pupo, a falha teria sido perdoada pelos leitores, uma vez que a circulação regular só seria possível com a quebra do padrão de qualidade imposto pela própria publicação desde seu primeiro número.

Ao lançar ‘A PIONEIRA’ definimos nosso programa nesta divisa: ‘o retrato do Norte do Paraná’. Para que esse retrato fosse perfeito, não podíamos prescindir do aspecto material da revista, porquanto só com uma técnica de reprodução irrepreensível e com o emprêgo de material de alta qualidade, poderíamos dar, pela imagem fotográfica, uma idéia, embora pálida, do portentoso Norte do Paraná. Cremos que nêsse ponto, o nosso programa foi fielmente cumprido. (DEPOIS, 1952, p.3).

Sem seguir a tendência dos periódicos do interior, que segundo a revista, lamentavam a falta de colaboração dos habitantes da região onde circulam, no editorial, *A Pioneira* optou pela exaltação do público e das organizações locais, que vinham dando-lhe “apoio moral e material”. Segundo Barbosa Pupo, quando se autodefinia como “retrato do Norte do Paraná”, muito mais do que trazer apenas fotografias, a revista pretendia informar por meio da produção de intelectuais e estudiosos da cidade e da região. Mais do que uma boa apresentação gráfica, a intenção do editor era levar ao público uma publicação com conteúdo de qualidade, o que não poderia prescindir da fotografia. A visão sobre a função da fotografia, nesse sentido, parecia o de ser mesmo testemunho, prova do real. “‘A PIONEIRA’ utiliza-se da imagem fotográfica, principalmente, como prova daquilo que vem no texto das reportagens e artigos que publica.” (DEPOIS, 1952, p.3).

A repercussão da revista foi imediata, não só em Londrina, como em outros estados. Já no segundo número, relativo a julho e agosto de 1948, são apresentadas cartas de leitores elogiando a qualidade da publicação. Além de cumprimentos de associações rurais, comerciais e de outros jornais do interior do Brasil, no dia 26 de julho de 1948, Barbosa Pupo recebeu um telegrama do Distrito Federal, assinado pelo secretário particular da presidência, Carlos Alberto de Aguiar Moreira. “Por determinação do Sr. Presidente da República, agradeço o exemplar da revista ‘A Pioneira’ que foi atenciosamente enviado a S. Excia. Por V.S. Cordiais saudações.” (A PIONEIRA, 1948, p.12).

Além dos elogios e cumprimentos, expressos sem economia de adjetivos, uma das cartas recebidas pela *A Pioneira* naquele mês demonstrava o alcance da revista além das fronteiras do Paraná. Enviada por Antenor Sanches, proprietário de uma livraria no município de Caçador, Santa Catarina, a carta informava que havia “diversas pessoas” interessadas na publicação. “Portanto, eu ficaria muito grato se V.S. enviasse 1 ou 2 exemplares como amostra, para que eu possa conhecer a publicação e, ao mesmo tempo, para colocar em boa exposição [...]” (A PROCURA, 1948, p.4).

Mais do que comemorar o alcance e a boa receptividade da revista, a publicação das cartas de leitores tinha como claro objetivo atestar a força de *A Pioneira* como veículo de propaganda do progresso do norte do Paraná, o que ficava claro em trechos como o do comerciante paulistano Maércio de Souza e Castro: “Meus mais sinceros parabéns pela brilhante iniciativa; nunca eu imaginei que o

progresso aí fosse o que me foi dado a ver em sua revista.” Ao analisar uma correspondência proveniente do sul de Minas Gerais, a revista destaca esse tipo de retorno do público como “a mais eloquente prova do valor da propaganda do Norte do Paraná, através das páginas de ‘A Pioneira’”. Na carta, o mineiro Álvaro Brasiliense Fernandes se diz “abismado” com Londrina:

[...] que coisa deslumbrante! Mas, acho que o futuro de Maringá é também muito grande e, se não fossem os anos que me embranquecem, teria coragem de me atirar para lá. Mesmo assim, acho que comprar um lote de terras lá, será bom negócio e, por isso peço me informar sobre o preço das matas e modo de aquisição das mesmas. (OS FATOS, 1948, p.70).

No editorial da terceira edição e quarta edição – cuja publicação agrupada começava a demonstrar as dificuldades de se manter uma periodicidade, apesar do sucesso –, Barbosa Pupo reiterava a missão de “fixar em instantâneos fotográficos, os aspectos e fases da marcha vertiginosa e progressiva desta esplêndida civilização”. Nesse sentido, a imagem, acompanhada de singelo e esclarecedor relato, nas palavras do editor, era preferida às palavras bonitas. “Fazendo, sobretudo, obra de divulgação, para o presente, esta revista constitui também um documentário para o futuro.” (PUPO, 1948, p.3).

Apesar do sucesso, expresso nas cartas recebidas pela publicação, o quinto número da revista circularia quase um ano depois, em setembro de 1949, por uma série de circunstâncias, como um acidente sofrido por Barbosa Pupo no município vizinho de Assaí. Voltando depois de um longo silêncio, *A Pioneira* prometia uma nova fase aos leitores e assinantes, com melhorias no serviço fotográfico e na paginação.

Além das mudanças gráficas anunciadas – pouco perceptíveis em uma análise da reprodução do material, disponível para consulta pública no Museu Histórico de Londrina –, algumas mudanças na postura editorial podem ser percebidas ao longo das edições. No editorial do sexto número (1949, p.3), a revista deixava de falar de si para criticar um problema da cidade: as inúmeras deficiências do aeroporto, que a cada dia recebia mais voos de fora. Com essa postura, a publicação saía do elogio puro e simples, comum em números anteriores, e demonstrava preocupação com o desenvolvimento regional. Na edição seguinte, relativa a julho e agosto de 1950, *A Pioneira* voltou a se utilizar do editorial para cobrar soluções, desta vez nas estradas sem pavimentação do norte do Paraná.

Ao criticar e cobrar soluções do poder público, *A Pioneira* mostrava certo amadurecimento em seu ideal de contribuir para o desenvolvimento da região, o que antes era feito mais pela publicidade dos empreendimentos locais do que pela crítica. Ainda assim, o progressismo e a valorização da riqueza local eram elementos bastante presentes no texto. “Não é possível que uma zona onde o ouro brota da terra na forma de grãos de café e de cereais, fique eternamente com as atuais rodovias de péssimas condições a frear o seu progresso.” (PUPO, 1950, p.4).

Com o objetivo de sempre levar a “verdade” ao leitor, desprezando “o supérfluo, o ilusório, os argumentos falsos” (NOSSOS, 1950, p.60), a publicação contava com um corpo de colaboradores intelectuais e técnicos de diversas áreas do conhecimento. Para assuntos de agricultura, colaboravam com a revista os doutores J. Rafael Borba, Leopoldo Meyer, Lineu Carlos de Sousa Dias e Silvino Alqueres Batista. José Godim Gomes de Matos e José de Oliveira Rocha davam contribuições sobre assuntos gerais; F.P de Almeida Junior, sobre comércio, mercado e preços; e Saulo de Almeida, sobre comunicações e transporte. Na área do direito, a publicação contava com o apoio de Aristides Lemos, Diniz Sobral, Moacir Arcoverde e Edgar Tavora. Arthur Thomas, Adriano Marino Gomes e Erwin Fröelich colaboravam em assuntos de documentação histórica; Aristeu de Oliveira, em estatística; e o Dr. J. Testa contribuía com conhecimentos em economia cafeeira.

Na lista de colaboradores em economia e finanças estavam Américo Machado da Luz e João Alves da Rocha Loures. Augusto Canesim contribuía com assuntos de economia rural; Aristides de Sousa Melo e Eustáquio de Toledo, com temas na área de engenharia, arquitetura e urbanismo e os doutores Issau Udihara, Nelson Rosário e Josino Alves da Rocha Gomes (na verdade, Josino Alves da Rocha Loures, um dos proprietários do *Paraná-Norte*) eram colaboradores na área médica.

Três anos após o início de sua circulação, a revista começava a dar mostras de que não sobreviveria à década de 1950. O editorial do número 8, publicado em maio-junho de 1951, trazia um claro desabafo de Barbosa Pupo, que lamentava a falta de apoio financeiro para custear a revista. Vendida a um preço “muito abaixo de seu custo ideal”, de acordo com o diretor-proprietário, a publicação precisaria de “um volume maior de publicidade” para deixar de dar prejuízo.

Infelizmente, repetimos, todos nos incentivam com palavras, mas poucos compreendem que uma revista nos moldes da nossa, necessita também de apoio financeiro para poder realizar sua obra em prol de todos. E nós, quando lançamos a revista, confiávamos, sobretudo, no espírito público da gente norte paranaense, pois tudo nos levava a crer, que essa mesma gente, nos ajudaria a manter uma revista que, no conceito de todos, era necessária para a propaganda da região. (PUPO, 1951, p.4).

Com a falta de apoio material para um trabalho de difícil execução – que envolvia “estudos acurados ‘in loco’; pesquisas e consultas a documentos oficiais e depoimentos de pessoas capacitadas” (PUPO, 1951, p.4) –, *A Pioneira* colocava seu futuro nas mãos dos cidadãos do norte do Paraná que, para vê-la circulando periodicamente, precisariam apoiá-la financeiramente.

O apelo parece ter dado resultado, uma vez que, na página 32 da edição seguinte (setembro-outubro de 1951), a revista trouxe um pequeno texto, destinado aos assinantes e leitores, prometendo uma nova fase, com circulação regular. “[...] pois todos os problemas que impediam tal coisa, estão devidamente solucionados.” (AOS NOSSOS, 1951, p.32). Três anos depois, em novembro de 1954, circularia o último número presumível de *A Pioneira*. Com 48 páginas e capa novamente em preto e branco – duas edições após o aparecimento da cor –, a revista encerrou sua circulação sem se despedir dos leitores, como se voltasse no próximo mês. Da mesma forma que ocorreu com o pioneiro *Paraná-Norte*, a morte das testemunhas oculares, de quem presenciou e viveu a história contada neste trabalho, impossibilita saber os detalhes exatos que levaram ao fim da revista que pretendia ser “O retrato do Norte do Paraná”.

O que se pode afirmar é que, as dificuldades financeiras tiveram forte papel na morte da publicação, que, apesar de “bimensal”, circulou de maneira irregular durante boa parte de seus sete anos de vida. Criada em maio de 1948, a primeira edição de *A Pioneira* tinha 60 páginas, com capa e contracapa em preto e branco. A cor se resumia a um detalhe em vermelho no cabeçalho e nas contracapas internas e externas. O padrão, aliás, se repetiu até o décimo quarto número, quando, pela primeira vez, a revista trouxe uma fotografia colorida na capa. Já o miolo, em papel couche e bastante ilustrado, era composto em preto e branco durante toda a trajetória da revista.

Com 72 páginas, a segunda edição da publicação circulou em julho e agosto de 1948. Os atrasos, porém, começaram já no terceiro número, também com 72 páginas, publicado de maneira agrupada com o quarto, e valendo para os

meses de setembro a dezembro daquele ano. Um ano depois, em setembro/outubro de 1949, a revista voltaria a circular, com 84 páginas. O número seis, composto por 76 páginas, veio a público em novembro/dezembro do mesmo ano.

Após um período de regularidade, as dificuldades de circulação voltaram em 1950, quando o exemplar de número sete, com 108 páginas, ficou pronto somente em julho/agosto. O número oito, composto por 62 páginas, também demorou quase um ano para chegar às mãos dos leitores, circulando em maio/junho de 1951. Em setembro/outubro do mesmo ano, veio a público a nona edição da revista, com número mais modesto de páginas: apenas 52, tamanho que se repetiu até a décima terceira edição (o número de páginas da décima primeira edição foi deduzido, uma vez que o único exemplar disponível à consulta pública, doado por um pioneiro de Londrina à Biblioteca Municipal, está incompleto). Em novembro/dezembro de 1951 circulou o número 10 de *A Pioneira*. Curiosamente, mais uma vez, o primeiro semestre do ano seguinte passou sem a circulação da revista, que voltou em julho/agosto de 1952 (número 11), seguindo a periodicidade bimensal em setembro/outubro (número 12) e novembro/dezembro (número 13).

Dedicado ao café no Paraná e em comemoração ao 5º aniversário da revista, em maio/junho de 1953, circulava o número 14 de *A Pioneira*, com 124 páginas, capa e contracapa colorida e edição extra em inglês – que não consta nos acervos de pesquisa da cidade. Outra novidade, é que o espaço da página 3 deixou de ser dedicado ao editorial e passou a ser usado como sumário. Se a capa colorida se manteria no número seguinte (março/abril de 1954), o número de páginas sofreria uma queda brusca, caindo para apenas 44, menos número da vida da publicação. Com falhas na circulação de quase um ano e quedas quantitativas no material, a crise era visível e ficou ainda mais explícita no décimo sexto número, quando até mesmo a capa voltou a ser impressa em preto e branco, com os antigos detalhes em vermelho. Assim, em novembro/dezembro de 1954, circulava o último número de *A Pioneira*, com 48 páginas.

3 A FOTOGRAFIA NO *PARANÁ-NORTE* E NA REVISTA *A PIONEIRA*

3.1 ANÁLISE IMAGÉTICA DO JORNAL *PARANÁ-NORTE*

Diferentemente da revista *A Pioneira*, que tinha na fotografia um dos principais meios de divulgação de suas ideias, nos 20 anos de trajetória do jornal *Paraná-Norte*, o aspecto imagético foi pouquíssimo explorado. Como foi discutido anteriormente, os altos custos de fabricação de um clichê e a demora para que esse serviço fosse realizado, aliados às limitações técnicas e de pessoal na redação do jornal, seriam os principais fatores que teriam inviabilizado o uso da fotografia na imprensa diária de Londrina nas primeiras décadas.

Embora a primeira fotografia tenha sido publicada pelo *Paraná-Norte* no início de 1935, portanto, meses depois de sua fundação, esse recurso era explorado em raras situações pelo periódico. Exceto algumas poucas edições especiais, dedicadas a aniversários de municípios da região, que circularam no final dos anos 1930, início dos anos 1940, com fotografias de estabelecimentos, escolas, igrejas, famílias e cotidiano da população, o que se tem são retratos de personalidades, mesmo assim publicados de maneira esporádica.

Para fins de análise imagética, os seguintes exemplares do *Paraná-Norte* foram selecionados por meio de sorteio randômico: Número 11 – 23 de dezembro de 1934, Número 29 – 28 de abril de 1935, Número 65 – 5 de janeiro de 1936, Número 130 – 4 de abril de 1937, Número 198 – 31 de julho de 1938, Número 244 – 18 de junho de 1939, Número 296 – 16 de junho de 1940, Número 333 – 2 de março de 1941, Número 399 – 7 de junho de 1942, Número 462 – 22 de agosto de 1943, Número 513 – 27 de agosto de 1944, Número 579 – 13 de maio de 1945, Número 638 – 24 de janeiro de 1946, Número 758 – 9 de outubro de 1947, Número 920 – 24 de dezembro de 1948, Número 958 – 29 de setembro de 1949, Número 981 – 16 de fevereiro de 1950, Número 1154 – 24 de setembro de 1953.

Tabela 2 – Temáticas abordadas pelas fotografias do *Paraná-Norte*

Edição do PN	Temáticas			
	Retrato	Internacional	Infraestrutura	Lazer
1935	Bento Munhoz da Rocha Neto		Construção de estrada de ferro	
1937			Hotel Luxemburgo	
1944		Winston Churchill recebido em Londres/ Mulas sendo conduzidas por soldados italianos		
1945	David Serra			
1947	Humberto Puiggari Coutinho/ Josino Alves da Rocha Loures			Jogo de futebol em São Paulo
1948	João Alves da Rocha Loures/ Hugo Cabral/ Josino Alves da Rocha Loures/ Celso Garcia Cid/ Médicos e enfermeiras da Maternidade Rocha Loures		Maternidade Rocha Loures	
1949			Maternidade Rocha Loures	
1950	Bento Munhoz da Rocha Neto		Maternidade Rocha Loures	
1953	Ruy Antonio/ Bento Munhoz da Rocha Neto	Sede da Onu		

Fonte: Elaborada pela autora

A amostragem de 18 exemplares, sorteada para estudo neste trabalho, dá pistas sobre o uso da fotografia durante a trajetória do jornal. Presente em nove números analisados, na maior parte dos casos, a fotografia se restringia a retratos de pessoas, no formato 3x4, muitas vezes, publicados em uma coluna. Outras temáticas encontradas (Tabela 2) foram obras de infraestrutura, como a construção de uma estrada, a fachada de um hotel e de um hospital, além de fotografias internacionais e da imagem de um jogo de futebol realizado em São Paulo. Nos outros números, o texto era o único meio de informação oferecido ao leitor, além de algumas poucas ilustrações, restritas à parte publicitária.

Composto por quatro páginas em formato *berliner*, o número de 23 de dezembro de 1934 (Figura 13) não trazia fotografias ou qualquer tipo de ilustração. Na capa, abaixo do logotipo, apareciam o nome do diretor Carlos de Almeida e do redator H. Puiggari. Dividida em duas colunas, a página trazia um

artigo sobre o norte do Paraná, escrito por João Alfredo de Menezes, à esquerda, e um poema de Natal, à direita. Abaixo, um anúncio do Hotel Luxemburgo e uma crônica sobre um crime passionnal, em duas colunas, que continuava na página 2, completavam o desenho da capa do jornal.

Nas páginas internas, anúncios de estabelecimentos comerciais da cidade e de negócios dividiam espaço com pequenas notas sobre as comemorações de Natal na cidade e com a coluna “Sociaes”, que trazia datas de aniversários de pessoas da cidade. De acordo com a coluna, o jornalista João Alfredo de Menezes, da API [Associação Paulista de Imprensa], estava visitando Londrina, com intenção de se fixar na cidade, provavelmente, para trabalhar no *Paraná-Norte*, já que não havia outros veículos de comunicação na cidade.

Figura 3 – Capa e contracapa do *Paraná-Norte*



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

Já a contracapa da edição, era toda dedicada a um anúncio da Companhia de Terras Norte do Paraná, colonizadora da região. No texto, contra “qualquer duvida que por acaso pudesse existir”, a empresa garantia a fidedignidade de seus títulos de propriedade, inclusive, reproduzindo parte de um contrato com o governo, publicado no *Diário Oficial*. A partir dessa informação, pode-se inferir que o

problema de venda de títulos de terras falsos era comum em Londrina, por volta de 1934.

Em 1935, a fotografia começou a ser utilizada pelo *Paraná-Norte*, ainda que de maneira tímida e não muito frequente. Na edição de 28 de abril, é possível encontrar duas imagens: uma na capa e uma em um folheto distribuído juntamente com o periódico. Com poucas modificações nas páginas internas, que traziam notas e anúncios em quatro colunas, o número era composto por quatro páginas. Na contracapa, outro anúncio da CTNP propagandeava a fertilidade das terras roxas: “O melhor futuro é colocar-se no Norte do Paraná – adquirindo uma área de terras, por pequena que seja, da Comp. de Terras Norte do Paraná.”. Com sede em São Paulo, a empresa, que já contabilizava 948 lotes vendidos em 1934, propagandeava a infraestrutura viária do local, que seria feita “em futuro muito próximo”.

A imagem publicada na capa daquela edição tratava sobre o mesmo assunto: a construção da estrada de ferro, ligando Londrina a diversas localidades, como Nova Dantzig-Rolândia. Abaixo da imagem, um cronograma com as etapas da obra, que deveriam ser totalmente concluídas em dezembro daquele ano. O texto também fazia menção à ponte sobre o rio Tibagi, ligando Londrina a Jataí, que deveria ser finalizada em junho daquele ano.

Pela pouca qualidade técnica do material, os detalhes da fotografia (Figura 14) são pouco visíveis. Nela, oito homens, alguns sem camisa, outros com ferramentas nas mãos, apareciam trabalhando em uma estrada aberta no meio de uma mata. A imagem referenda o que prometia o anúncio da Companhia de Terras, já que a criação de infraestrutura convergia com os interesses de vendas de terrenos. De acordo com Kossoy (2001), é comum que exista proximidade entre as imagens documentais e a propaganda. Para os leitores de fora, interessados em adquirir um lote, a fotografia era prova testemunhal de que as estradas prometidas estavam realmente sendo construídas.

Figura 4 – Capa de 28 de abril de 1935 e detalhe da fotografia dos trabalhadores na estrada de ferro



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

A edição de 1935 escolhida para análise, também veio acompanhada de um panfleto político (Figura 15), com uma fotografia centralizada de Bento Munhoz da Rocha Neto, candidato a governador do estado. Dizia o texto: "O nome de um democrata não comprometido com o integralismo". O uso de retratos de pessoas seria um expediente bastante comum nas páginas do *Paraná-Norte* ao longo de toda sua trajetória. Para Leite (2005, p.35), a força desse tipo de imagem documental é bastante significativa, já que "[...] a memória funciona através de imagens fixas, como retratos".

Figura 5 – Panfleto eleitoral de Bento Munhoz da Rocha Neto



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

O mesmo retrato de Bento Munhoz da Rocha Neto, aparentemente com alguns retoques nos olhos e lábios (Figura 6), voltou a aparecer nas páginas do *Paraná-Norte* 15 anos depois. Com fartos cabelos pretos, bigode fino, sobrancelhas bem desenhadas, terno e gravata, o agora deputado federal estampava a capa da edição de 16 de fevereiro de 1950. A manchete em três colunas, à direita, anunciava: “A grande concentração política do P.R. em Londrina – Alcançou invulgar brilho, apesar da chuva, o conclave. Participação de outros partidos da oposição. Aclamado o deputado Munhoz da Rocha Neto”.

Figura 6 – Retrato de Bento Munhoz da Rocha Neto



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

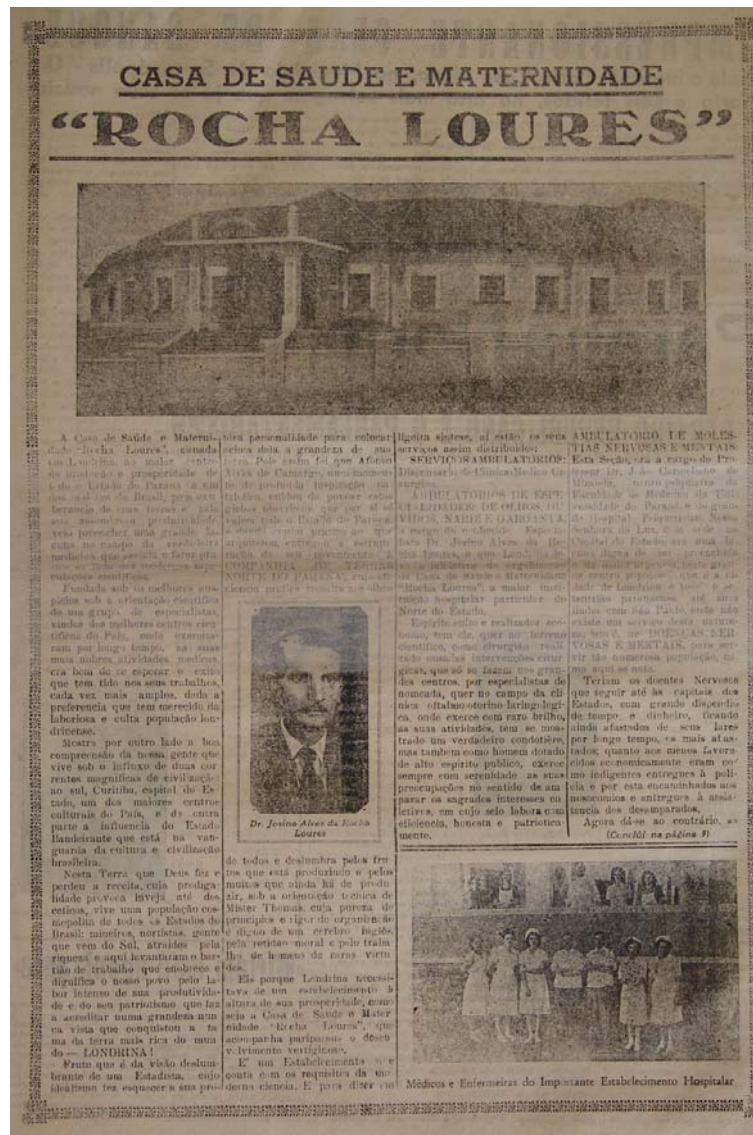
Transcrito do *Correio do Lavrador*, jornal de Apucarana (PR), o texto trazia informações importantes sobre a ligação do *Paraná-Norte* com a política estadual. O diretor-proprietário do jornal, Josino Alves da Rocha Loures, era, à época, presidente do PR em Londrina, enquanto seu irmão, João Alves da Rocha Loures, ocupava o cargo de deputado estadual. Nas mãos da família, portanto, o jornal acabou servindo mais a interesses políticos e econômicos – como as fotografias mostram – do que informativos, o que fica claro na opção por transcrever um texto de outro periódico ao invés de escrever o próprio.

Entre os interesses particulares propagandeados pelo *Paraná-Norte* na fase dos Rocha Loures, estava o hospital fundado em 1946, pelos irmãos Josino e Anníbal Alves da Rocha Loures, na esquina das ruas Mato Grosso e Cambará, na região central de Londrina. De acordo com Oberdiek (2012), em 1953, o local foi

vendido a outros médicos, passando a ser denominado Hospital São Leopoldo. Mais tarde, a instituição tornou-se o CLAM – Hospital da Mulher, atualmente desativado.

A “Casa de Saúde e Maternidade Rocha Loures” foi destaque em fotografias publicadas em três edições sorteadas para análise neste trabalho. Em 24 de dezembro de 1948, a segunda página do jornal (Figura 7) foi toda dedicada ao assunto, com direito a três fotografias: uma da fachada do hospital, em quatro colunas no topo, um retrato de Josino Alves da Rocha Loures, em uma coluna, no meio da página, e, abaixo, em duas colunas, um retrato de enfermeiras e médicos.

Figura 7 – Página do *Paraná-Norte* sobre a Casa de Saúde e Maternidade Rocha Loures



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

Embora tenha finalidade claramente publicitária, o texto não deixa essa informação explícita ao leitor, dando-lhe apenas pistas. As bordas ao redor da página, por exemplo, são um indício de que a informação textual e imagética não é de caráter jornalístico, já que esse recurso gráfico não era utilizado em espaços noticiosos do periódico.

Classificada pelo jornal como a “maior instituição hospitalar particular do Norte do Estado”, a casa de saúde contava com um ambulatório das especialidades de olhos, ouvidos, nariz e garganta, a cargo do doutor Josino, além e um ambulatório de moléstias nervosas – serviço até então só existente na capital –, a cargo do médico e professor universitário João Carmeliano de Miranda. No topo da página, a grande fotografia do bonito e imponente edifício, com 12 janelas, que ocupa toda a extensão da esquina, atrai o olhar do observador, dando-lhe a sensação de modernidade e confiança. A mesma imagem (Figura 8) voltou a aparecer na página 3 – espaço dedicado aos classificados – das edições de 29 de setembro de 1949 e de 16 de fevereiro de 1950.

Figura 8 – Publicidade da Casa de Saúde



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

Ainda na edição de dezembro de 1948, a fotografia dos funcionários do hospital, em duas colunas, no pé da página, reforça a ideia de organização e

confiança, evidente na vestimenta branca e bem cortada das enfermeiras. O clima de ordem transparece na composição quase simétrica: os homens, médicos, aparecem de braços cruzados no meio da imagem, trajando camisas claras. Ao redor deles, cinco enfermeiras, três à esquerda e duas à direita. Acima, no segundo plano, onde outros seis funcionários posam para as lentes de duas janelas da instituição, a ideia se repete: dois homens no centro e duas mulheres de cada lado, uma delas com a mesma vestimenta das enfermeiras e as demais com roupas escuras e avental branco.

No centro da página, o retrato de Josino Alves da Rocha Loures (Figura 9), que já havia estampado a contracapa da edição de 9 de outubro de 1947, seguia o mesmo padrão da imagem de Bento Munhoz da Rocha Neto (Figura 6): cabelo bem penteado, bigode, terno e gravata, pose levemente transversal olhar ao longe, passando a sensação de serenidade.

Os retratos de personalidades políticas nas páginas do *Paraná-Norte*, aliás, merecem atenção especial. Somente na edição especial de fim de ano de 24 de dezembro de 1948, composta por 14 páginas, esse tipo de imagem apareceu quatro vezes. Além da fotografia do fundador da Casa de Saúde e Maternidade Rocha Loures, que parece ter sido retirada de um álbum de família, por conta de seus quatro cantos recortados, a capa da edição estampava um retrato de seu irmão, João Alves da Rocha Loures (Figura 10), delegado do Partido Republicado no Paraná, que havia participado de uma convenção em Belo Horizonte.

Ainda na capa, o então prefeito de Londrina, Hugo Cabral, era cumprimentado pelo periódico, “sincera e despretenciosamente”, com votos de boas festas e direito a retrato (Figura 12). No centro da página 7, mais um retrato, dessa vez do empresário e agropecuarista Celso Garcia Cid (Figura 11), a quem o jornal define como “um representante autorizado das nossas classes conservadoras”. Como no caso do hospital Rocha Loures, mais uma vez, a página foi diferenciada das demais por bordas, o que dava a entender tratar-se de um texto publicitário. Intitulado “EMPRESA RODOVIÁRIA Garcia, Garcia & Cia. Ltda. – Uma Empresa que por si só é um fator de progresso”, além de elogiar a atuação do empresário Celso Garcia Cid e desejar prosperidade aos seus negócios no novo ano, o texto recuperava detalhes interessantes sobre o desenvolvimento de Londrina. Fundada em 1933, com apenas um veículo, 15 anos depois a empresa de turismo – que

resiste aos dias atuais – já contava com uma frota de 50 ônibus, ligando Londrina a dezenas de cidades do Paraná e de São Paulo. Somente em 1948, 524 mil pessoas haviam sido transportadas em viagens que totalizavam quase dois milhões de quilômetros.

Postas de lado as ligações políticas e econômicas entre os retratados, chama a atenção a semelhança visual dos três retratos, que seguem um mesmo padrão de composição, já notado nas fotografias de Josino Alves da Rocha Loures e Bento Munhoz da Rocha Neto. O padrão também é perceptível no retrato de Hugo Cabral, que apesar de não usar bigode, guarda semelhanças com uma fotografia de Bento Munhoz da Rocha Neto (Figura 13), já mais velho e governador do estado, publicada na capa do *Paraná-Norte* de 24 de setembro de 1953. A mesma imagem, aliás, estampou duas páginas (5 e 21) da edição número oito da revista *A Pioneira*, que circulou em maio-junho de 1951.

Figura 9 – Retrato de Josino Alves da Rocha Loures



Figura 10 – Retrato de João Alves da Rocha Loures



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

Figura 11 – Retrato de Celso Garcia Cid



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

Figura 12 – Retrato de Hugo Cabral



Figura 13 – Retrato de Bento Munhoz da Rocha Neto já governador do estado



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

Ainda que não se possa negar o valor histórico e documental dessas imagens, há que se considerar que o retrato nem sempre pretende representar a individualidade da pessoa, mas “conformar o arquétipo de uma classe ou de um grupo, valorizados e legitimados pelos recursos simbólicos que se inscrevem na superfície da imagem”. (FABRIS, 2004, p.31). Assim sendo, o padrão de vestimenta e pose dos retratos publicados pelo *Paraná-Norte* não são obra do acaso e, sim, uma amostra das representações da elite política e econômica à época.

No caso em questão, os elementos visuais idênticos nos retratos, longe de pura e simplesmente pasteurizar uma classe social, têm um forte valor ideológico, que vai desde angariar votos (no caso dos políticos), atrair passageiros (na propaganda da empresa de Celso Garcia Cid) e pacientes (no caso do retrato de Josino da Rocha Loures, na edição de 24 de dezembro de 1948). “Não se pode esquecer que à imagem fotográfica é conferido um papel moral, que transforma o retrato no exemplo visível de virtudes e comportamentos a serem partilhados pela sociedade.” (FABRIS, 2004, p.39).

Nesse sentido, a semelhança trazida no bojo dos arquétipos sociais é, para Fabris (2004), questão central na análise do retrato. Citando Ernst Gombrich, a autora defende que a noção de semelhança, mais do que mistério, aponta para o paradoxo, já que o retrato nada mais faz do que registrar o aspecto assumido pelo modelo num momento passageiro. “Disso deriva aquele sentimento de desconforto provocado freqüentemente pela fotografia, à qual o espectador imputa uma falha: ser uma ‘semelhança pobre’ por não registrar todo o repertório expressivo comumente atribuído a uma pessoa.” (FABRIS, 2004, p.175-176).

Ao tratar do retrato burguês, a autora defende que o que está em jogo é a identidade antes social do que individual:

Todo retrato é simultaneamente um ato social e um ato de sociabilidade: nos diversos momentos de sua história obedece a determinadas normas de representação que regem as modalidades de figuração do modelo, a ostentação que ele faz de si mesmo e as múltiplas percepções simbólicas suscitadas no intercâmbio social. O modelo oferece à objetiva não apenas seu corpo, mas igualmente sua maneira de conceber o espaço material e social, inserindo-se em uma rede de relações complexas, das quais o retrato é um dos emblemas mais significativos. (FABRIS, 2004, p.38).

O argumento de que o retrato traduz mais a identidade de classe do que a individual ganha reforço se forem analisadas outras três imagens publicadas pelo *Paraná-Norte*. Na capa da edição comemorativa aos 13 anos do jornal, em 9 de outubro de 1947, o retrato do fundador, Humberto Puiggari Coutinho (Figura 14), estampa um artigo assinado por ele, sobre a história do periódico. Na imagem, o jornalista traça terno e gravata e aparece levemente de perfil, concentrado em uma leitura, provavelmente, de uma edição do próprio *Paraná-Norte*.

Embora também tenha se aventurado pela política, nessa situação específica, Puiggari é retratado de maneira distinta do padrão da elite política e econômica, analisada anteriormente. Nesse caso, como o que está em pauta é a

fundação do jornal, ele se insere mais na classe da elite intelectual, à qual também pertencia o escritor David Serra (Figura 15), cujo retrato estampou uma nota cultural na página 4, da edição de 13 de maio de 1945. Retratado de perfil e trajando terno, a exemplo dos políticos, o escritor – que veio a Londrina proferir uma palestra sobre Castro Alves – se diferencia deles pelo ar mais despojado, visível no olhar levemente para baixo e nos cabelos mais compridos, penteados para trás.

Figura 14 – Retrato de Humberto Puiggari Coutinho



Figura 15 – Retrato de David Serra



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

Independente do contexto em que se insere, na visão de Fabris (2004), a pose é sempre uma atitude teatral:

Colocar-se em pose significa inscrever-se num sistema simbólico para o qual são igualmente importantes o partido compositivo, a gestualidade corporal e a vestimenta usada para a ocasião. O indivíduo deseja oferecer à objetiva a melhor imagem de si, isto é, uma imagem definida de antemão, a partir de um conjunto de normas, das quais faz parte a percepção do próprio eu social. Nesse contexto, a naturalidade nada mais é do que um ideal cultural, a ser continuamente criado antes de cada tomada. (FABRIS, 2004, p.36).

Dessa noção deriva a diferença essencial entre a pose dos políticos e empresários, e a dos jornalistas e artistas, por exemplo, que se deixam captar de maneira mais despojada pelas lentes. Importante ressaltar, porém, que tanto David Serra quanto Humberto Puiggari Coutinho são retratados pelo periódico como membros de uma elite intelectual à qual nem todos os jornalistas e artistas deviam

pertencer. Prova disso é o retrato do também jornalista Ruy Antonio Martins (Figura 16), publicado na capa do dia 24 de setembro de 1953.

Figura 16 – Retrato de Ruy Antonio Martins



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

Vindo da capital do estado, a convite do diretor-proprietário do *Paraná-Norte* e da *Gazeta de Londrina*, Josino da Rocha Loures, com a finalidade de organizar os dois jornais, Martins é classificado pela nota como “valoroso jornalista”. No entanto, ao destacar um retrato aparentemente reproduzido do documento de identidade, ao invés de valorizá-lo como membro da elite intelectual, o jornal o insere na esfera dos homens comuns. Em pose frontal, com sobrancelhas falhas e olhar voltado diretamente para a câmera, ao contrário dos políticos, empresários e artistas, o retrato de Ruy Antonio Martins não foi pensado para finalidades político-ideológicas. Embora não siga os padrões estéticos, o retrato do jornalista também não pode ser considerado puramente histórico, já que seu componente ficcional se expressa na “[...] utilização fria do retrato de identidade como puro índice de uma aparência que nada diz do sujeito”. (FABRIS, 2004, p.174).

Apesar da forte ligação das imagens do *Paraná-Norte* com motivações ideológicas e propagandísticas, não se pode perder de vista que a seleção de fotografias pelo jornal também levava em conta fatores como a facilidade de publicação, o que pode ser percebido pela repetição de um mesmo clichê em

edições de diferentes anos. É possível que um bom número de fotografias chegasse gratuitamente às redações, já prontas para a publicação. Embora esta pesquisa não tenha encontrado relatos que confirmem a tese, a publicação da mesma fotografia de Bento Munhoz da Rocha Neto (Figura 13) pelo *Paraná-Norte* e pela revista *A Pioneira*, com diferença temporal de dois anos, é um forte indício desse tipo de procedimento.

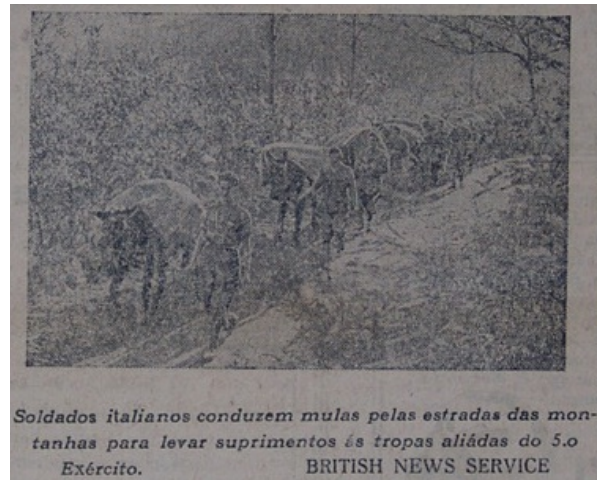
Provavelmente, partidos políticos enviavam clichês de seus candidatos às redações, que, uma vez publicados, funcionariam como propaganda política. Seguindo essa linha de raciocínio, os governos deveriam adotar o mesmo expediente, enviando clichês de prefeitos e governadores. Publicadas em diversos momentos de maneira isolada ao conteúdo do *Paraná-Norte*, as fotografias internacionais também parecem ter sido selecionadas pelo jornal pela facilidade de publicação. Na edição de 27 de agosto de 1944, por exemplo, duas fotografias da agência internacional British News Service apareceram nas páginas do jornal. Um retrato no pé da página 2 (Figura 17) mostrava o primeiro ministro inglês, Winston Churchil, sendo recebido em Londres, após a vitória das forças aliadas na Segunda Guerra Mundial. Na outra fotografia (Figura 18), também da British, publicada na página 5, soldados italianos aparecem em fila indiana, conduzindo mulas que levavam suprimentos às tropas Aliadas do 5ª Exército.

Figura 17 – Winston Churchil sendo recebido em Londres



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

Figura 18 – Soldados italianos conduzindo mulas com suprimentos



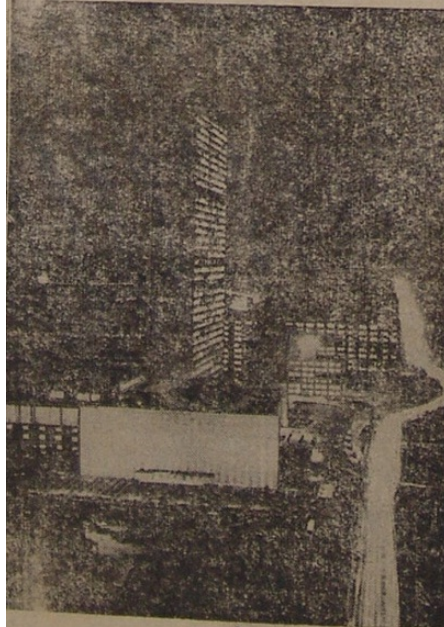
Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

De inegável valor informativo para parte da população londrinense – que só tinha acesso a cenas da Guerra por meio do jornal – os clichês da British News Service certamente eram economicamente viáveis ao *Paraná-Norte* que, ou as adquiria por baixo preço – possivelmente em um pacote fechado –, ou as recebia gratuitamente, juntamente com *Press Releases*¹⁶ governamentais sobre o andamento da Segunda Guerra. Vale lembrar que, em 1944, os jornais brasileiros ainda viviam sob a censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) de Getúlio Vargas, para quem informações sobre o triunfo na guerra eram favoráveis.

Na página 6, da edição de 24 de setembro de 1953, o *Paraná-Norte* trouxe uma fotografia noturna (Figura 19) da sede permanente da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque. Enviada ao jornal pela ONU, como informava o crédito, a imagem mostrava ruas iluminadas e o edifício da Assembleia Geral, próximo da Organização, que completaria oito anos em outubro de 1953. Além da tentativa de se inserir na tendência de modernização dos jornais dos grandes centros, por meio da publicação de fotografias e temáticas internacionais na contracapa, imagens como essa eram comuns por seu baixo – ou nenhum – custo de publicação. Vale destacar que muitos clichês chegavam prontos às redações pelo correio, juntamente com os releases enviados por anunciantes.

¹⁶ Informação escrita enviada pelas assessorias de empresas, instituições ou governos às redações ou entregues a jornalistas, que funcionam como subsídio para o trabalho jornalístico.

Figura 19 – Tomada noturna da sede da ONU



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

Saindo do campo político, em 9 de outubro de 1947, o *Paraná-Norte* trouxe, em sua página 3, uma fotografia (Figura 20) de um jogo de futebol do Club Atlético Ipiranga, no Estádio Pacaembu. A fotolegenda tinha a intenção de anunciar a vinda do time para Londrina, em 9 de novembro, para enfrentar o Operário, time local, que já havia recebido o Palmeiras no mês anterior.

Figura 20 – Partida de futebol do Club Atlético Ipiranga, no Estádio Pacaembu



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

Embora faça menção a reforços contratados pelo Operário, como Barroso, Mingo e Olavo, além de um “centro médio” vindo do Rio de Janeiro, a imagem fazia referência ao time paulista, o que aponta para a deficiência da cobertura esportiva londrinense na década de 1940. No ano em que a Rádio Londrina iniciou suas irradiações esportivas de futebol (a primeira partida foi entre o Operário e o Palmeiras, em 7 de setembro de 1947), a imprensa escrita ainda não contava com recursos humanos e materiais para realizar uma cobertura imagética dos jogos locais.

As cenas de Londrina no *Paraná-Norte*, portanto, ficaram restritas a raros momentos nos exemplares sorteados para análise. Além das fotografias da construção da estrada e da Casa de Saúde e Maternidade Rocha Loures, outra imagem publicada pelo jornal, na capa de 4 de abril de 1937, remetia à questão da infraestrutura urbana. Trata-se de uma imagem da fachada do Hotel Luxemburgo (Figura 21), que, de acordo com a legenda, contava com “cosinha de primeira ordem” e “água encanada em todos os quartos”, itens de extrema modernidade para uma cidade do interior com menos de três anos de vida. Anunciante do jornal desde os primeiros tempos, em 1934, o hotel agora podia atrair hóspedes por meio da publicação da fotografia do bonito e amplo prédio, instalado em uma rua de terra de Londrina. O formato ovalado da fotografia é um indício de que sua origem também pode ter sido o álbum da família proprietária do estabelecimento.

Figura 21 – Propaganda do Hotel Luxemburgo



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

3.2 ANÁLISE IMAGÉTICA DA REVISTA *A PIONEIRA*

Uma análise iconográfica de todo o acervo da revista *A Pioneira* seria pouco viável neste trabalho, dada a vastidão de imagens e informações divulgadas ao longo dos sete anos de existência da publicação. Páginas e páginas de riquíssimos retratos do norte do Paraná acabariam sendo negligenciadas por um estudo que pretendesse esgotar o poder imagético da revista em um período tão curto de tempo como o da realização de uma dissertação de mestrado. Na tentativa de garantir a imparcialidade da seleção do material a ser analisado, a escolha de sete dos dezesseis exemplares – um por ano de circulação da revista – foi feita por meio de sorteio randômico. A análise, portanto, centrará foco nos números: 1 (maio de 1948), 6 (novembro-dezembro de 1949), 7 (julho-agosto de 1950), 8 (maio-junho de 1951), 11 (julho-agosto de 1952), 14 (maio-junho de 1953), 15 (março-abril de 1954).

Publicado em maio de 1948, o primeiro exemplar da revista *A Pioneira* era composto de 60 páginas, fortemente ilustradas por 122 fotografias. Na capa (Figura 22), uma fotografia do Edifício Londrina, de propriedade da Companhia de Terras Norte do Paraná, e do prédio da Associação Comercial, na Praça Willie Davids. Tomada possivelmente do alto de algum prédio próximo, a fotografia mostra o cotidiano tranquilo da região central de Londrina. No momento da tomada, dois veículos, um deles uma camionete com a carroceria vazia, estavam estacionados ao lado da praça, mas nenhum circulava pelas ruas. Diferente dos dias atuais, a caminhada parecia ser uma maneira de locomoção útil e confortável nas ruas pouco movimentadas da cidade. O uso de sombrinhas pelas mulheres para se proteger do sol traz evidências sobre a moda e o clima londrinenses naquela época.

A data da fotografia não é mencionada pela publicação. Apesar da revista ser relativa ao mês de maio, época em que as temperaturas já estão mais amenas, não se pode dizer que a tomada foi feita neste mês. O intervalo temporal entre o clique fotográfico e a fabricação do clichê estava longe de ser instantâneo. Além disso, o processo de produção da revista possivelmente tenha começado já em fevereiro daquele ano, quando Barbosa Pupo começou os trabalhos de assessoria em propaganda na cidade. A autoria da imagem não é clara. De acordo com informações disponíveis na página 3 de *A Pioneira*, a fotografia pertencia ao Sakura Foto de Londrina e foi obtida com o “concurso” dos senhores Kiroga Yamada

e Augusto Galante, fotógrafos daquele estúdio, além do amador José Bernardes Martins, morador de São Paulo que se encontrava em Londrina a passeio. A informação leva a crer que a tomada tenha sido feita com o auxílio de um tripé e não com uma câmera portátil, por isso, a autoria coletiva da fotografia, algo bastante comum no início do século XX, de acordo com Silva (2009).

O uso da fotografia como instrumento publicitário não se restringia à ilustração de anúncios na revista. Com sua experiência técnica na área, Barbosa Pupo vendia reportagens com dezenas de fotografias, muitas vezes nada comerciais, mas que acabavam promovendo os negócios ou o nome do personagem da matéria. Um exemplo é a primeira reportagem de *A Pioneira*, intitulada “Freya e Londrina: Duas jovens que cresceram juntas”, escrita por Barbosa Pupo e pelo repórter José Geraldo. Ao longo de 10 páginas, a matéria conta um pouco da história da jovem Freya Schulteiss, “primeira criança civilizada” (PUPO, GERALDO, 1948, p.7) a chegar a Londrina, que viria também a ser a “madrinha” da revista.

Figura 22 – Capa da primeira edição da revista *A Pioneira*, que circulou em maio de 1948



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

A reportagem é ilustrada com 23 imagens sem autoria citada, mas percebe-se claramente se tratar de fotografias de álbuns da família de Freya. Em algumas delas, a menina aparece com o pai e com a mãe em várias etapas da vida, em outras, vê-se a padaria do pai (primeira da cidade), a residência da família, a jardineira que circulava na cidade à época, o carnaval em Londrina, a chegada do trem de ferro, e outras situações da vida cotidiana da cidade.

Leite (2001, p.159-160) explica que os retratos de família estão ligados de maneira fundamental aos ritos de passagem, como aniversários, batizados, casamentos e enterros.

Nesses retratos, estão reunidos, mais que na maioria dos outros, o valor de culto e o valor de exibição. [...] Quando inseridas em álbuns, vistas apenas pelos que as conservam e contemplam, essas fotografias têm um sentido muito diverso daquele que adquirem quando publicadas em revista ilustradas ou almanaques. [...] Para os retratos de família existe uma forte ligação com o mundo privado tanto em sua produção quanto em sua conservação e exibição.

Ao publicar fotografias provenientes de álbuns da família de Freya, *A Pioneira* acaba por deslocar o sentido das imagens, que passam de um contexto mais familiar – em que a estética prevalece – para uma esfera pública, a jornalística – em que o valor documental ganha força. Se antes as fotografias teriam sentido apenas para um grupo familiar, que manteria relação afetiva com as imagens dispostas em álbuns, com a publicação em uma revista, acompanhada de legendas, elas passam a fazer parte de um universo mais amplo.

Ao longo das dez páginas da reportagem, as 23 fotografias que, na época apenas ilustravam o cotidiano e a vida da personagem Freya, atualmente, são um rico material de pesquisa histórica acerca de lugares, usos e costumes da Londrina dos anos 1930 e 1940. Com esse deslocamento, elementos da memória individual passam a integrar a memória coletiva dos londrinenses. Isso adquire contornos fundamentais à medida que: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”. (LE GOFF, 2003, p.469).

Logo na página 5, acima do título da reportagem, a jovem Freya, que em 1948 tinha 19 anos, aparece ao lado do repórter da revista, José Geraldo. No retrato (Figura 23), uma tomada em plano médio, a moça aparece com os cabelos

bem penteados, brincos pequenos e uma roupa escura com gola de renda branca, o que traria indícios de pertencimento a uma classe economicamente mais favorecida. Já o repórter traça uma camiseta branca com a identificação *A Pioneira* do lado esquerdo do peito.

Figura 23 – Freya Schulteiss ao lado do repórter de *A Pioneira*, José Geraldo



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Revista *A Pioneira*, maio de 1948, p.5

Quando a família Schulteiss chegou a Londrina, em 1931, a cidade – que ainda nem havia se emancipado politicamente – era só mato e barro. Casas de madeira, segundo a reportagem, havia apenas duas, a do senhor Alberto Kahl e a do comerciante pioneiro Davi Dequêch. Enquanto aguardavam a construção de um rancho próprio, que demorou apenas oito dias, a família se hospedou no rancho de uma amiga da mãe de Freya, nas esquinas das avenida Paraná e Duque de Caxias. Tempos mais tarde, o senhor Frederico Schulteiss, pai da madrinha da revista, construiu uma casa de madeira de frente para a Avenida Paraná, onde também instalou a primeira padaria de Londrina.

A evolução do espaço e o desenvolvimento de Londrina podem ser constatados pelo exame de três fotografias do mesmo local em momentos distintos. Na primeira delas (Figura 24), tem-se a vista externa da padaria de madeira, construída “no meio do nada”. Atrás das duas construções em madeira, uma delas provavelmente a casa da família Schulteiss, ainda é possível notar uma boa parte de mata fechada, demonstrando que os desbravadores teriam muito trabalho pela

frente. O barracão grande de madeira, identificado como “padaria” por uma placa, aparece em primeiro plano, sobressaindo-se a uma pequena construção também de madeira, com telhado em duas águas, ao lado. Na escada de acesso à pequena porta do estabelecimento, dois homens – possivelmente Frederico e seu funcionário – posam para as lentes do fotógrafo. Pelo menos mais seis homens, trajando chapéus e roupas de mangas compridas, contrastam com a paisagem descampada onde, mais tarde, seria a Avenida Paraná.

Figura 24 – Primeira padaria de Londrina, instalada onde hoje é a Avenida Paraná



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Revista *A Pioneira*, maio de 1948, p.5

Conforme a matéria da revista *A Pioneira*, em razão da prosperidade dos negócios, em 1936, Frederico Schulteiss construiu um prédio em alvenaria ao lado da antiga casa de madeira e, no local onde estava a padaria, ergueu uma residência. Naquela época, o comércio havia ampliado sua área de atuação para secos e molhados e loja de materiais de construção. Em uma das fotografias (Figura 25), é possível notar a tranquilidade da rua, ainda de terra, sem calçamento em frente às construções. Ao lado da bela casa, com muro baixo e portãozinho, ficava o grande empório de três portas.

A data precisa das fotografias e seus autores são desconhecidos. Uma imagem posterior do local (Figura 26), provavelmente tenha sido tomada em meados da década de 1940, já que quatro árvores inexistentes na fotografia anterior, agora aparecem altas, tapando toda a fachada da casa. A grande rua de terra que chegava à porta das construções cedeu espaço ao calçamento. Uma atmosfera de limpeza e paz imperam na imagem. Na construção ao lado da casa, a fachada do

antigo empório sofreu várias modificações, ganhando colunas e uma marquise. Na porta central do prédio, um casal e uma criança posam para o fotógrafo.

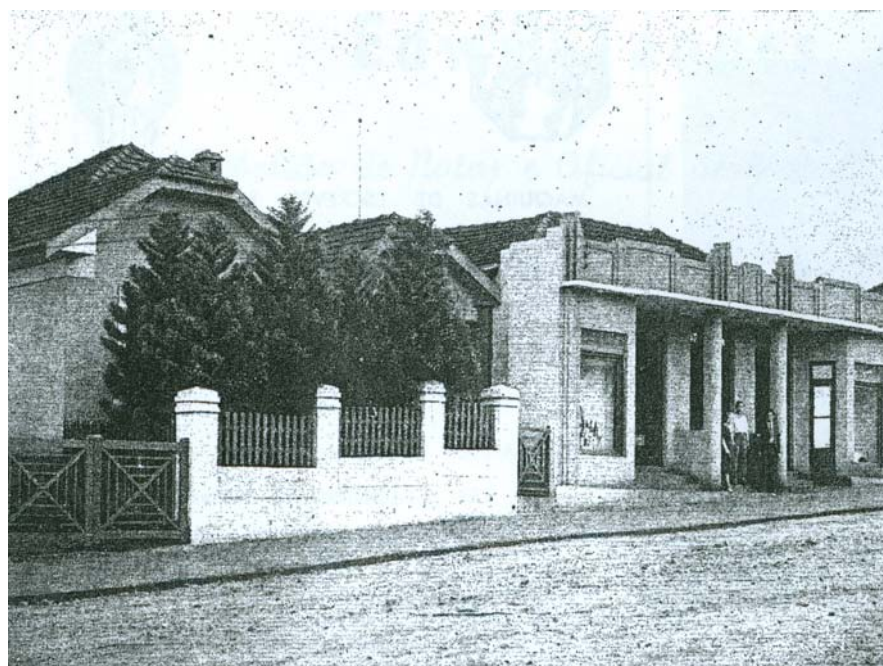
Figura 25 – A casa da família de Freya ao lado do prédio do “Empório”, antes da fachada ser transformada



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Revista *A Pioneira*, maio de 1948, p.9

Figura 26 – O mesmo local, anos depois, com a rua já pavimentada e árvores na frente da casa



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Revista *A Pioneira*, maio de 1948, p.10

De acordo com a legenda, as árvores na frente da casa já não existiam mais em 1948. A residência, que ocupava o número 449 da Avenida Paraná, naquela época, era ocupada pela família de Milton Macedo Ribeiro¹⁷, titular do registro de imóveis do segundo distrito. Nos prédios vizinhos, de número 455 e 457, além do Cartório de Registros de Ribeiro, também estavam instaladas as oficinas e redação do *Paraná-Norte*.

Retiradas da ordem cronológica original, em que apareciam no álbum da família Schulteiss, as fotografias adquirem novo significado nas páginas da revista. Se no álbum da vida privada, as imagens somente faziam sentido no contexto familiar, publicadas na imprensa, com nova organização, as fotografias passam a contar uma nova história: a do norte do Paraná. Semelhante à lógica do álbum de família, a revista, recria, dessa forma, um álbum da cidade. Sobre isso, escreveu o jornal londrinense *Correio do Norte*, saudando o surgimento de *A Pioneira*, em 15 de junho de 1948:

Para quem vê Londrina atual, sem tê-la conhecido nos seus primeiros anos, sente, sofre um choque visual ao defrontar as fotos durante seu desenvolvimento. Progresso ultra-rápido, convenhamos! Assim é que para os velhos moradores, há qualquer coisa de emocionante... É o mesmo que ver a vida de um filho querido, através dos retratos de um álbum de família. Londrina! Quem a viu, quem a vê! 'A Pioneira', nos mostra esta cidade durante sua obscura infância; sua adolescência esperançosa, e finalmente na pujança dos seus 20 anos!¹⁸

Nesse sentido, o mesmo significado que a fotografia de um álbum familiar tem para um membro que a vê, a revista *A Pioneira* teria para um pioneiro londrinense, saudosos dos momentos passados, impossíveis de serem revisitados, a não ser pela memória.

Se aspira algo [o álbum], é marcar com pegadas, olhares, pedaços de lugares, retratos, o que a passagem da vida deixou: o tempo perdido. Quando a família abre o álbum para contá-lo, reinstala ali mesmo seu imaginário de eternidade, evocando o tempo passado em um presente contínuo; como se estivesse ocorrendo agora, sem intervalo entre o antes e o presente. Quando o fecha, retorna à máxima irrevogável e à única verdade possível: todo o tempo passado está perdido para sempre. (SILVA, 2008, p.39).

¹⁷ Frederico Schulteiss faleceu no dia 15 de março de 1941. Em 1948, a jovem Freya havia se mudado com a mãe e o padrasto, Wladimir Rewensky, para um "magnífico palacete moderno e confortável" (PUPO, GERALDO, 1948, p.13), na Avenida Higienópolis, 584.

¹⁸ Crônica de M.P. Do *Correio do Norte*, Londrina, 15 de junho de 1948. *A Pioneira*, julho-agosto de 1948. Ano I. Número 2. p.48.

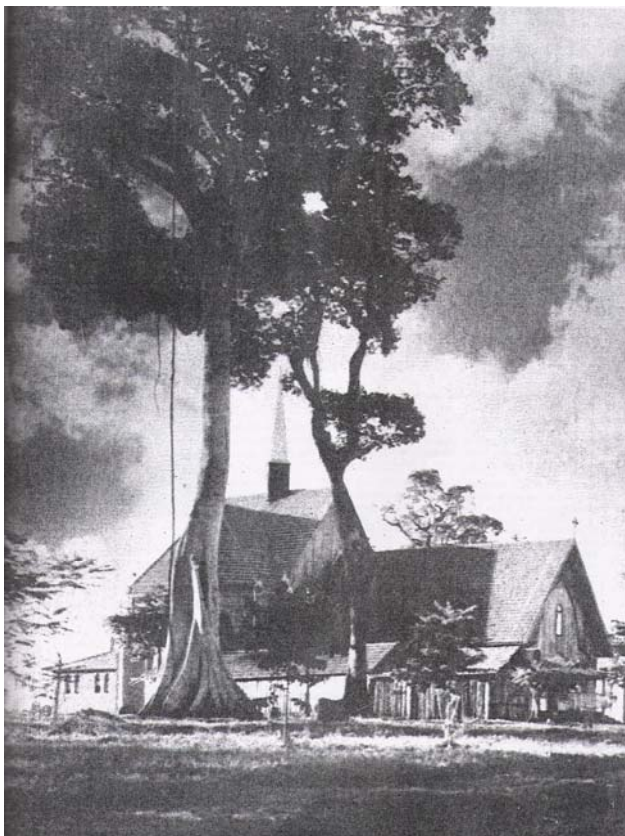
A reportagem sobre a jovem Freya Schulteiss é apenas um exemplo do uso de fotografias advindas de álbuns de família, prática que seria bastante comum nas páginas da revista dali para frente. Seguindo essa mesma linha, ainda na primeira edição, a revista dedicou página inteira a duas fotografias de um casamento, tomadas por Carlos Stenders, do Foto Estrela. Ao descrever detalhes da cerimônia e do vestido da noiva Leda Maria Teresa Otranto, filha do juiz de paz Caetano Otranto, *A Pioneira* pode ser considerada o embrião do colunismo social existente hoje na cidade.

Mesmo que o crédito das imagens ainda não fosse regra absoluta em suas páginas, fica claro que, sempre que possível, Barbosa Pupo fazia questão de atribuir autoria às fotografias publicadas, o que demonstra uma conexão com as tendências de modernização do fotojornalismo. Na edição de maio de 1948, por exemplo, várias imagens são atribuídas a Carlos Stenders. A citação concomitante do estúdio Foto Estrela em todas as ocasiões em que as fotografias aparecem leva a concluir que Stenders não era contratado da revista, mas cedia as imagens, talvez como forma de publicizar seu trabalho. Conforme Silva (2009, p.28), “a publicação da fotografia numa revista de ampla circulação é uma boa divulgação para o estúdio que pode cedê-la gratuitamente”.

É de Carlos Stenders a única fotografia de página inteira da edição, que compunha a reportagem de três páginas “Subsídios para a história religiosa de Londrina”, assinada por Oliveira Rocha. Ilustrado por seis imagens, o texto fazia um retrospecto da trajetória da Igreja Católica em Londrina, desde a primeira missa em 1934, até o ano de 1948. As três fotografias que abriam a matéria, de autoria do próprio Barbosa Pupo, mostravam diferentes ângulos da cruz em frente à igreja. Já as imagens da primeira missa e de uma missa realizada na igreja pioneira, em 1936, não trazem crédito de fotógrafo.

Tomada por Stenders, por volta de 1938, a maior fotografia da primeira edição de *A Pioneira* (Figura 27) mostrava um aspecto transversal da Igreja Matriz, que, naquela época, ainda contava com uma parte em madeira. Na parte posterior da pequena igreja de 1936, rodeada por grandes árvores, já era possível perceber a construção de um anexo maior e mais alto. Ao limitar a história religiosa de Londrina ao catolicismo – o que vai fazer em outras ocasiões ao longo de sua trajetória –, ao contrário de dar pistas sobre a religião na cidade, a revista deixa transparecer suas ligações ideológicas com a Igreja Católica.

Figura 27 – A Igreja Matriz de Londrina por volta do ano de 1938



Fotografia: Carlos Stenders/Foto Estrela

Fonte: Revista *A Pioneira*, maio de 1948, p.37

Ao fazer uma escolha “em um conjunto de escolhas possíveis”, como defende Mauad (1996, p.12), *A Pioneira* mostra sua maneira de enxergar Londrina e não necessariamente a Londrina que de fato existiu, com tantas outras denominações religiosas crescendo e se desenvolvendo nos anos 1930 e 1940. Daí advém, ao se analisar a trajetória da imprensa:

[...] a importância em considerar a dimensão de classe da produção simbólica, bem como o papel da ideologia, na composição de mensagens socialmente significativas, e da hegemonia como processo de disputa social que se estende à produção da imagem. (MAUAD, 1996, p.79).

Com o objetivo de propagandear Londrina não só para seus habitantes, mas também para os de fora, na tentativa de atraí-los, a revista não perdia a oportunidade de fazer referências ao bom momento econômico pelo qual a cidade passava. Com o preço do café em alta no mercado internacional, a região norte do Paraná atraía olhares interessados de diversas partes do Brasil e do mundo. Tanto que, em 16 de fevereiro de 1948, a cidade recebeu a visita do

presidente Eurico Gaspar Dutra. O assunto mereceu página espelho (Figura 28), com 11 fotografias, no primeiro número de *A Pioneira*.

Figura 28 – Espelho da revista *A Pioneira*, com fotografias da visita do presidente Eurico Gaspar Dutra



Fonte: Revista *A Pioneira*, maio de 1948, p.30-31

Menos comum do que nos tempos atuais, uma visita presidencial a uma cidade do interior atraía grandes aglomerações de pessoas, interessadas em ver de perto o chefe da nação. Em uma das fotografias, no canto superior esquerdo da página, é possível perceber uma incontável multidão em frente ao Paço Municipal, onde foi colocada uma faixa saudando “os ilustres visitantes”. A presença de pessoas com sombrinhas evidencia que a população deveria estar sob um sol escaldante, o que não impediu grande parte dos homens de vestir terno e gravata para receber a comitiva do presidente.

Se a maneira mais comum de propagandear o progresso da cidade eram as fotografias de extensos e prósperos cafezais, as cenas urbanas também ajudavam a compor a imagem da bela e desenvolvida Londrina dos anos 1940, nas páginas da revista *A Pioneira*. Um exemplo disso era a matéria “O conforto e o bom gosto nos lares Norte Paranaenses”, escrita por Barbosa Pupo e Jacira Pupo. Ao longo de quatro páginas, o leitor era convidado a visitar a parte interna e externa da “magnífica residência do Sr. Roberto Júlio Roehrig”, na esquina da avenida

Higienópolis com a rua Tupi, região nobre da cidade. Tomada pelas lentes de Carlos Stenders e digna de grandes centros europeus, a casa¹⁹ de dois andares e muros baixos chamava a atenção por sua elegância.

Como o próprio texto dizia, Londrina estava crescendo e, em 1948, já contava com 70% das casas em alvenaria. Em uma clara tentativa de modernização, o plano diretor da cidade não permitia mais construções em madeira em locais como a avenida Higienópolis. Segundo a revista, palacetes como o fotografado por Stenders eram cada vez mais comuns, demonstrando que as construções “já não são mais casas de madeira construídas por quem vinha com a intenção de ganhar dinheiro, fazer fortuna e voltar para viver vida regalada nos grandes centros.”. (PUPO; PUPO, 1948, p.45).

Enquanto a fachada dos palacetes se dava a ver a qualquer observador que passasse pelos bairros da cidade, o conforto do interior dessas casas só poderia ser conferido por pessoas do convívio dos proprietários. Ao publicar fotografias de aspectos internos da residência, *A Pioneira*, mais uma vez, levava imagens privadas para a esfera pública, satisfazendo a curiosidade do público leitor. “Mas a verdadeira vida dessas casas está lá dentro, no seu interior confortável [...]. Lá dentro é que se pode avaliar verdadeiramente a expressão ‘home, sweet home’ dos ingleses.” (PUPO; PUPO, 1948, p.46).

Na tentativa de mostrar que no norte do Paraná, a exemplo de grandes centros, também havia conforto e bom gosto, a revista trouxe quatro fotografias de ambientes internos da residência dos Roehrig. Em uma delas (Figura 29), a bela sala de estar traz ao observador a sensação de estar olhando uma revista europeia. Atrás de duas poltronas, dispostas perto de uma mesa de centro, estava uma estante de livros, o lustre pendurado ao teto e a cortina branca eram elementos que compunham a atmosfera de requinte. Mas a influência inglesa era ainda mais marcante na lareira, à esquerda da fotografia, adornada por pequenos vasos. A imagem luxuosa era uma prova de que Londrina estava pronta para atrair os mais exigentes moradores, que resolvessem apostar na jovem e progressista cidade do interior.

¹⁹ Construída em 1945, a casa dos Roehrig, que ficou conhecida como “Casa dos Gnomos”, por conta dos enfeites colocados no jardim, foi demolida em 2007.

Figura 29 – A sala de estar com lareira da luxuosa residência dos Roehrig

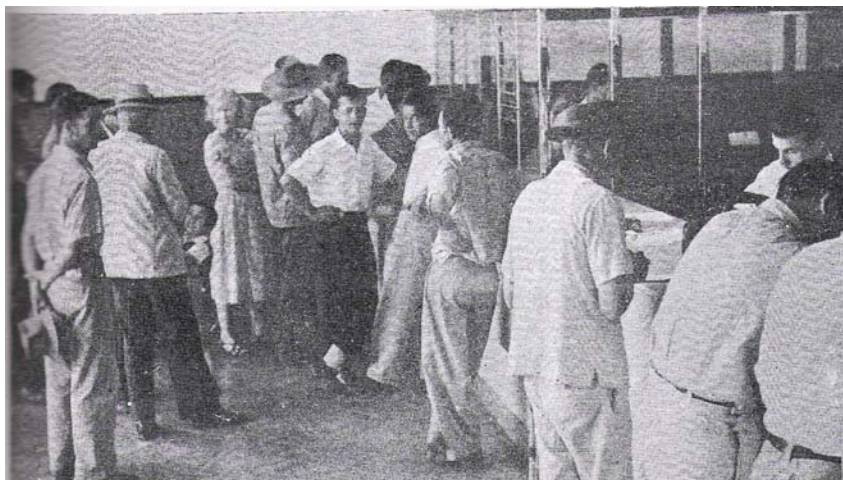


Fotografia: Carlos Stenders/Foto Estrela
Fonte: Revista *A Pioneira*, maio de 1948, p.47

Além do conforto das residências, outra evidência do desenvolvimento de Londrina nas páginas da revista era o crescimento do sistema bancário, assunto tratado em sete das 76 páginas da sexta edição (novembro-dezembro de 1949). Assinado por Américo Machado da Luz, jornalista e auxiliar de administração do Banco do Estado do Paraná, o texto “As Casas de Crédito do Norte do Paraná” foi diagramado exatamente ao lado de uma página com uma propaganda ilustrada do mesmo banco. Apesar de *A Pioneira* justificar que a matéria fora feita a pedido de geógrafos sul americanos interessados no número de estabelecimentos bancários de Londrina, o caráter fortemente propagandístico é evidente no texto e nas imagens.

Além de sete fotografias de fachadas, interiores e agências bancárias em construção na cidade, que, segundo o texto, contava com a maior filial do Banco do Brasil no interior do país, a reportagem trazia quatro imagens do cotidiano do atendimento nos bancos. Em uma delas (Figura 30), homens e mulheres se aglomeravam nos guichês do Banco Brasileiro de Descontos, destinado a aplicação de capital. Com o lema “emprestar pouco a muitos”, destacado na legenda, a instituição era elogiada pela revista como “um dos fatores do nosso desenvolvimento”.

Figura 30 – Fila nos guichês de um banco de Londrina na década de 1940



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Revista *A Pioneira*, novembro-dezembro de 1949, p.23

Para reforçar a ideia de crédito fácil e acessível a toda a população, na mesma página, a revista trazia o retrato de um londrinense comum (Figura 31), com uma grande quantidade de cédulas de dinheiro nas mãos. Abaixo, a legenda “Cenas como esta podem ser fotografadas diariamente, às centenas, nos bancos de Londrina”. Além de servir de propaganda às instituições bancárias da cidade, que se beneficiariam com a atração de clientes, a matéria servia para exaltar o norte do Paraná, terra já bastante propagandeada pelas facilidades de riqueza decorrentes da fertilidade da terra. Se, em 1949, alguém ainda tinha dúvidas sobre se aventurar pela região, textos e imagens como os de *A Pioneira* poderiam ser um fator a mais de convencimento.

Figura 31 – Londrinense saindo com dinheiro de uma agência bancária

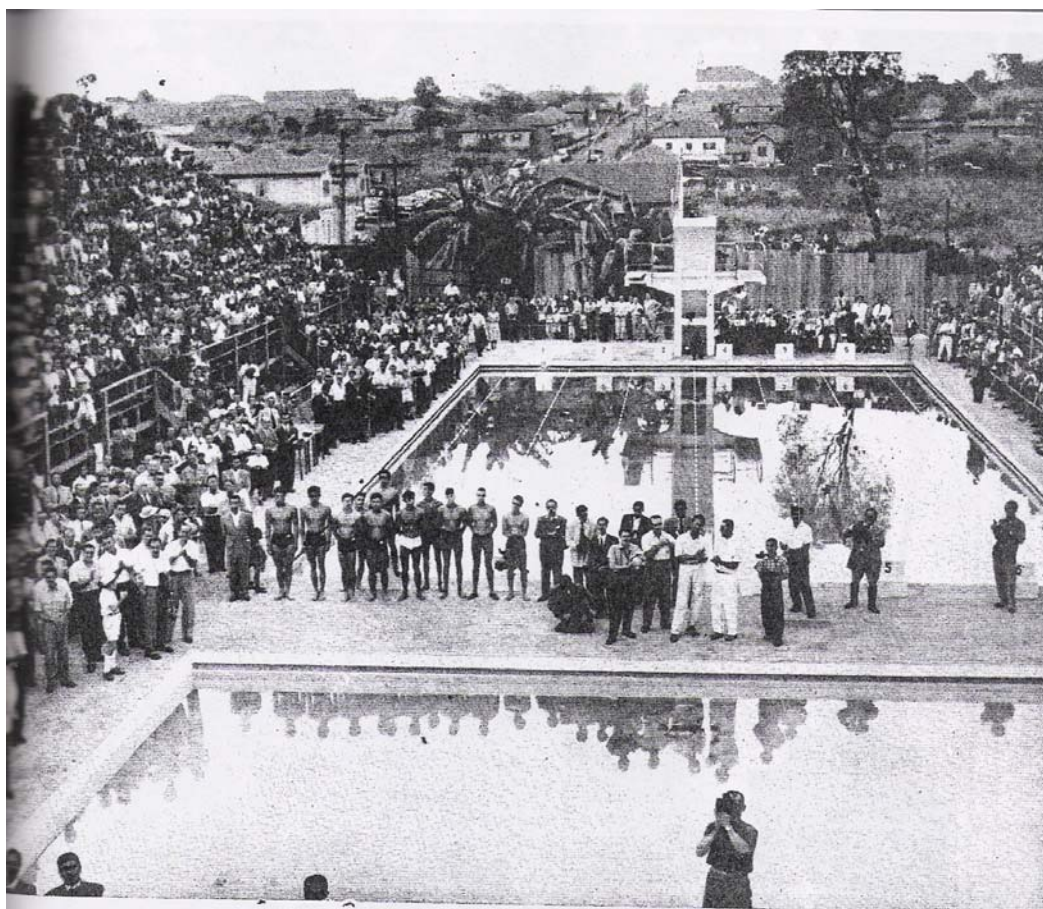


Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Revista *A Pioneira*, novembro-dezembro de 1949, p.23

Apresentada nas páginas da revista como um lugar ideal para viver, com infraestrutura e economia favoráveis, Londrina também era mostrada aos leitores como uma cidade que contava com opções de lazer e não só de trabalho. Em várias ocasiões, portanto, *A Pioneira* destacou programações culturais, sociais e esportivas, como na edição de número 7 (julho-agosto de 1950). Longe de ser uma pacata cidade do interior, como poderia imaginar alguém que ouvisse falar dos cafezais da região, na década de 1950, Londrina contava com uma vida urbana agitada. Prova disso são as dezenas de fotografias de eventos que estampavam o sétimo número da revista. Realizados em sua maior parte no Londrina Country Clube, possível anunciante da publicação, os eventos iam desde jantares comemorativos, carnaval infantil e exibição de nadadores japoneses, um deles vice-campeão sul americano de salto ornamental.

Figura 32 – Apresentação de nadadores japoneses na inauguração da piscina do Country, em 1950



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Revista *A Pioneira*, julho-agosto de 1950, p.17

Ao longo de sete páginas, a revista estampou 12 fotografias – feitas por Walter Zumbano, Augusto Galante e Joaquim Braz – do espetáculo dos “peixes voadores” na inauguração da piscina do Country, com 25 metros de extensão e 250 mil litros de capacidade, que levava 24 horas para ser completamente cheia por um poço artesiano construído especialmente para este fim. A fotografia que abre a reportagem “Os ‘Peixes Voadores’ em Londrina” (Figura 32) dá dimensão não só do tamanho das piscinas do clube, como da magnitude do evento, que lotou as arquibancadas de madeira construídas para a ocasião.

Três anos depois do lançamento, em maio de 1951, o oitavo número da revista dedicou grande espaço ao município de Cambará. Ao longo de sete páginas, *A Pioneira* estampou fotografias de uma grande fazenda de gado do município, com direito a retrato do proprietário. Nas páginas seguintes, Cambará continuou sendo tema de reportagens com fartas ilustrações, que mostravam o crescimento da cidade, a igreja, a emissora de rádio, o hospital, uma agência de jornais e revistas, barracões de café, a agência bancária, o fórum, além de uma partida de futebol entre o time local e o Corinthians Paulista. O aeroclube da cidade também foi destaque na edição, com quatro fotografias de quase meia página cada.

Enquanto outras cidades do norte do Paraná, como Santa Fé e Cornélio Procópio, iam ganhando espaço nas páginas daquela edição, Londrina parecia ser cada vez menos objeto de interesse da revista. Além de algumas propagandas ilustradas e de retratos de uma reunião de cirurgiões, de um evento no Rotary e de Arthur Thomas embarcando no aeroporto, fotografias da cidade se destacaram apenas em uma matéria de quatro páginas sobre o uso do jipe como meio de transporte nas “precárias” estradas da região.

Ilustrado por 11 fotografias (seis de Londrina), o texto "'JEEP' - o amigo de tôdas as horas" exaltava as qualidades do veículo, que batia caminhões e outros automóveis nas estradas lamacentas da região, dando "inestimável contribuição para seu progresso". Usado não só como meio de transporte, mas também como produtor de força motriz para a agricultura, o jipe era um veículo bastante popular na década de 1950, como mostra a fotografia de uma rua de Londrina, que abre a matéria (Figura 33).

Figura 33 – Jipes em uma rua do centro de Londrina



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Revista *A Pioneira*, maio-junho de 1951, p.10

Na imagem, possivelmente de autoria da própria revista, seis veículos aparecem estacionados em uma rua comercial do centro da cidade, já pavimentada. De acordo com a legenda, ainda que quem veja a fotografia imagine que só havia jipes em Londrina, a quantidade deles ainda era insuficiente. “O caso é que quando chove o número desses veículos se sobressai, porque só quem tem um ‘jeep’ pode vir à cidade tratar de seus negócios.” (JEEP, 1951, p.10).

Entre as outras fotografias da matéria, fazendeiros posavam ao lado ou na direção de seus jipes. A reportagem também visitou a Fazenda Santa Maria, de propriedade de Antonio Medeiros Bulle, onde o jipe foi usado como solução para a secagem do café em um dia que faltou energia elétrica na propriedade. A experiência rendeu duas fotografias (Figura 34) à revista, que aproveitou a visita para fazer um retrato das “belíssimas” filhas do senhor Bulle. As imagens são uma curiosidade sobre a atividade agrícola em Londrina, que chamava a atenção do mundo todo, mas, por falta de infraestrutura, ainda necessitava de certos improvisos para geração de energia.

Figura 34 – Jipe sendo usado como força motriz para secagem do café



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Revista *A Pioneira*, maio-junho de 1951, p.13

Das 84 fotografias publicadas pela *A Pioneira* em sua décima primeira edição (julho-agosto de 1952), apenas 19 faziam referência a Londrina. Treze delas ilustravam uma matéria assinada por Barbosa Pupo sobre o nascimento e desenvolvimento de Londrina, nas últimas duas décadas. Entre as fotografias, um retrato do primeiro prefeito constitucional da cidade, Willie Davids, ladeado por amigos, a Igreja Matriz em quatro momentos distintos – da colocação do cruzeiro, início da construção e bênção dos sinos, em 1934, até a finalização da segunda torre, nos anos 1950 –, a estação ferroviária, um retrato do prefeito à época, Milton Ribeiro de Menezes, dois retratos de Lord Lovat, chefe da missão inglesa que visitou o norte do Paraná na década de 1920, além de uma tomada aérea, feita em 1949 por Hermann de Moraes Barros.

De acordo com o censo de 1950, citado no texto de Pupo, com menos de 20 anos de idade, Londrina já era a terceira cidade mais populosa do Paraná e a 54ª do Brasil, com 33.707 habitantes, sem contar a população rural e os distritos. O crescimento acelerado da área urbana fica evidente na sobreposição de duas fotografias do mesmo local, que abre a reportagem (Figura 35).

Figura 35 – Praça Willie Davids em dois momentos distintos



Fotografia: Autor desconhecido/Fotografia pequena: Hermann Morais Barros
Fonte: Revista *A Pioneira*, julho-agosto de 1952. p.41

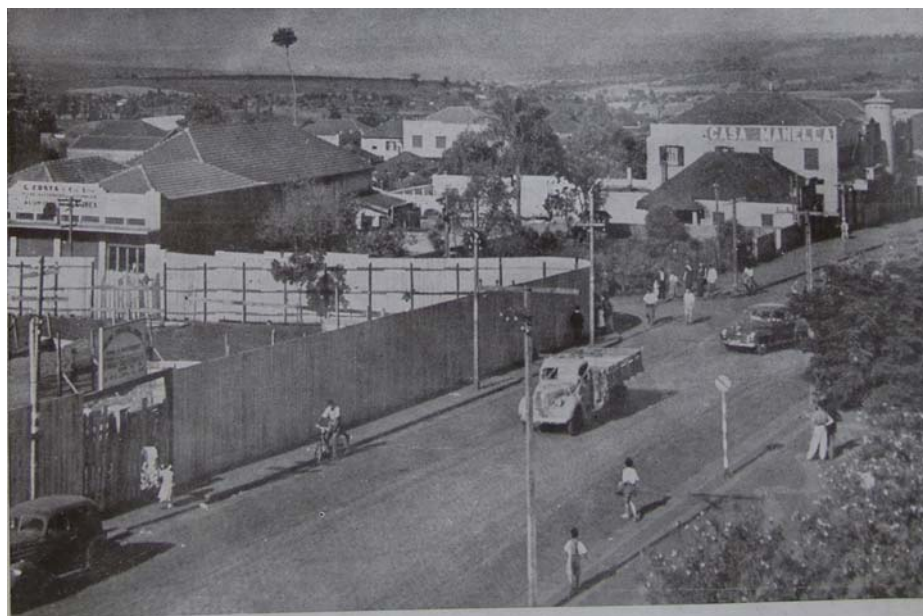
Na imagem grande, feita em agosto de 1934, está fixada a fachada e o amplo quintal da residência de Willie Davids, na praça da região central que leva o nome do primeiro prefeito. Na segunda fotografia, uma tomada aérea de Hermann Morais Barros, o local, 15 anos mais tarde, aparece totalmente urbanizado, com prédios, ruas e uma agência da Caixa Econômica Federal no lugar da casa.

As transformações de Londrina voltaram a ser tema de fotografias na edição 14 da revista (maio-junho de 1953). Das 19 imagens da cidade publicadas no número especial dedicado ao café, composto por um total de 168 fotografias (entre as quais estavam belas imagens de todo o processo de produção do café, desde a plantação, colheita, secagem e exportação através Porto de Paranaguá), 13 mostravam o centro da cidade e suas grandes construções. De acordo com a matéria de oito páginas, intitulada “A transformação da fisionomia de Londrina nestes últimos 5 anos”, as vertiginosas modificações, traduzida na “febre de construção”, devia-se à alta do preço do café nos últimos anos, intensificada a partir de 1948.

Além de prédios em construção e tomadas do alto, que mostravam as ruas cheias de carros e as edificações no horizonte, a reportagem destacava obras do famoso arquiteto Vilanova Artigas: o Edifício Autolon, o Cine Teatro Ouro Verde e a Estação Rodoviária (hoje Museu de Arte). Na tentativa de atestar o rápido

crescimento da cidade, a revista contrapunha, novamente, fotografias do mesmo local em diferentes anos.

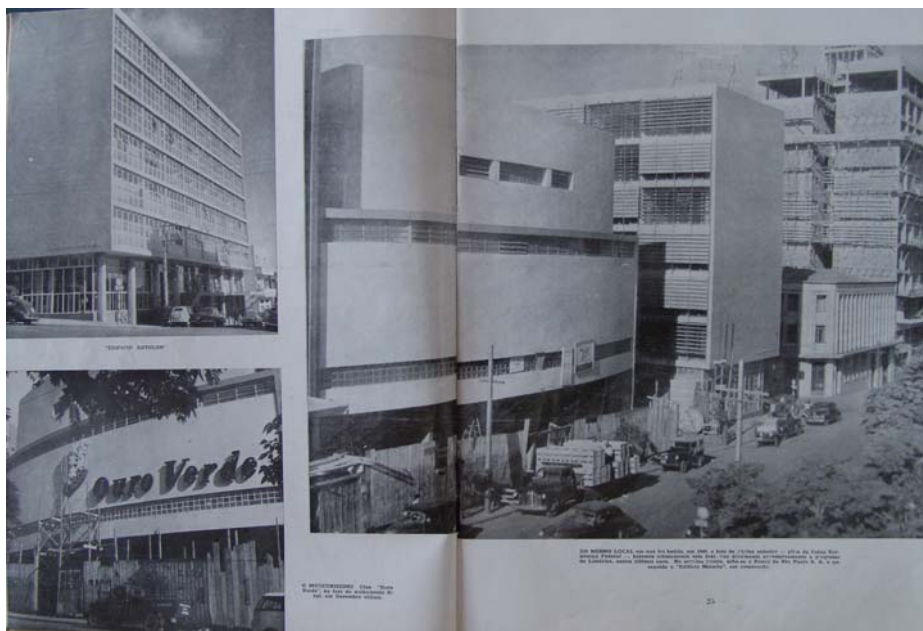
Figura 36 – Construção do Edifício Autolon e do Cine Teatro Ouro Verde, em 1949



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Revista *A Pioneira*, maio-junho de 1953, p.23

Figura 37 – Autolon e Ouro Verde já prontos, em 1952



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Revista *A Pioneira*, maio-junho de 1953, p.24-25

Na primeira (Figura 36), tomada do alto do edifício da Caixa Econômica, em fevereiro de 1949, o Ouro Verde e o Autolon ainda apareciam em fase de construção. Nas próximas páginas, em espelho (Figura 37), fotografias feitas no final de 1952 mostram as duas obras já concluídas.

Seis anos se passaram desde que Barbosa Pupo se aventurou na tarefa de criar uma revista ilustrada que, além de servir aos interesses do empresariado local, também tinha a intenção de documentar as transformações do norte do Paraná. Era março de 1954, quando circulou o décimo quinto número, penúltimo, aliás, de sua trajetória. As mudanças eram evidentes para um observador que apenas folheasse as páginas da publicação. Embora a capa e contracapa tivessem ganho fotografias coloridas (Figura 38), em comparação ao primeiro número, recheado de imagens, neste, o texto ganhou espaço, por vezes, preenchendo páginas inteiras.

Figura 38 – Capa e contracapa coloridas da décima quinta edição da revista



Fonte: Museu Histórico de Londrina/Reprodução

As já mencionadas dificuldades de se fazer uma revista na cidade podem ser tomadas como razão para as mudanças quantitativas observadas ao

longo dos anos em que *A Pioneira* circulou. No penúltimo número, por exemplo, havia 60 fotografias distribuídas nas 44 páginas da publicação. Além do menor número de imagens em relação à estreia, o tamanho das fotografias também era visivelmente menor no final da trajetória da revista. Se antes, quando não havia uma página sequer sem fotografia, era possível dizer que a imagem se sobressaía ao texto, na fase final, as reportagens eram de caráter muito mais textual, com pequenas fotografias – por vezes retratos em uma coluna –, atuando de maneira ilustrativa.

Enquanto o fim era praticamente anunciado nas entrelinhas, a revista continuava tentando manter uma aparência de regularidade. Na página 35, um grande anúncio fazia menção a uma edição comemorativa que deveria circular em novembro-dezembro de 1954, por ocasião do 20º aniversário da instalação do município de Londrina. Patrocinado por entidades londrinenses, o número especial traria reportagens fartas de imagens, mostrando a trajetória da cidade desde os primórdios, sendo um verdadeiro “documentário da obra dos pioneiros”.

Com reportagens relativas às diversas colônias que se estabeleceram na cidade, especialmente às “pioneiras”, alemã e japonesa, a edição especial de *A Pioneira* pretendia ser um verdadeiro documento imagético e textual das primeiras décadas de desenvolvimento da cidade. “O número especial dedicado a Londrina, não será apenas um número de revista, mas autêntico álbum a ser conservado como lembrança.” (20º ANIVERSÁRIO, 1954, p.35).

É possível que a edição especial jamais tenha chegado a circular, uma vez que não há registros dela nos arquivos do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, o mais completo da revista *A Pioneira* na cidade. A última edição catalogada da revista, relativa a novembro-dezembro de 1954, até dedicou algumas páginas ao aniversário da cidade, mas nem de longe era o documento histórico prometido aos leitores. Em suas 42 páginas, o número dezesseis da revista dava mais destaque a assuntos como a chegada da estação de ferro e a instalação da comarca de Maringá. Londrina mereceu um editorial, em que Barbosa Pupo saudava os moradores da cidade por duas datas importantes: 22 de agosto e 10 de dezembro, “jubileu de prata de fundação” e “quarto lustro da instalação do município”, respectivamente. Já no miolo da revista, o aniversário da cidade foi destaque em 10 páginas, com fotografias e textos sobre o jubileu e a instalação do município de Londrina.

Na página 36, um anúncio de meia página, em fotografias, chamava novamente para a edição especial sobre os pioneiros de Londrina, que deveria circular “em breve” nas bancas da cidade, ao preço de Cr\$ 200,00, valor de 20 exemplares normais da revista. Não se pode afirmar que a edição de luxo não tenha circulado, mas essa hipótese é forte, uma vez que não há registros deste número de *A Pioneira* em instituições de pesquisa da cidade. Dizia o anúncio:

Londrina de ontem e Londrina de hoje. Eis o que será o álbum de recordações. Documentário histórico da cidade e de seu progresso. Amplas reportagens sôbre os ‘pioneiros’. Flagrantes dos festejos de 10 de dezembro. Uma luxuosa edição de A PIONEIRA. [...] Um álbum para ser guardado por toda a vida. Um belíssimo presente para os parentes e amigos distantes.

As evidências de que Benedito Barbosa Pupo viu seu negócio enfraquecer ao longo dos anos aparecem em diversos momentos, como na página 3 da revista, espaço antigamente dedicado ao editorial, que passou a ser ocupado por um sumário. Apesar de, no décimo quinto número, a publicação ainda manter um escritório na rua Maranhão, 583, a orientação ao leitor era de que toda a correspondência deveria ser enviada a um endereço em São Paulo, o que leva a concluir que o proprietário da revista já havia se mudado de Londrina, provavelmente, para tocar outros empreendimentos na capital paulista.

Dos doze assuntos relacionados no sumário da penúltima edição, nenhum fazia referência direta ou exclusiva à cidade de Londrina. A maioria das reportagens da penúltima edição era dedicada a Maringá, que completava seis anos de existência em 1954. A única matéria que fazia menção a Londrina e trazia três fotografias da cidade era sobre uma visita da imagem de Nossa Senhora de Fátima a Londrina e a Maringá.

Pela fotografia (Figura 12) de uma rua da cidade, pode-se afirmar que a visita da santa foi um grande evento, esperado e comemorado por milhares de católico. A incontável multidão de moças vestidas de branco, usando véus, identificadas na legenda como as Filhas de Maria de Londrina, além das faixas e bandeirinhas festivas penduradas de um lado ao outro da rua, mostram a força do catolicismo em Londrina na década de 1950 e reforçam a ligação da publicação com o catolicismo, única religião a figurar nas páginas da revista. Enquanto a presença de carros e de uma placa de sinalização dava pistas sobre o desenvolvimento do

trânsito na cidade, a rua coberta por paralelepípedos e a fiação elétrica mostravam detalhes de sua infraestrutura.

Figura 39 – Procissão das Filhas de Maria, durante visita da imagem de Nossa Senhora de Fátima

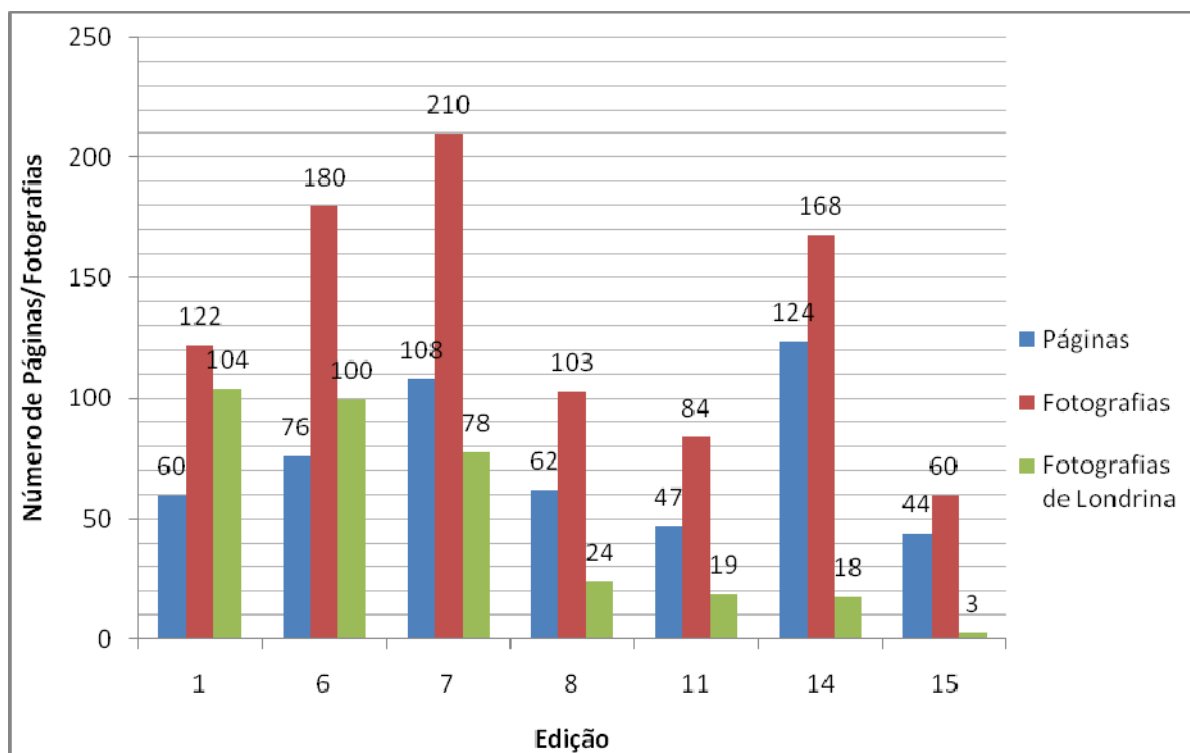


Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Revista *A Pioneira*, março-abril de 1954, p.16

A publicação de imagens pela revista *A Pioneira* ao longo das sete edições analisadas neste trabalho sofreu significativas modificações quantitativas (Gráfico 1). Se no primeiro número, cada página era ilustrada por mais de duas fotografias, em média, na décima quinta edição, essa relação caiu para 1,36 fotografias/página (Gráfico 2). A evolução imagética da publicação é ainda mais significativa quando se analisam as temáticas tratadas pelas fotografias. Em maio de 1948, quando surgiu, *A Pioneira* privilegiava imagens de Londrina, que correspondia a 85% do total de fotografias publicadas (Gráfico 3). No entanto, a cada edição, a cidade foi progressivamente perdendo espaço para outros municípios, que talvez necessitassem mais de um serviço de propaganda como o oferecido pela revista.

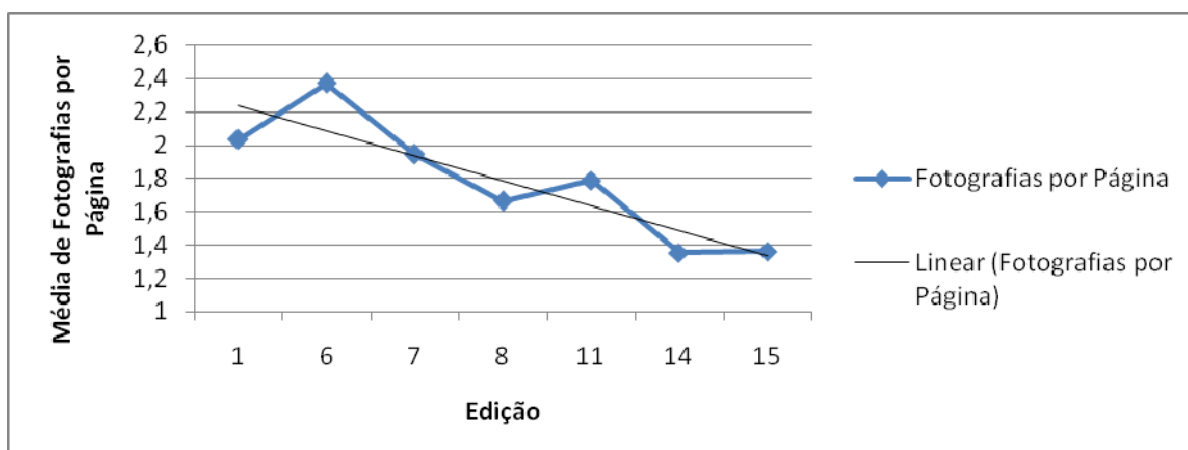
Gráfico 1 – Relação do número de fotografias por página ao longo das edições da revista *A Pioneira*



Fonte: Elaborada pela autora

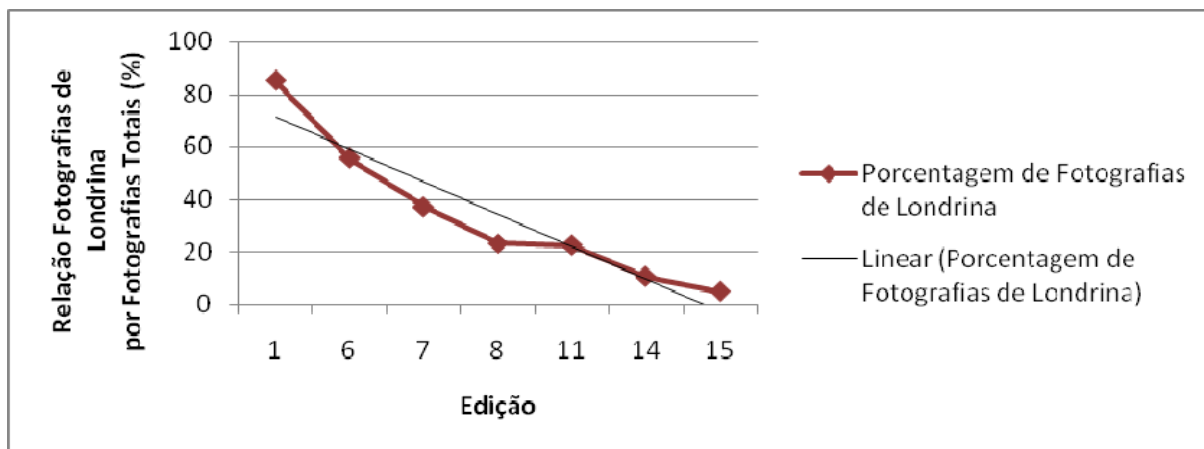
Na edição especial de número 14, por exemplo, dedicada ao café, das 168 fotografias publicadas, apenas 18 faziam menção clara à cidade que já era conhecida como “Capital Mundial do Café”. No número seguinte, ainda menos fotografias de Londrina foram publicadas, somente três, o que representava apenas 5% das 60 imagens que estampavam aquela edição.

Gráfico 2 – Média de fotografias por página da revista



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 3 – Porcentagem de fotografias de Londrina em relação ao total de fotografias publicadas pela revista



Fonte: Elaborado pela autora

As modificações na visualidade da revista ao longo de sete anos podem ser explicadas não só pelas dificuldades financeiras que teriam levado, inclusive, à morte da publicação, mas também pelo próprio desenvolvimento da cidade e de sua imprensa. Quando Barbosa Pupo chegou a Londrina, em 1948, trazia a proposta de ser uma agência de propaganda que ajudasse o empresariado local a divulgar suas ideias e consolidar os negócios. Com o passar dos anos, comerciantes, industriais e agricultores da cidade já contavam com outros veículos de comunicação consolidados, como o rádio e até mesmo a *Folha de Londrina*, jornal fundado em 1948 em circulação até os dias atuais. Se, no final da década de 1940, muitos publicizavam seu empreendimento nas páginas de *A Pioneira*, em meados dos anos 1950, esse número certamente era bem menor, uma vez que a demanda estava pulverizada entre as dezenas de veículos de comunicação da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As fotografias guardam, na sua superfície sensível, a marca indefectível do passado que as produziu e consumiu.” Assim Ana Maria Mauad resume a questão da fotografia como documento e monumento, ou seja, índice de uma materialidade passada e, simultaneamente, símbolo do que aquela sociedade escolheu para ser a imagem perenizada no futuro. Semelhantemente ao que Armando Silva aponta sobre os álbuns de família, que nada mais são do que seleções deliberadas e conscientes, ao publicar imagens da cidade em suas páginas, a imprensa londrinense não o fez de maneira aleatória.

Nesse sentido, é preciso assentir que as fotografias analisadas neste trabalho – e todas as demais publicadas pela imprensa local em diferentes épocas – não documentam fielmente a realidade, e sim a visão de alguém sobre essa realidade. Tomar os pontos de vista do *Paraná-Norte* e de *A Pioneira* como verdades absolutas sobre o crescimento de Londrina nos primeiros anos seria, senão desonesto, no mínimo, ingênuo. Elaboração do vivido, as imagens do passado conformam uma visão de mundo, o que, de maneira alguma, pode ser argumento para invalidar sua força testemunhal.

Quase 80 anos depois da circulação do primeiro exemplar do *Paraná-Norte*, em outubro de 1934, o arquivo do jornal guarda informações preciosas sobre a atividade da imprensa nos primeiros anos de Londrina. Um tesouro pouco conhecido dos londrinenses, que faz levantar questionamentos sobre o alcance e a influência do jornal no cotidiano e nos rumos da cidade. Com objetivos fortemente políticos, sobretudo após o fim da censura de Getúlio Vargas, em 1945, o *Paraná-Norte* passou a dedicar grande espaço ao tema, muitas vezes em tom de campanha. Das 21 fotografias presentes nos 18 exemplares separados para análise neste trabalho, por exemplo, 13 tinham finalidades político-ideológicas ou econômica. Além de propagandear estabelecimentos e empresas da cidade, como o hotel com água encanada, a empresa de turismo rodoviário e até mesmo o hospital do proprietário do jornal, ao seguirem um padrão estético determinado, as fotografias de personalidades políticas ligadas ao *Paraná-Norte* tinham como objetivo associá-los a valores positivos, o que poderia, mais tarde, resultar em votos.

Mas até que ponto o jornal estava em sintonia com a população londrinense? A opinião do periódico realmente traduzia as expectativas políticas da

população? Qual era o alcance e a influência do *Paraná-Norte* nas questões políticas? A derrota de Eduardo Gomes – candidato à Presidência da República, propagandeado exastivamente pelo jornal – nas urnas de Londrina seria um indício de que a opinião do jornal traduzia o pensamento de uma classe política e não da maioria dos cidadãos? Questionamentos difíceis de ser respondidos e que poderiam, aliás, ser tema para uma pesquisa específica.

A diferença no tratamento dado à fotografia pelo *Paraná-Norte* e pela *A Pioneira* é evidente até a observadores mais desatentos e pode ser explicada, em primeira instância, pelas diferenças de natureza entre os veículos. Enquanto produto comunicativo efêmero, de produção e consumo mais imediatos, o jornal tem por característica ser informativo, rápido. Já a revista, cujo período de produção e até mesmo de consumo é significativamente maior, tende a ser mais analítica, a interpretar as informações dadas pelos jornais no calor dos acontecimentos. Daí deriva uma das razões para a gritante diferença quantitativa da exploração do recurso imagético nos dois meios de comunicação.

Embora nos primeiros anos o *Paraná-Norte* não fosse diário, sua produção era menos elaborada do que a da revista *A Pioneira*, veículo de informações de uma agência de publicidade e propaganda que tinha por objetivo ser “O retrato do norte do Paraná”. Com menos investimentos de anunciantes, já que a informação, e não a publicidade, era sua finalidade primeira, o jornal era financeiramente mais limitado do que a revista, o que certamente influenciou no baixo número de imagens publicadas ao longo da trajetória do veículo.

“Desempenhando a tarefa de divulgar a progressividade da zona norte do Paraná”, como se autodefiniu em uma das edições, a análise imagética realizada neste trabalho mostra que *A Pioneira* cumpriu bem o objetivo a que se propôs. De alguma forma, todas as 17 fotografias separadas para análise tocavam na temática do crescimento urbano, da riqueza gerada pelas terras férteis e do desenvolvimento econômico e social do município.

Com o duplo objetivo de ser um meio de comunicação para o empresariado crescente em 1948, quando a revista surgiu em Londrina, e de documentar as transformações da região, por meio da fotografia, Benedito Barbosa Pupo, proprietário de *A Pioneira*, tinha plena consciência da grande contribuição que sua atividade deixaria à memória da cidade.

Porém, se a presença da fotografia no *Paraná-Norte* estava ligada a questões ideológicas ou às facilidades econômicas de publicação de determinado clichê, o caso da revista *A Pioneira* não era muito diferente. Embora pretendesse retratar o norte do Paraná, a publicação não desvinculava essa vocação de um interesse primeiro: o lucro. Isso pode ser percebido pela diminuição progressiva de fotografias de Londrina ao longo dos anos e pelo crescimento concomitante da publicação de imagens de outras cidades vizinhas.

É bem verdade que a revista guarda, em suas páginas, um rico acervo de imagens que documentam o rápido crescimento urbano de Londrina. Apesar disso, as fotografias da cidade foram se tornando cada vez mais raras nas páginas da revista, à medida que o empresariado local deixava de apoiar o veículo de comunicação. Enquanto as reclamações sobre a falta de apoio financeiro cresciam nos editoriais da publicação, o número de fotografias por página e, sobretudo, o total de imagens relativas a Londrina, progressivamente caía.

Nas últimas edições, era comum que *A Pioneira* dedicasse mais de uma dezena de páginas a temáticas de outro município. O que começava com uma reportagem – obviamente paga – na fazenda de um pecuarista, logo se estendia para outros estabelecimentos da cidade, resultando em exemplares quase inteiros sobre o cotidiano da localidade: a escola, a igreja, o aeroclube, o jogo de futebol, as moças sentadas na praça, aproveitando momentos de lazer. Mostrar o progresso de uma cidade e suas belezas era a forma encontrada por Barbosa Pupo para convencer o empresariado local de financiar a produção de mais um exemplar de sua revista.

Entre as várias dificuldades encontradas no percurso da pesquisa, está a inexistência de fontes orais, que pudessem confirmar ou refutar informações, mas, principalmente, trazer detalhes e curiosidades sobre a trajetória da imprensa londrinense, não documentados de maneira escrita.

A análise da visualidade do *Paraná-Norte* e da revista *A Pioneira*, aponta para um mesmo rumo. Apesar das diferentes explorações que cada veículo fez do recurso imagético, com temáticas e frequências distintas, o objetivo final do uso da fotografia em ambos era o da propaganda, fosse ela de empresários ou de empresas, de políticos, pioneiros, agropecuaristas, do progresso e do desenvolvimento de municípios da região. Como quem organiza cuidadosamente um álbum de família, em suas milhares de páginas conservadas em arquivos de

instituições de pesquisa, as duas publicações deixaram retratos, não só imagéticos, mas também textuais, de uma Londrina que não pode mais ser atingida, pois ficou irremediavelmente no passado.

Olhar para essas imagens, portanto, é, como afirma Armando Silva (2008), compreender que são vestígios, pegadas, retratos de um tempo perdido, deixados pela passagem da vida. Assim, como abrir um álbum e ver a narração da vida familiar evoca o tempo passado em um presente contínuo e reinstala um imaginário de eternidade, o mesmo efeito acontece quando alguém ligado afetivamente a Londrina – quer por nascimento, ou por outros motivos – se depara com as fotografias da cidade nos álbuns do tempo que são as páginas da imprensa pioneira.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fabiana A. O fotojornalismo na construção do conhecimento histórico: a cobertura de *Veja* sobre a implantação do AI-5. In: BONI, Paulo César. (Org.). **Fotografia: múltiplos olhares**. Londrina: Midiograf, 2011. p.169-200.
- ALVES, Valter. Seo Oliveira compôs o primeiro jornal. **Jornal de Londrina**, Londrina, p.4A, 9 out. 1994.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Meios de comunicação e história: um universo de possíveis. In: RIBEIRO, Ana Paula Goular; FERREIRA, Lucia Maria Alves. (Org.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 15-34.
- BONI, Paulo César; KOMARCHESQUI, Bruna Mayara; RODRIGUES, Natália de Fátima. **O papel do Paraná Norte na construção da Santa Casa e o esporte nas ondas do rádio: duas experiências históricas da imprensa londrinense**. Londrina: Planográfica, 2010.
- BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusc, 2004.
- CÁFFARO, Walmor. Imprensa de Londrina em 34. In: SCHWARTZ, Widson. Peripécias no jornalismo pioneiro. **Jornal de Londrina**, Londrina, p.8A, 7 abr. 1998.
- COSTA, Helouise. Entre o local e o global: a invenção da revista *O Cruzeiro*. In: COSTA, Helouise; BURGI, Sérgio. (Org.). **As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre O Cruzeiro**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. P.9-32.
- D'ARAUJO, Maria Celina. **A era Vargas**. São Paulo: Moderna, 1997.
- FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- FREUND, Gisèle. **La fotografía como documento social**. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.
- HARA, Tony. **Caçadores de notícias: história e crônicas policiais de Londrina 1948-1970**. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1997.
- HERAS, Beatriz de las. **Imágenes de una ciudad sitiada – Madrid 1936-1939: colección inédita de fotografías de la Guerra Civil**. Madrid: Ediciones JC, 2009.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- _____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. *In*: SAMAIN, Etienne (Org). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec/ Senac, 2005. p.33-38.

LEVINE, Robert M. **Pai dos pobres?**: o Brasil e a era Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, 1996, p. 73-98, v. 1, n. 2.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 269–279.

OBARDIEK, Hermann Iark. Instituições médico-hospitalares nas origens de Londrina. *In*: ALEGRO, Regina Célia (Org.). **Cuidar, curar, lembrar** – memória da saúde em Londrina. Museu Histórico de Londrina: UEL, 2012. p. 28-29.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de iconologia**: temas humanísticos na arte do renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

SCHWARTZ, Widson. A aventura do jornalista pioneiro. **Jornal de Londrina**, Londrina, p.8A, 11 nov. 1997.

_____. Peripécias no jornalismo pioneiro. **Jornal de Londrina**, Londrina, p.8A, 7 abr. 1998.

_____. 1º mestre fez jornal e foi à guerra. **Jornal de Londrina**, Londrina, s.p., 12 dez. 1998.

_____. Cidadania aos pioneiros da imprensa. **Jornal de Londrina**, Londrina, p.4B, 17 jan. 2004.

SILVA, Armando. **Álbum de família**: a imagem de nós mesmos. São Paulo: Senac, 2008.

SILVA, Silvana Louzada da. **Prata da casa**: fotógrafos e fotografia no Rio de Janeiro (1950-1960). 2009. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense - Niterói. 2009.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio a Castelo (1930-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

TEIXEIRA, Juliana de Oliveira; BONI, Paulo César. **Revista do Ginásio Londrinense**, “a voz da mocidade” estudantil de Londrina em tempos de guerra e ditadura. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

TRIGUEIROS FILHO, Marinósio; TRIGUEIROS NETO, Marinósio. **História da imprensa de Londrina**: do baú do jornalista. Londrina: UEL, 1991.

DOCUMENTAÇÃO

20º ANIVERSÁRIO da instalação do município de Londrina. **A Pioneira**, Londrina, março-abril de 1954. Ano VI, número 15. p.35.

AOS NOSSOS Leitores. **A Pioneira**. Londrina, setembro-outubro de 1951. Ano III, Número 9. p.32.

A "PIONEIRA" recebida pelo Presidente da República. **A Pioneira**. Londrina, julho-agosto de 1948. Ano I, Número 2.p.12).

A PROCURA de "A PIONEIRA" ultrapassa as fronteiras do estado. **A Pioneira**. Londrina, julho-agosto de 1948. Ano I, Número 2. p.4.

AS ELEIÇÕES em Londrina. **Paraná-Norte**, Londrina, 19 nov. 1947.

ATENDENDO a convite da direção... **Paraná-Norte**, Londrina, 1 jan. 1946.

CALMA Gente! **Revista-Jornal**. Londrina, mar.1946.

CRÍTICA severa à administração do ex-prefeito Aquiles Pimpão. **Paraná-Norte**, Londrina, 10 jun. 1945.

DEPOIS de 4 anos... **A Pioneira**, Londrina, julho-agosto de 1952. Ano V, número 11. p.3.

DETALHES sobre a tragédia da R. Mato Grosso. **Paraná-Norte**, Londrina, 13 fev. 1947.

EM DESPEDIDA... **Paraná-Norte**, Londrina, 18 jan. 1942.

GERÊNCIA do 'Paraná-Norte'. **Paraná-Norte**, Londrina, 26 out. 1941.

"JEEP", o amigo de todas as horas. **A Pioneira**, Londrina, maio-junho de 1951. Ano III, número 8. p.10.

LEITOR amigo. **Paraná-Norte**, Londrina, 31 dez. 1944.

MAIA, Otávio. AOS LEITORES. **Revista-Jornal**. Londrina, mai.1946.

MAIS um número... **Revista-Jornal**. Londrina, set.-out. 1946.

NÓS, os gazeteiros. **Paraná-Norte**, Londrina, 6 maio 1945.

NOSSOS colaboradores. **A Pioneira**. Londrina, julho-agosto de 1950. Ano III. Número 7. p.60.

NOVO gerente. **Paraná-Norte**, Londrina, 4 fev. 1940.

O CLICHÊ... **Paraná-Norte**, Londrina, 26 out. 16 jul. 1947.

O NOSSO aniversário. **Paraná-Norte**, Londrina, 9 out. 1940.

OS FATOS comprovam a eficiência de A Pioneira como veículo de Publicidade. **A Pioneira**. Londrina, julho-agosto de 1948. Ano I, Número 2. p.70).

O RETRATO do Norte do Paraná. **A Pioneira**. Londrina, maio de 1948. p.3.

PARANÁ-NORTE. **Paraná-Norte**, Londrina, 18 out. 1934.

PARANÁ-NORTE: mais uma etapa vencida. **Paraná-Norte**, Londrina, 9 out. 1947.

PELA redenção do Brasil, pelo império da democracia em nossa pátria, votai em Eduardo Gomes. **Paraná-Norte**, Londrina, 29 nov. 1945.

PUPO, Barbosa; PUPO, Jacira Godói Barbosa. O conforto e o bom gosto nos lares norte paranaenses. **A Pioneira**. Londrina, maio de 1948. Ano I, Número I. p.45-48.

_____. A necessidade de uma estrada pavimentada. **A Pioneira**. Londrina, julho-agosto de 1950. Ano III, Número 7. p.4.

_____. A valorização do homem pela sua obra. **A Pioneira**. Londrina, setembro-dezembro de 1948. Ano I, Número 3 e 4. p.3.

_____. Quer o norte do Paraná divulgar o seu esplendor? **A Pioneira**. Londrina, maio-junho de 1951. Ano III, Número 8. p.4.

PUPO, Barbosa; GERALDO, José. Freya e Londrina: duas jovens que cresceram juntas. **A Pioneira**. Londrina, maio de 1948. Ano I, Número I. p.5-14.

SOARES, Guilherme Ribeiro. AO LEITOR. **Revista-Jornal**. Londrina, mar.1946.

_____. Êste número. **Revista-Jornal**. Londrina, abr.1946.